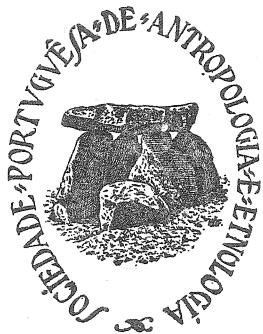


TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. II

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR, FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN, INST. PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
E CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES



PORTO — 1982

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

PRESIDENTE

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR
Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. da Univ. do Porto

Res. Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde

VICE-PRESIDENTE

ABEL SAMPAIO TAVARES
Prof. apos. da F. M. da Univ. do Porto

Res. Rua de Tânger, 1661-2.º E — 4100 Porto

SECRETARIO

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO
Naturalista da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua Germano de Paiva, 41 — 4450 Matosinhos

TESOUREIRO

ROGÉRIO AZEVEDO
Arq. e Prof. jub. da Esc. Sup. de Belas-Artes do Porto

Res. Avenida Marechal Gomes da Costa, 1411 — 4100 Porto

VOGAL-BIBLIOTECARIO

OSVALDO DA SILVA FREIRE
Assistente da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua de D. Manuel II, 104 — 4000 Porto

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

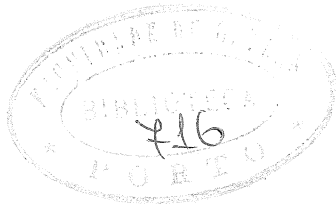
Antropologia e Etnologia

Publicação da

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. II

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR,
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN E CAMARA MUNICIPAL DE CHAVES



PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO



597139

39(05)
4R...

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Presidente da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia,
Antigo Director do Instituto de Antropologia da F. C. U. P.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia foi criada no Porto em reunião feita na Faculdade de Ciências no dia 26 de Dezembro de 1918.

Isto significa que a Sociedade existe há quase 64 anos.

Não há nascimento sem gérmen e sem condicionalismos apropriados à sua evolução.

O gérmen da Sociedade de Antropologia, pode afirmar-se, não surgiu propriamente em 1918. É mais antigo. Vem de trás e o seu período de maturação estendeu-se pelos anos que decorreram entre 1903-1908, datas da publicação dos dois grossos volumes da PORTUGALIA ⁽¹⁾, e 1918, data em que nasceu a Sociedade de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

⁽¹⁾ *Portugalia — Materiais para o estudo do povo português* — Pola Grey, — Director Ricardo Severo; Redactor em chefe Rocha Peixoto — Secretário Fonseca Cardoso; Tomo I, Porto, 1899-1903, 886 págs.; Tomo II, Porto, 1905-1908, 698 págs.

O seio materno que agasalhou o gérmen foi a nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto.

O Porto é não só a cidade laboriosa, onde o trabalho é timbre de honra e dignidade pessoal, mas é também a cidade que se ufana de acalentar as nobres manifestações de ordem espiritual e cultural.

No Porto viveram e trabalharam os gloriosos pioneiros da PORTUGALIA, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso e José Fortes.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia teve raízes germinais na PORTUGALIA, essa monumental revista que foi uma alvorada esplendorosa no culto das virtualidades do povo português.

Com os notáveis estudos nela publicados, mostrou-se que as raízes da nacionalidade portuguesa se inserem nos castros e citânias onde os nossos avoengos lusitanos hauriram a seiva das qualidades de valentia, corajosamente postas frente ao conquistador romano.

Mas a PORTUGALIA foi mais longe. Pelos seus estudos da pré-história, nomeadamente da cultura megalítica, mostrou que o gérmen do povo português vem mais de trás, é multi-milenário.

É que antas ou dólmenes, tão abundantes em Portugal e no Noroeste peninsular, testemunham um verdadeiro império de há mais de quatro mil anos, que, pela sua irradiação para norte, assinala, como disse Mendes Correia, uma velha talassocracia atlântica.

Se os elementos germinais são a base estrutural indispensável para que nasça o quer que seja, visto que não há nascimento sem gérmen, são no entanto necessários condicionalismos à sua evolução e à sua vivência.

Tais condicionalismos existiram. Por um lado, como já referi, por a cidade do Porto sempre acalentar as manifestações de ordem espiritual e cultural. Por outro lado, na época em que a Sociedade foi criada, a investigação científica era brilhante na nossa Faculdade de Ciências, com um Gomes Teixeira, um Ferreira da Silva, um Augusto Nobre e um Gonçalo Sampaio.

Observaram-se, é certo, os condicionalismos referidos. Mas foi a vontade decidida, o querer de Mendes Correia, que fizeram nascer a Sociedade Portuguesa de Antropologia.

Mendes Correia, homem de espírito superior, de personalidade forte e de inteligência viva, soube congregar à sua volta um grupo de homens superiores, Aarão de Lacerda, pai, Luís Viegas e Bento Carqueja, três distintos professores da nossa Universidade do Porto que, com Mendes Correia, constituíram o núcleo inicial da Sociedade.

A estes três professores se juntou um notável grupo de 30 sócios fundadores, que criaram mais um excelente condicionalismo ao crescimento vivedeiro da Sociedade de Antropologia.

Na acta da Assembleia Geral de 26 de Dezembro de 1918, lê-se, a pág. 5: «Aprovados os estatutos supra, foram pelo Senhor Mendes Correia apresentadas as adesões à nova Sociedade, dos trinta fundadores que o acompanharam na criação da Sociedade de Antropologia de entre os quais se indicam apenas os cinco seguintes, por mais directamente ligados às investigações no vasto campo das ciências antropológicas ⁽¹⁾.

Vergílio Correia — conservador do Museu Nacional de Arte Antiga e director da «Terra Portuguesa»;

Doutor Eusébio Tamagnini Matos Encarnação — professor de Antropologia da Faculdade de Ciências de Coimbra;

Doutor Baltasar Ozório — professor de Antropologia da Faculdade de Ciências de Lisboa;

Doutor Henrique de Vilhena — Prof. de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa;

Doutor José Leite de Vasconcelos — Prof. da Faculdade de Letras de Lisboa e do Museu Etnológico de Lisboa.

A evolução vivedeira da Sociedade de Antropologia deveu-se, essencialmente ao prestígio científico de Mendes

(1) No Vol. XXI, dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», dedicado ao Cinquentenário da Sociedade, nas págs. 39 e 40 pode ver-se a lista dos sócios fundadores.

Correia, e, em parte, também à estreita colaboração do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, do qual era então seu Director o consagrado anatomista Prof. Joaquim Pires de Lima.

A Sociedade de Antropologia criou-se, cresceu e medrou com o amparo do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências, e do de Anatomia da Faculdade de Medicina e também da Reitoria da Universidade do Porto.

O primeiro é hoje Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia e o segundo Instituto de Anatomia Dr. Joaquim Pires de Lima, em justa consagração destes dois cientistas, criadores e impulsionadores dos referidos Institutos.

A Sociedade de Antropologia criou-se e cresceu tão ligada ao Instituto de Antropologia que se julga pertinente dar conta de alguns passos da vida do Instituto, que, foi, por assim dizer, o pai da agremiação científica que tomou como lêma os estudos antropológicos e etnológicos (Raciologia, Etnografia e Arqueologia), não só do Portugal metropolitano mas também dos vários povos das terras do mundo que descobriu, e onde os portugueses exerceram a sua notável acção civilizadora e cristianizante (1).

No trabalho que agora elaboramos procura-se mostrar a irmandade da Sociedade de Antropologia e do Instituto de Antropologia, ou, melhor, a sua filiação no mesmo, tão estreitas foram sempre as mútuas relações quer sob a presidência do

(1) Foi ampla a contribuição da Sociedade de Antropologia nos estudos antropológicos do Ultramar.

Sob o impulso de Mendes Correia foram criadas as Missões Antropológicas de Moçambique e da Guiné, cujas chefias foram entregues a dois sócios da Sociedade de Antropologia; a de Moçambique a mim e a da Guiné ao Prof. Amílcar Mateus.

Na Missão de Moçambique fiz 6 campanhas de trabalhos de campo em África, em 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955.

Esta Missão em plena actividade, publicou cerca de 60 trabalhos, meus e dos meus colaboradores, companheiros na Missão. Foi pena que tenha sido extinta, ex-abrupto, um ano antes de terminar o quinquénio que lhe havia sido superiormente estabelecido. A minha insistência em pedidos

Prof. Mendes Correia quer a do Prof. Hernâni Monteiro (este sucessor de Mendes Correia) quer ainda, e também, nos anos em que fui concomitantemente Director do Instituto e Presidente da Soc. de Antropologia.

repetidos para continuarem os trabalhos de gabinete em aproveitamento dos muitos materiais em arquivo, não foi superiormente atendida.

O meu entusiasmo e dedicação pelo estudo do Ultramar continuaram, depois de Moçambique, em Angola.

Fui para Angola em Janeiro de 1969, em Comissão de Serviço, como Prof. de Zoologia e Antropologia da recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, Regressei à metrópole em Junho de 1971, jubilado, por em 21 de Maio desse ano ter atingido o limite de idade.

Por novo convite do Prof. Ivo Soares, então Reitor da Universidade de Luanda, voltei em Novembro de 1971 como investigador. Regressei em Junho de 1972.

Nos últimos dias de Março e primeiros dias de Abril de 1974 realizou-se em Lisboa o concurso para Prof. Catedrático de Bacteriologia e Parasitologia da Escola Superior de Veterinária de Nova Lisboa. Fui vogal do júri desse concurso, presidido pelo Prof. Fernando Real, então Reitor da Universidade de Luanda.

Num dos dias do concurso o Prof. Real gentilmente insistiu em que eu, na qualidade de Adjunto da Universidade, voltasse a Angola para continuar a trabalhar em Etnologia e Arqueologia, com alternância de trabalhos de campo em Angola e trabalhos de gabinete na metrópole.

Acedi e assentou-se que seguiria em Maio para um primeiro período de três meses de prospecção e colheita de materiais, para complemento de trabalhos lá iniciados ou já em meio fazer, alguns em colaboração com o Dr. Carlos Ervedosa, que foi meu dedicado Assistente na Universidade de Luanda.

Infelizmente com o 25 de Abril, data que resultou nada conveniente para o ensino universitário e para a investigação científica em Angola, o projecto da minha nova ida não pôde concretizar-se.

Alguns trabalhos sobre materiais colhidos nos três anos e meio que estive em Angola publiquei-os na revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e na Revista CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, criada pela Universidade durante a minha estadia em Angola, de que publiquei dois fascículos (1).

(1) No n.º 1 do Vol. I, Luanda, 1970, publicaram-se os seguintes trabalhos. *O Canário do Quanza, seus ninhos e ovos*, págs. 9 a 15, e 12 Figs. por J. R. dos Santos Júnior; *A new-leafhopper genus and species from Portugal, Lusitanocephalus sacarraoi gen. and sp. n.* (Homoptera: Cicadellidae, Deltocephalini, págs. 17-23, e 11 Figs. por J. A. Quartau; *Um caso de albicismo em Ploceus velatus velatus Vieillot*, pág. 25, 2 Figs. por Gil Duarte Ferraz de

O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
 «DR. MENDES CORREIA»
 DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
 DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A reforma universitária de 1911, criou na Faculdade de Ciências do Porto o ensino da Antropologia, que já existia em Coimbra, onde fora primeiro Professor desta cadeira o Dr. Bernardino Machado, mais tarde, Presidente da República. Era Ministro da Instrução em 1911 o Dr. António José de Almeida.

A cadeira de Antropologia no Porto, começou a funcionar em 1912, com Museu e Laboratório anexos. Foi encarregado da regência o Doutor Mendes Correia, que já durante o seu curso de medicina se preocupara com alguns problemas de natureza antropológica.

Em boa hora a regência da cadeira de Antropologia foi entregue a Mendes Correia.

As suas extraordinárias qualidades de inteligência e de trabalho, o seu pertinaz interesse por tudo quanto conduzisse

Carvalho; *Ornitologia das Ilhas Selvagens — 2.ª Campanha de estudos — 1969*, págs. 27-29, e 4 Figs. por J. R. dos Santos Júnior; *Estação arqueológica de Benfica — Luanda — Angola*, págs. 31-51, e 71 Figs. por J. R. dos Santos Júnior & Carlos M. N. Ervedosa; *Lunga culo da tribo dos Bassorongos*, por J. R. dos Santos Júnior, págs. 53-56, e 7 Figs.

No n.º 2 do Vol. I, Luanda, 1971, publicaram-se os seguintes trabalhos.

Contribuição para o estudo ornitológico do Distrito de Moçamedes — Angola, págs. 63-71, por Duarte Ferraz de Carvalho; *Agallia linnavuori n. sp., a New-Leafhopper from Portugal (Homoptera: Cicadellidae, Agallinae)*, págs. 73-79, e 12 Figs., por J. A. Quartau; *A case of interspecies Predation between two colubrid snakes from Angola*, págs. 81-86, e 6 Figs., por J. A. Quartau; *Antenarídeos de Angola — Contribuição para o seu estudo*, págs. 87-92, e 10 Figs., por Carlos J. C. de Azevedo; *Peixe raro na costa de Angola*, págs. 93-94, e 4 Figs., por J. R. dos Santos Júnior; *As pinturas rupestres do Canininguiri*, págs. 95-142, e 110 Figs., por J. R. dos Santos Júnior & Carlos M. N. Ervedosa; *As cobras nas lendas e tradições indígenas angolanas*, págs. 143-154, por J. R. dos Santos Júnior.

(1) O Prof. Mendes Correia, de seu nome completo António Augusto Esteves Mendes Correia, nasceu no Porto em 4 de Abril de 1888, e morreu em Lisboa em 7 de Janeiro de 1960. Estudou no Porto, sua cidade natal, a que muito queria, e foi aluno distinto quer no liceu quer na Faculdade de Medicina.

à compreensão integral do homem, e a sua fulgurante vivacidade de espírito, levaram-no à publicação duma série de trabalhos que atestaram a sua notável actividade científica.

Os méritos do Prof. Mendes Correia, foram bem atestados não só pelos trabalhos próprios, mas também pelo incitamento e amparo dado a trabalhos dos seus discípulos e dos directos colaboradores Alfredo Ataíde, Rui de Serpa Pinto e eu próprio.

Foi reconhecido que Mendes Correia era não só um bom Professor mas possuía também qualidades para criar escola, e assim o Decreto 9334 de 29 de Dezembro de 1923, nos termos da legislação universitária, estabeleceu que o Museu e Laboratório anexos à cadeira de Antropologia fossem considerados *Instituto de Investigação Científica*.

Note-se que desde 1911 até 1923, o Prof. Mendes Correia publicara 71 trabalhos.

A proposta para a criação do Instituto de Investigações Antropológicas, dirigido pelo Prof. Mendes Correia, foi apresentada na reunião do Conselho da Faculdade de Ciências em 27 de Julho de 1923 e aprovada por unanimidade pelo Senado Universitário em 15 de Novembro de 1923.

Foi sancionada pelo Decreto 9334, Diário do Governo, de 29 de Dezembro de 1923.

As considerações feitas pelo Prof. Luís Inácio Woodhouse, então Director da Faculdade, transcritas no Decreto, foram as seguintes:

«Esta proposta do Conselho é amplamente justificada pela lista de trabalhos publicados, quer sob a forma de livros, quer de memórias e artigos, demonstrativos da sua larga actividade de investigador e ainda provado pelo número de associações científicas de que faz parte e que têm um elevado conceito dos seus numerosos trabalhos».

O Decreto, a seguir a este parecer justificativo da proposta científicas de que faz parte e que têm um elevado conceito feita pelo Prof. Woodhouse, insere a lista dos 71 trabalhos que até àquela data o Prof. Mendes Correia publicara.

Quando fui nomeado director do Instituto de Antropologia, em reunião do Conselho da minha Faculdade, formulei a proposta para que ao Instituto fosse dado o nome do seu fundador e impulsionador. A proposta foi aprovada por unanimidade o que muito me congratulou.

Desde então o Instituto passou a ter como patrono o seu fundador e impulsionador e a designação de *Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*.

A um Instituto de Investigação compete importante papel na criação e na divulgação de ciência.

Foi dentro deste justo critério que, há anos, com a valiosa cooperação da Fundação Calouste Gulbenkian organizei os *Colóquios de Biologia* onde se fizeram lições e conferências não só de Antropologia, mas também de Zoologia e de Botânica.

Infelizmente não tive a desejada e solicitada cooperação da secção de Zoologia.

O Instituto de Antropologia desde 1918 tem colaborado na actividade da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que desde essa data funciona na Faculdade de Ciências, onde passou a ter a sua sede; alguns anos depois. A Biblioteca da Soc. de Antropologia foi incorporada na do Inst. de Antropologia.

O pessoal do Instituto, com o seu fundador e director na vanguarda, participou em muitas reuniões científicas no país e no estrangeiro. Além do ensino universitário tem realizado conferências e cursos livres em Sociedades e centros de instrução do Porto e de outras cidades de Portugal e de outros países, bem como das nossas províncias ultramarinas.

Em 1916 o Prof. Bethencourt Ferreira efectuou na Faculdade um curso livre Antropologia Criminal.

Em 1933 o Prof. Mendes Correia e o Assistente Dr. Alfredo Ataíde fizeram um curso de Antropologia na Faculdade de Medicina do Porto.

O Prof. Mendes Correia fez 14 lições e conferências sobre Antropologia no Rio de Janeiro e em São Paulo por iniciativa das respectivas Universidades.

Uma sua conferência, feita no Porto entre as conferências preliminares da Exposição Colonial, tratou das *Raças das Colónias Portuguesas*.

Eu mesmo, como chefe da Missão Antropológica de Moçambique, fiz algumas conferências em Lourenço Marques, Beira, Tete e Porto Amélia e ainda na Universidade Central de Madrid e no Institut International d'Anthropologie de Paris.

AS INSTALAÇÕES DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Com a criação da cadeira de Antropologia em 1912 criou-se também um Museu e Laboratório que foram instalados no recanto sudeste do último andar do edifício da Faculdade, nas instalações que, no projecto do edifício, se tinham destinado a residência do guarda.

Eram cinco divisões. Numa sala instalou-se o gabinete do Director e Biblioteca; outra tinha estantes onde se arrumava a colecção, quase totalmente identificada, de crânios e esqueletos portugueses, e que, ao mesmo tempo, servia de gabinete de trabalho do Assistente e do Conservador; uma terceira sala, a maior, tinha em exposição as colecções de Pré-história e de Arqueologia; na sala de entrada do Instituto expunham-se as colecções de Etnografia e de Antropologia Colonial; ao lado, na quinta sala, era o Laboratório onde frequentei Antropologia, de que o Mestre Mendes Correia foi nosso Professor e Assistente.

Aquelas instalações eram acanhadas. Insuficientes para arquivo das colecções obtidas pelo Instituto e para a sua conveniente exposição nas duas pequenas salas do Museu.

Sob a superior orientação do Mestre Mendes Correia, pode quase dizer-se que se realizavam prodígios para acomodar

aquelas acanhadas instalações às exigências do trabalho pedagógico e científico, e ao arquivo, conveniente arrumo e exposição dos materiais colhidos em trabalhos de campo.

Como preparador-conservador que fui do Instituto, e naquelas primeiras instalações, sei bem as dificuldades que a cada passo surgiam e tinham de se resolver com os poucos elementos de que dispunhamos.

Escreveu o Prof. Mendes Correia que foi «em péssimas condições de instalação» que naquele Instituto se trabalhou tanto, pelo menos, como naqueles Institutos bem apetrechados».

Depois, em 1935, o Instituto mudou-se para a sobreloja de parte da fachada poente do edificio da Faculdade de Ciências, onde se instalaram a secretaria do Instituto, os gabinetes do Director, do Naturalista, do Assistente e do Conservador, a biblioteca e a sala de aulas e de trabalhos práticos. Havia mais uma sala interior, sem janelas, que passou a servir de armazém e arquivo. Ao Instituto foram atribuídos mais dois salões. Um grande, com galeria, que tinha sido o salão nobre da Faculdade de Engenharia quando esteve instalada no edificio da Faculdade de Ciências, antes de se transferir para edificio próprio, na Rua dos Bragas.

O outro mais pequeno no rés-do-chão foi a sala das oficinas da mesma Faculdade de Engenharia. No salão maior instalou-se o Museu metropolitano; no salão mais pequeno o Museu Ultramarino. Nele avultavam os materiais colhidos pela Missão Antropológica de Moçambique, que chefei durante 20 anos, e pela Missão Antropológica da Guiné que foi chefiada pelo Prof. Amílcar de Magalhães Mateus (1).

Quando fui nomeado director do Instituto, na convicção, em que há muito estou, de que um museu fechado é um contra-senso, pretendi abrir ao público estes dois salões do Museu, instalados em corpos diferentes do edificio e separados um do outro mais de 50 metros.

(1) É lamentável que este pequeno salão tenha sido cedido, há poucos anos, esta cedência obrigou a desfazer o Museu Ultramarino.

Durante anos sucessivos pedi, insistentemente, dois guardas ou contínuos para a abertura conjunta dos dois salões.

Deram apenas um guarda. Foi considerado conveniente aguardar a nomeação dum segundo guarda, para se abrir ao público todo o museu, isto é, fazer-se a abertura concomitante do salão metropolitano e do salão ultramarino.

Tanto as instalações do Museu como as dos restantes serviços do Instituto eram insuficientes.

O museu e a biblioteca já se estendiam pelos corredores.

Havia colecções em arquivo para as quais o Instituto não dispunha, já não digo as condições para a sua conveniente exposição, mas nem sequer para a sua conservação. Algumas podiam correr o risco de se perder, por absoluta falta de meios para a sua manutenção dentro dos elementares princípios museológicos.

Foi pena que se não tivesse pensado a sério na criação do Museu de História Natural da Universidade, como preconizei em comunicação que apresentei no 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais em 1941 (1) e que então se poderia ter instalado em edifício a construir na velha praça do peixe ao fundo do Jardim da Cordoaria, onde hoje se ergue o Palácio da Justiça.

O grande Museu de História Natural faria sair do edifício da Faculdade os museus de Zoologia, de Antropologia e de Mineralogia que passavam a ficar convenientemente instalados, e a Faculdade ganharia espaço para as suas necessidades escolares, pois já então era notória a insuficiência de salas de aula, de trabalhos práticos e de gabinetes de trabalho do pessoal docente e técnico.

As actuais instalações do Instituto de Antropologia até 1971, todas elas eram duma insuficiência confrangedora. A Biblioteca, que tem incorporados os livros da Sociedade Portuguesa de Antropologia, transbordou e derramou-se pelos corredores, o

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Museu de História Natural da Universidade do Porto*, in «Actas do I Congresso de Ciências Naturais, Lisboa, 1941, págs. 329-332, 2 Figs.

mesmo sucedeu com o museu. Dentro de pouco os próprios corredores e os vãos das janelas atingiriam a saturação.

Havia pois que pensar na criação de mais espaços indispensáveis ao natural crescimento e expansão do Instituto de Antropologia, para conveniente instalação do seu sector escolar, Biblioteca e Museu.

PESSOAL DO INSTITUTO

O pessoal permanente então (1971) atribuído ao Instituto, respectivo Laboratório, Museu e ao ensino da Antropologia, era: um Professor-Director, um Professor extraordinário, um Assistente, um Naturalista, um Preparador-Conservador, um Catalogador do Museu e Laboratório, um contínuo e um guarda.

O Professor extraordinário e o Assistente eram comuns ao ensino da Zoologia, visto que a Antropologia ainda não fora individualizada, continuava ligada à Zoologia, ambas constituindo o 3.º grupo da secção de Ciências Naturais da Faculdade de Ciências.

Nas últimas malfadadas reformas das Faculdades de Ciências, a Antropologia continuou tal e qual como foi criada em 1911. Facto tanto mais para estranhar quanto é certo que a Antropologia em todo o mundo, e nomeadamente nas Universidades da América do Norte, atingiu há muito foros de justa individualização, com a criação de novas cadeiras e cursos de Antropologia Social, Antropologia Cultural, Genética Humana, Antropologia, Constitucionalística, etc. formando um importante grupo das Ciências Humanas.

Propus que este grupo das Ciências Humanas se organizasse na nossa Faculdade, de início, em paralelo com a Antropologia Cultural.

A Antropologia Cultural seria cadeira a criar. Aliás já esteve prevista a sua criação aquando do centenário de Almeida

Garrett (1). A Sociologia, que vinha a ser dada por Professor do departamento de Química, seria integrada com a Antropologia Geral e a Etnologia ou Antropologia Cultural a formar o grupo das Ciências Humanas. Nada consegui infelizmente, e por erro de visão, a minha proposta não foi sancionada (2).

O pessoal do Instituto era manifestamente insuficiente.

Nos anos em que fui seu director pedi a criação de mais pessoal técnico, mas em vão.

Impunha-se a criação de dois lugares de Naturalistas, dois ajudantes de Naturalistas, um Antropometrista, um colector, um catalogador da Biblioteca e ajudantes auxiliares de laboratório.

Além do pessoal permanente do Instituto ali trabalharam alguns alunos inscritos na cadeira de Antropologia na elaboração de trabalhos especiais complementares da sua frequência.

Ali trabalhou, e esteve instalado durante alguns anos, o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, no qual Jorge Dias e os seus colaboradores realizaram trabalhos altamente meritórios, muitos publicados na revista da Sociedade de Antropologia.

Vários colaboradores científicos temporários ali encontraram o conselho e o amparo do Mestre Mendes Correia e o ambiente necessário para a realização dos seus estudos.

Algumas teses de Medicina e outros trabalhos ali foram elaborados.

(1) Aquando do Centenário de Almeida Garrett, o Prof. Américo Pires de Lima publicou no Jornal de Notícias do Porto um artigo em que sugeria que na Universidade do Porto, terra natal do poeta, se criasse a cadeira de Antropologia Cultural ou Etnografia, consagrada a Garrett que foi o primeiro a estudar o nosso folclore.

(2) Numa reunião do Conselho da minha Faculdade expus as vantagens da criação da cadeira de Antropologia Cultural, anexa à de Antropologia Geral existente desde 1911, criação que seria, ao mesmo tempo homenagem à memória do grande portuense Almeida Garrett. Não consegui convencer os Professores da Faculdade, meus colegas, e o meu voto não foi aceite.

Uma dessas teses, *Grupos hemáticos nos portugueses*, por Adélia Seirós da Cunha, foi o primeiro trabalho publicado sobre os grupos sanguíneos nos portugueses.

Foi também no Instituto que o Dr. Cláudio Ferreira começou as suas investigações sobre a Reacção de Manoiloff.

Entre os mais prestantes colaboradores do Instituto, como escreveu o Prof. Mendes Correia, merece ser lembrado, com saudade e reconhecimento, Rui de Serpa Pinto, que foi distinto Assistente de Geologia da nossa Faculdade de Ciências, e um excelente e lealíssimo companheiro.

O INSTITUTO E A ANTROPOLOGIA DAS NOSSAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

Como o Prof. Mendes Correia escreveu na *Notice sommaire* do Instituto, distribuída em 1930 por ocasião do Congresso Internacional de Antropologia, realizado nesse ano no nosso país (Porto-Coimbra), ao Instituto «l'Anthropologie a toujours mérité um intérêt spécial. Oû a mis a profit les matériaux envoyés des colonies et spécialement les observations nombreuses, laissées inédites et encore sans coordénation par Fonseca Cardoso».

De facto o Prof. Mendes Correia soube utilizar os materiais enviados das nossas províncias ultramarinas por inteligentes e meritórios cooperadores.

Foram numerosas, e importantes, as observações colhidas por Fonseca Cardoso, glorioso redactor da monumental revista PORTUGALIA, e notável antropologista, que foi o criador da Antropologia Colonial, pois foi o primeiro a fazer estudos de somatologia étnica dos povos e raças das nossas províncias ultramarinas.

Essas observações foram de etnografia do Moxico (Angola) e de antropologia dos Quiocos, Luimbés, Luenas, Lutchazes, Bimbundo, Andulos, Ambuelas-Mambundas e Camussequeres (de Angola) e timorenses de Okussi e Ambeno.

Em Angola Fonseca Cardoso fez mais de 400 observações antropológicas no vivo e em Timor mais de 100.

Estes quantitativos são importantes. As memórias publicadas por Mendes Correia sobre esses materiais, foram elogiadas por grandes antropologistas como Verneau e citadas com justo relevo por Montandon, Struck, etc.

O Museu possuía já um conjunto razoável de materiais provenientes da Guiné, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor.

Havia crânios e alguns esqueletos completos da Guiné, de Moçambique e da Índia portuguesa e alguns crânios de indígenas de Angola.

Em Etnografia, o museu possuía, além dos materiais colhidos pelas Missões Antropológicas da Guiné e de Moçambique, bastantes materiais de todas as nossas províncias ultramarinas.

Alguns desses materiais são peças de grande valor artístico e cultural que têm sido fotografadas e estudadas por alguns atnógrafos estrangeiros.

Muitos desses materiais foram oferecidos por vários colonialistas e suas famílias.

A pré-história ultramarina estava representada por achados da Guiné, descobertos pelo Prof. Amílcar Mateus, algumas peças isoladas de Angola e por abundante material paleolítico de várias estações descobertas em Moçambique pela minha Missão Antropológica.

Estavam em arquivo no Instituto de Antropologia algumas reproduções a cores, em tamanho natural, de algumas pinturas rupestres por nós estudadas em Moçambique. Entre elas as pinturas da serra Chicolone onde em consequência dum ataque por enxame de abelhas sofreu uma queda de 13 ou 14 metros de altura dum penedo onde estudava umas pinturas animalistas.

A suspensão ex-abrupto dos trabalhos de Gabinete da minha Missão Antropológica de Moçambique não permitiu prosseguir no estudo, para publicação, dos muitos materiais em arquivo no Instituto.

Do Instituto e por iniciativa do Prof. Mendes Correia saíram duas Missões Antropológicas, a da Guiné, chefiada pelo Prof. Amílcar Mateus e a de Moçambique que chefei durante 20 anos.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia, da qual o Prof. Mendes Correia era Presidente, aquando da exposição Colonial do Porto em 1934, tomou a iniciativa de organizar o 1.º Congresso de Antropologia Colonial, ao qual foram apresentados grande número de trabalhos que estão publicados nos dois volumes das Actas desse Congresso.

Na Exposição Colonial do Porto de 1934 o Instituto, com a colaboração dos alunos de Antropologia e de outras pessoas, fez o estudo antropológico dos indígenas ali reunidos.

Observaram-se caracteres descritivos e antropométricos, grupos sanguíneos, metabolismo basal, e alguns caracteres fisiológicos e psicológicos em 313 nativos da Guiné, de Angola, de Moçambique, da Índia portuguesa, de Macau e de Timor.

O interesse do Instituto pelo estudo da Antropologia das nossas províncias ultramarinas foi atestado pelos trabalhos do seu pessoal permanente ou temporário ou pelos trabalhos que diligenciou imprimir e foram os seguintes, publicados nas págs. 20 e 21 do seu trabalho *O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação científica colonial*.

1. A. A. Mendes Corrêa — *Sobre três crânios de negros Mossumbes*, Pôrto, 1915.

2. Idem — *Timorenses de Okussi e Ambeno (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso)* — «Anais da Acad. Polit. do Pôrto», Coimbra, 1916.

3. Idem — *Antropologia timorense* — «Revista dos Liceus», Pôrto, 1916.

4. Idem — *Antropologia angolense — I — Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchases (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso)* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Lisboa, 1916.

5. Idem — *Sôbre alguns crânios da Índia Portuguesa* — «Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto», Pôrto, 1917.

6. Idem — *Antropologia angolense — II — Bi'n'Bundo, Andulos e Ambuelas-Mambundos (Notas antropológicas sôbre*

observações de Fonseca Cardoso) — «Archivo de Anat. e Anthr.», Lisboa, 1918.

7. Idem — *Notas antropológicas sôbre os Luangos da região dos Dembos* — «O Instituto», Coimbra, 1922.

8. Américo Pires de Lima — *Contribuição para o estudo antropológico dos Indígenas de Moçambique* — «Anais Sc. da Fac. de Med. do Porto», vol. IV, Pôrto, 1918.

9. Idem — *Notas etnográficas do Norte de Moçambique* — «Anais Sc. da Fac. de Med. do Porto», vol. IV, Pôrto, 1918.

10. Fonseca Cardoso — *Em terras do Moxico. Apontamentos de etnografia angolense* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», Pôrto, 1919.

11. J. Bethencourt Ferreira — *Notas craniológicas sôbre alguns crânios indianos* — «Arch. de Anat. e Anthrop.», Lisboa, 1926.

12. A. A. Mendes Corrêa & Alfredo Ataíde — *Contribution à l'Anthropologie de la Guinée Portugaise* — «C.-R. du XV.º Congrès Intern. d'Anthr. et d'Archéologie Préhistorique — Coimbra-Pôrto, 1930», Paris, 1931.

13. Rui de Serpa Pinto — *Prehistória angolense* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», t. IV, Pôrto, 1931.

14. Idem — *La préhistoire de l'Afrique Portugaise* — «C.-R. du Congrès de Paris de l'Institut Intern. d'Anthr., 1931» — Paris, 1933.

Na revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, que desde 1918 teve as suas reuniões científicas na Faculdade de Ciências do Porto, e cuja sede é, desde há muitos anos, na mesma Faculdade, além dos estudos mencionados na lista que acabamos de dar, publicaram-se outros estudos sobre Antropologia do nosso Ultramar dos Srs. Tenente-Coronel Leite de Magalhães, do Major David Magno e bem assim dos Professores Hernâni Monteiro, Luís de Pina, Sousa Pereira e Álvaro Rodrigues e Dr. Constância de Mascarenhas. Os do Prof. Hernâni Monteiro e seus referidos discípulos baseados em investigações realizadas no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto dirigida pelo Prof. Joaquim Pires de Lima.

Este grande anatomista e os referidos investigadores, em palavras do Prof. Mendes Correia, deram à Antropologia das nossas províncias ultramarinas, especialmente em craniologia e na Antropologia das partes moles uma contribuição valiosa e dedicada.

Ao 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, pelo pessoal e colaboradores do Instituto, entre os quais alguns alunos da Antropologia foram apresentados os 26 seguintes trabalhos que na sua maior parte se baseavam em observações realizadas pelo pessoal do Inst. ou por sua orientação, e incidiram nos 313 indígenas reunidos na Exp. Col. Portug. feita no Porto em 1934.

1. A. A. Mendes Corrêa — *Os mestiços nas colónias portuguesas.*
2. Idem — *Valor psico-social comparado das raças coloniais.*
3. Idem — *Ruínas arqueológicas de Zimbábue e a arqueologia de Moçambique.*
4. J. Bethencourt Ferreira — *Sistemática etnológica de algumas populações indús.*
5. Idem — *Sôbre emblemas de carácter ritual.*
6. Idem — *Acêrca de tatuagens em relêvo.*
7. Alfredo Ataíde & Luís de Pina — *Correlação entre o ângulo da inserção da orelha e o ângulo facial.*
8. Alfredo Ataíde — *Fonseca Cardoso e a Antropologia Colonial.*
9. Idem — *Tempos de reacção nos indígenas das colónias portuguesas.*
10. Idem — *Ergografia nos indígenas das colónias.*
11. Joaquim R. dos Santos Júnior — *Contribuição para o estudo dos grupos sanguíneos nos indígenas das colónias portuguesas.*
12. Idem — *Rui de Serpa Pinto e a Arqueologia de Angola.*
13. Luís de Pina — *As impressões digitais nos indígenas coloniais portugueses.*
14. Idem — *Miologia étnica: os músculos gémeos da perna dos negros.*

15. Idem — *Tipos constitucionais nos negros africanos.*
16. Idem — *Teses médicas portuguesas sôbre assuntos coloniais.*
17. Ângelo Maia Mendes — *Correlação entre a estatura e o índice cefálico nos Negros.*
18. Idem — *Correlação entre o índice cefálico e o índice torácico nos Negros.*
19. Fernando Pires de Lima — *Contribuição para o estudo da arte indígena de Moçambique.*
20. Amílcar de Magalhães Mateus — *Cânones antropométricos em indígenas masculinos das colónias.*
21. Idem — *A habitação indígena em Angola.*
22. Jorge A. Martins d'Alte — *Índice esquelético nos indígenas das Colónias.*
23. Arnaldo Roseira — *Índice bárioico nos indígenas das colónias.*
24. Idem — *Notas folklóricas sôbre S. Tomé.*
25. Leopoldina Ferreira Paulo & Emília Duarte de Oliveira — *Cânones antropométricos das mulheres indígenas das colónias.*
26. Maria Adelaide Areosa — *A visão das côres nos indígenas das colónias.*

Até 1971, data em que atingi o limite de idade e deixei de ser Director do Instituto, sempre trabalhei procurando seguir a rota que vinha sendo seguida por Mendes Correia e seus colaboradores.

O Instituto, como o Mestre havia dito e me permito repetir, trabalhou tanto, pelo menos, como alguns Institutos bem instalados e bem apetrechados.

Com o pouco pessoal que dispunha trabalhou em todos ou quase todos os capítulos da Antropologia.

Mas há ainda muito, mesmo muitíssimo a fazer em todos eles e em novos capítulos.

O Instituto, depois da morte de Mendes Correia em 1960, não deixou de prosseguir na patriótica tarefa do estudo do povo português, que era multirracial e multicontinental.

O Instituto tem-se esforçado em estudar o nosso povo nos aspectos somático, biopsíquico e nos seus usos e costumes, ou seja na sua Etnografia, usos e costumes que Almeida Garrett no seu livro *Viagens na minha terra* exalta nos seguintes termos: «o que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas... O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros».

Garrett foi, sem a menor dúvida, um grande apaixonado de muitos aspectos do nosso folclore.

Em *Obras completas de Almeida Garrett*, grande edição popular ilustrada, em 2 grossos volumes, prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Theophilo Braga, no Vol. I, Lisboa, 1904, de 836 págs., há o capítulo «Romanceiro».

Neste capítulo Garrett publica nada menos de 37 xácaras ou «romances» populares.

O n.º 1 é o da *Bela Infanta* e o último, o 37.º é *O Marquez de Mântua*.

Cito apenas alguns dos mais correntes na tradição popular da metade norte do nosso país: *Donzela que vai à guerra*, *A nau catrineta*, *Dom Beltrão*, *Dom Gaifeiros* e a *Peregrina*.

Em todos os 37 romances populares, Garrett faz eruditas e justas considerações em estudo de Etnografia pura e comparada, ou seja de precisa e recta Antropologia Cultural, matéria em que Garrett foi um precursor, além do mais que muito exalta os seus estudos das manifestações populares que estudou.

Isto bem merecia, como manifestou o Prof. Américo Pires de Lima, em artigo publicado no «Jornal de Notícias», e como atrás referi, a criação na Universidade do Porto, de uma cadeira de estudos científicos populares em homenagem à memória de Garrett.

A proposta que nesse sentido fiz ao Conselho da minha Faculdade de Ciências, não obteve o acordo dos colegas, o

que, repetindo o que disse atrás, considero ter sido um erro profundamente lamentável.

O meu sucessor na cátedra de Antropologia e no Instituto, o Prof. Machado Cruz, honra lhe seja feita, conseguiu aumentar o quadro do pessoal e as respectivas dotações, o que permitiu alargar as condições de trabalho.

O Instituto e a Sociedade de Antropologia continuam irmanados, tanto que a biblioteca da Sociedade está integrada na do Instituto.

O Instituto, com o pessoal que agora dispõe, poderá, folgadoamente, continuar no desempenho das atribuições que lhe são inerentes.

É de esperar que as tarefas não só prosseguirão, mas, certamente, serão ampliadas.

Auxiliar e prestigiar o Instituto de Antropologia e a Sociedade de Antropologia, com ele irmanada, trabalhando cada vez mais e cada vez melhor, é certamente o intento de todos quantos trabalham no Instituto no vasto campo das investigações antropológicas, missão que nobre e patrioticamente lhes compete.

Assim proceder será a melhor maneira de prestar homenagem à memória do patrono do Instituto, o talentoso investigador de relevantes qualidades que foi o grande Mestre Mendes Correia, cuja obra quer no âmbito da nossa Faculdade de Ciências quer da nossa Universidade, avultará com o tempo, como um nobre exemplo de amor ao trabalho, sempre com o espírito atento e os olhos postos em alevantados ideias de paz, de amor e de justiça.

Trabalhos especiais dos alunos do curso de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. U. P.,
Antigo Director do Inst. de Antrop.
Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Ethnologia

*A memória do querido Mestre Prof. Mendes
Correia, criador e impulsionador da Escola
Antropológica da Universidade do Porto.*

O. D. C.

Na regência da cadeira de Antropologia na Faculdade de Ciências do Porto, seguindo as pisadas do Prof. Mendes Correia, que em 1920-1921 foi meu Professor e Assistente de Antropologia, sugeri aos meus alunos, tal como nos tinha feito o Mestre Mendes Correia ⁽¹⁾ a elaboração de trabalhos de investigação

⁽¹⁾ Muitas vezes no fim das aulas, em conversa amena com os alunos, sem a rigidez hierárquica de Mestre, antes, digamos, como camarada mais velho, Mendes Correia ia-nos sugerindo temas de várias naturezas na vastidão e complexidade do âmbito de estudos antropológicos. Foi assim que o Mestre ao saber que eu ia passar algumas quadras de férias na pequenina e bem característica aldeia de S. Pedro, anexa da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro e distrito de Bragança, me orientou e ajudou a levar por diante o estudo Antropológico e Etnográfico da população de S. Pedro.

peçoal, fora e além da série regulamentar dos trabalhos práticos, estes feitos como complemento e em paralelo com as aulas teóricas.

Mendes Correia apresentou ao Congresso Luso-Espanhol de Ciências efectuado no Porto em Junho de 1921, a comunicação *Trabalhos dos alunos do Curso de Antropologia da Universidade do Porto* ⁽¹⁾.

No *Sumário* da pág. 3 indica a natureza dos assuntos escolhidos como temas dos trabalhos especiais, e os nomes dos alunos que os fizeram nos anos escolares anteriores a 1916-1917, e de 1916-1917 a 1919-1920 que a seguir se indicam.

Anteriores a 1916-1917 (J. A. Corrêa de Gouveia, C. Costa Maia, H. Cabrita Franco, A. Medina); *Notas de morfologia mandibular* (J. M. A. Proença).

Em 1916-1917: *Correlação entre a largura bicondiliária e a altura sinfisiana* (F. E. Vieira da Costa), e *entre aquela e a largura do ramo montante* (M. Moraes Afonso).

1917-1918: *Índice da conxevidade da abóbada frontal*.

1918-1919: *O índice esquelético e a braça em crianças portuguesas* (D. Laura S. Passos), e *A orelha em 112 soldados portugueses* (S. Nunes Victória).

1919-1920: *O índice do buraco coxal* (Augusto A. M. Medina), *o índice isquio-iliaco* (D. Diamantina E. Conceição), *o Índice da chanfradura sigmoideia do cúbito* (E. Ferreira de Sousa) e *o Índice de sínfise púbica nos portugueses* (D. Maria E. M. Medina).

Eu e os meus condiscípulos apresentamos no ano escolar de 1920-1921 os trabalhos seguintes:

Ilda S. da Cunha — *O índice facial superior*; Orlanda M. P. Cardoso — *O índice nasal*; Júlia C. F. de S. Baptista — *Correlação entre o índice facial superior e o índice nasal*; José A. B. S. Branco — *Elementos para o estudo da Antropologia de Trás-os-*

⁽¹⁾ A. A. Mendes Correia, *Curso de Antropologia na Universidade do Porto — Trabalhos dos alunos*, Porto, 1922, 27 págs.

-Montes; Joaquim R. dos Santos Júnior — *Estudo Antropológico e Etnográfico sobre a população de S. Pedro-o-Velho, Mogadouro.*

Nas págs. 5 a 9, M. C. faz justas considerações sobre a natureza e interesse dos estudos antropológicos do povo português da metrópole e dos nossos domínios no Ultramar.

Cita a propósito que «houve já um ministro que se lembrou de aplicar às populações indígenas das nossas possessões ultramarinas as belezas, as comodidades e as garantias do Código Administrativo do Continente, como se não houvesse a entrar em linha de conta com diversidades étnicas e psicológicas fundamentais» (1).

Quanto aos trabalhos especiais dos alunos, na pág. 5 lê-se: «Uma das funções primaciais do ensino universitário é a de criar nos alunos a iniciativa para a pesquisa original, estimulando-lhes a curiosidade e facultando-lhes os métodos e os meios d'investigação».

(1) A. A. Mendes Corrêa, *Antropologia angolana — II — Bi-n'bundo, Andulos e Ambuelas Mambundos*, in «Arquivos de Anatomia e Antropologia», Lisboa, 1918, págs. 283 e segs.

O desconhecimento da mentalidade, do modo do viver social, por vezes bem diferentes em tribos de vizinhança mais ou menos estreita, pode levar a interpretar o mesmo comportamento nas duas tribos como de conceito social similar, quando pode ser, e muitas vezes é, num caso considerado normal e corrente, e no outro caso não só censurável mas até sujeito a demanda litigiosa.

A propósito do desconhecimento de certas entidades governamentais, até da corografia das nossas possessões ultramarinas, conta-se que, pelos fins do século passado ou primeiros anos deste século, a um pedido da população do Zumbo (Moçambique) para lhe ser despachado um Padre para terem assistência espiritual e a consagrada missa dominical, a autoridade metropolitana exarou o seguinte despacho: É de satisfazer o pedido da população do Zumbo, pelo que seja concedido ao Padre de Tete o direito de binar.

Note-se que o Zumbo fica a cerca de 400 km de Tete, e isto passou-se à cerca de pelo menos 80 anos em que a caminhada se fazia de machila.

Claro que aos trabalhos dos alunos, embora orientados e mais ou menos acompanhados pelo Professor e pelo Assistente, algumas reservas se podem fazer quanto aos resultados obtidos. Deficiências que resultarão mais da inexperiência de quem começa, do que de quaisquer outras razões, nomeadamente da falta de probidade científica.

Na pág. 7, M. C. diz que apesar de reservas que possam fazer-se quanto ao valor científico das conclusões crê, no entanto, «que dos trabalhos feitos alguma coisa fica de positivo e útil, além do que eles significam como preparação e incentivo para investigações de maior monta».

Na mesma pág. 7 escreve: «Apesar estes senões congratulo-me com os resultados obtidos nesta acção pedagógica, e lamento que o alto custo das obras tipográficas não permite actualmente a publicação *in extenso* de alguns dos trabalhos referidos».

Das págs. 9 a 25, Mendes Correia ocupa-se dos trabalhos dos alunos dos cursos dos anos escolares de 1916-1917 a 1920-1921.

Faz para cada trabalho considerações quanto aos materiais observados, às técnicas seguidas, e às conclusões a extrair.

Quanto ao meu trabalho sobre a população de S. Pedro, pequena aldeia do concelho trasmontano de Mogadouro, na pág. 25 refere.

«Tirou fotografias, fez desenhos, observou indivíduos dos 2 sexos, e está concluindo a coordenação dos resultados obtidos. Espero, pelo interesse deste trabalho, lhe seja oportunamente dada a merecida publicidade» (1).

(1) Com o amparo do Mestre Mendes Correia e pela sua mão amiga, fiz, em sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia, uma conferência sobre os materiais estudados na pequena aldeia de S. Pedro, que depois foi publicada com o título *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)*, nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Fasc. 2.º do Vol. II, Porto, 1924, págs. 85 a 186, 5 Est. (fotografias) e 17 desenhos.

Tenho pensado em fazer novo estudo da população de S. Pedro, que desde 1924 até agora (estou a escrever em Maio de 1982), nos 58 anos

Nas págs. 25 a 27 realça a amplitude da Antropologia e as muitas relações dos seus estudos «com a Botânica, a Geologia, a Anatomia, a Medicina, o Direito, a Sociologia, a Arqueologia, a História, etc.», e preconiza seria preferível que a Antropologia e certos dos seus ramos como a Pré-história, a Antropologia Criminal e a Etnografia, «constituíssem um grupo ou secção autónoma no quadro das disciplinas das Faculdades de Ciências».

Tal propósito, pelo menos no que respeita à Etnografia, procurei concretizá-lo, mas em vão.

Aquando da consagração nacional de Almeida Garrett, o Doutor Américo Pires de Lima, que foi Professor de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, escreveu um artigo, que o «Jornal de Notícias» do Porto publicou, em que exaltava a figura do portuense ilustre que foi Almeida Garrett, e, sintetizando as manifestações da homenagem levada a cabo, dizia: de tudo resultou uma estátua.

Então, lembrando os notáveis estudos de Almeida Garrett que foi precursor no vasto campo das tradições populares, preconizava a criação na Universidade do Porto, em consagração de Garrett, de uma cadeira de estudo das condições e manifestações da vida do nosso povo, que se chamaria Etnografia ou Antropologia Cultural.

Após troca de impressões com o Prof. Américo Pires de Lima animei-me a apresentar e defender no Conselho da minha

decorridos, muito se modificou em alguns aspectos dos usos e costumes, ou seja da sua Etnografia.

Outras preocupações, e em grande parte a minha ida para Angola, em Janeiro de 1969, como Professor de Antropologia e de Zoologia da recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, de onde regressei em Junho de 1972, não permitiram concretizar o novo estudo que durante muitos anos pensei fazer e para o qual fui colhendo materiais.

O trabalho sobre S. Pedro, o meu primeiro trabalho publicado, originou a minha carreira universitária como antropologista, que prossegui com o amparo do querido Mestre Mendes Correia, ao qual vim a suceder na cátedra e a ser Director do Instituto de investigação científica, de que ele foi o fundador e impulsionador, e que, por proposta minha no Conselho da Faculdade, é hoje Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia».

Faculdade a criação dessa cadeira, que associada às cadeiras de Antropologia e da Sociologia, que eu vinha rogando há anos, formaria o grupo das Ciências Humanas, criação a propor ao Governo.

A minha proposta não teve a anuência do Conselho. Perdeu-se a oportunidade da criação do grupo das Ciências Humanas, que parece só iria engrandecer a Faculdade. Permito-me considerar como erro de visão, a atitude dos colegas em não anuírem à minha proposta ⁽¹⁾.

Na lista dos trabalhos especiais dos alunos de Antropologia, que se publica, ver-se-á que em alguns anos foram muitos os temas sobre usos e costumes populares das localidades de origem, algumas vezes das aldeias de que os estudantes eram naturais.

Durante anos a cadeira de Antropologia figurou apenas no curso de Ciências Histórico Naturais, frequentado pelos poucos alunos deste curso biológico.

Depois com a inclusão desta cadeira no curso de Ciências Geológicas, aumentou muito o número de alunos, que também aumentou quer neste curso quer no anterior. Daí o correspondente grande aumento do número de trabalhos especiais dos alunos que quase todos corresponderam à solicitação feita para a elaboração de tais trabalhos.

Em 9 de Junho de 1954 fiz concurso para Professor Cate-drático e em 29 do mesmo mês fui nomeado e tomei posse. Desde então passei a reger Antropologia até Janeiro de 1969, data em que segui para Angola em Comissão de Serviço como Prof. de Zoologia e Antropologia da recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

⁽¹⁾ Na reunião desse Conselho tive ensejo de dizer que, sem dúvida, a criação de outras cadeiras era perfeitamente justificável. Assim por exemplo a cadeira de *História das Matemáticas* «Dr. Gomes Teixeira», que talvez há muito devesse ter sido feita a proposta da sua criação.

Alguns anos antes de 1954 regeu a cadeira de Antropologia o Dr. Alfredo Ataíde que foi Naturalista do Instituto de Antropologia.

Tanto ele como a Assistente Doutora Lepoldina Paulo sugeriram aos alunos a realização de trabalhos especiais, acompanhando-os na sua elaboração.

Em troca de impressões com os meus alunos sugeria quase sempre temas de Antropologia Física, de Psicotecnia, de Arqueologia ou de Etnografia para que o aluno escolhesse o que fosse mais do seu agrado. Sempre que julgava conveniente fornecia-lhes indicações bibliográficas.

Recordo com muita satisfação a participação prestada por um grupo de meus alunos de Antropologia que acedendo ao meu convite levaram e apresentaram vários trabalhos à 2.^a Secção, por mim presidida, do *Congresso Internacional de Etnografia*, feito de 10 a 16 de Julho de 1963 em Santo Tirso, aquando da comemoração do centenário desta vila minhota (1863-1963).

Foram nada menos de 11 trabalhos apresentados em síntese de poucos minutos cada um.

As manifestações de apreço feitas pelos congressistas presentes aos trabalhos apresentados, pelos meus alunos constituíram para mim grande prazer, por ver o modo como os alunos foram apreciados e louvados. Ao mesmo tempo constituíram razão para prosseguir em cada ano no propósito de levar os alunos a realizarem trabalhos de investigação própria.

No ano escolar de 1966-1967 fiz na sala de trabalhos práticos do Instituto de Antropologia uma exposição dos trabalhos especiais (algumas centenas) espalhados por várias mesas.

Os visitantes, quase todos pessoal docente e discente da Faculdade de Ciências, puderam folhear os trabalhos e apreciar a rica documentação iconográfica de muitos deles em fotografias e desenhos.

*

Na repartição dos trabalhos por temas adoptei apenas quatro temas ou capítulos:

Antropologia Física, Psicotecnia, Etnologia;
Arqueologia e História;
Etnografia;
Vária.

No último capítulo referem-se os trabalhos que pela natureza do tema escolhido me pareceram não terem justo cabimento em qualquer dos outros.

1939-1940

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Breve contribuição ao Estudo Antropométrico do Povo de Barroso — Fernando Manuel Ramalhete Barbosa.

Relações entre o desenvolvimento intelectual e o crescimento físico de crianças em idade escolar — Sem indicação do nome do aluno.

Correlações inexplicadas e, talvez, inexplicáveis — Nénio Agripa.

1940-1941

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Estudo da estatura e do índice cefálico em algumas crianças portuguesas — Branca Rosa Ribeiro, Armindo da Conceição Soares e M.^a do Carmo F. Costa Pereira.

Algumas notas para o estudo da psicologia do Ex-libris — Heitor Dias Mateu de Rigaud Alves Rodrigues de Sousa.

Índice Cefálico. Índice Malar. Determinação das médias e respectivos desvios — José Eugénio Costa Corte-Real.

Observações de pigmentação, feitas em Vilarelho da Raia — Concelho de Chaves — Lídia da Cunha.

1941-1942

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Algumas medidas da estatura e do índice cefálico, em indivíduos do sexo feminino, frequentando a Universidade do Porto — M.^a Amélia Carvalho Cardoso & Rosa Cândida Soares Pereira da Silva.

Hereditariedade do índice nasal — M.^a Antonieta de Azevedo & Alcina Pereira Simões.

Observações feitas em todas as internadas da Associação Protectora da Infância e em alunas do Colégio de N.^a S.^a do Rosário desde os 7 anos até aos 18 anos — M.^a Helena Melo Pinto, Lúcia Cremilde Guedes Araújo, M.^a Lucinda Ennor da Rocha Ferreira.

Determinação da cor dos olhos e cabelos dos alunos e alunas da Escola Primária da Arrifana — Feira — M.^a Eugénia Rodrigues Amorim.

Determinação da estatura em crianças dos 7 aos 12 anos — Ivette Bonneville de Oliveira & Estela Soares Póvoas.

Determinação da sensibilidade táctil na palma e no dorso das mãos — Elisa Dolores dos Santos Pereira.

1942-1943

Etnografia

Inquérito sobre a Ciência Popular — Maria do Carmo Barroso.

1943-1944

Antropologia e Etnografia

Estudo Etnográfico e Antropológico da População de Ervedosa do Douro — Adriano Castro Monteiro.

1944-1945

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Hereditariedade — Estudo da transmissão dum carácter hereditário em três gerações — M.^a Alice d'Almeida Correia de Sousa.

Etnografia

Inquérito sobre qual o romancista que prefere — não indica o nome do aluno.

1951-1952

I — *Aplicação do teste t às medidas da estatura e índice cefálico em Fulas-fulas, Fulas-forros e Fulas-pretos*; II — *Análise da variância da largura nasal em Fulas-fulas e Bijagós (Bubaque)* — *Aplicação do teste t* — Margarida Maria Figueiredo Pias.

O saber popular — Maria Isabel Cabral da Costa e Almeida.

1952-1953

Considerações gerais sobre albinismo — não indica o nome do aluno.
Determinação da média e das diferenças das médias dos grupos Fula-fulas, Fulas-pretos e Fulas-forros do índice nasal e índice estatura — comprimento total da perna — Palmira Assunção Soares.

Saber popular — não indica o nome do aluno.

1953-1954

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Determinação do nível intelectual — Reinalda S. G. Malafaia.

Tipos Constitucionais — Crime — Saber Popular — Maria Teresa Vieira Tovar de Lemos.

Estudo do índice nasal no Tribo dos Macuas — M.^a Fernanda Gerales Gramaxo Rebelo e M.^a Amélia Fânzeres de Castro Fernandes.

Testes de Vermeylon — Maria Luísa Vaz Osório.

Contribuição para o estudo antropológico da tribo dos Cacongós — António do Lago Arrais Torres Magalhães.

Perfil Intelectual — M.^a Augusta F. Lopes Castro Garcia.

Grafologia — M.^a de Lourdes M. Carneiro.

1.º *A Criança*, 2.º *Crianças Delinquentes*, 3.º *Aplicação de Testes* —
M.^a Luísa Coelho Zuzarte Cortesão.

Determinação do Índice de Correlação entre outros Índices, etc. Tribo dos Cocandas — Mariana Fonseca de Carvalho.

Tipos Constitucionais de Cegos — Maria Ofélia Diogo Costa.

Contribuição para o estudo do crescimento de crianças de 8 a 9 anos —
Maria Antónia Fonseca Mota Freitas.

Estatística — M.^a Adelina d'Oliveira Ribeiro Carvalho.

Teste de Rorschach — Diana Marília G. Teixeira e Octávia de Brito Navarro.

Cânone Antropométrico de 100 Reclusos da Cadeia Civil do Porto —
Agostinho Farinha Isidoro.

Estudo do sentido do Tacto em Invisuais e Indivíduos Normais —
M.^a Cristina Rião Carvalho Matos.

Estudo sobre Psicologia Infantil — M.^a Alice de Castro Fernandes.

Etnografia

Breve estudo etnográfico sobre Ovar — M.^a José Duarte Pereira Gomes.
A Pelota em Freixo de Espada à Cinta — João Ernesto Teixeira.

1954-1955

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Contribuição para o Estudo Antropométrico da Criança de 7 e 8 anos —
Fernanda Guitart Pinto.

Estudo descritivo da orelha — Armando Gomes Rodrigues.

Contribuição para o Estudo do Crescimento da criança de 7 anos —
Georgette do Céu Domingos Alves.

Contribuição para o Estudo do Crescimento das crianças — M.^a Per-
pétua Silva Póvoas.

Orientação Profissional — M.^a Elisa Vasconcelos Alves de Sousa.

Por que é que a criança desenha — M.^a Elisa Oliveira Brás.

A Grafologia — M.^a Antónia Bérhan da Costa.

Etnografia

O Rancho das Rosas de Figueira da Foz — M.^a Beleza da Costa Simões
Calhau.

Arte Popular — Renda de Bilros — Adélia Vaz Correia.

- Corações de Filigrana* — Diana A. Lago Ferreira.
A Maia e o seu cortejo de oferendas — M.^a Odette B. Marques.
Bonecos de Barro de Barcelos — M.^a Odette da Silva.
Oleiros do Carvalhal de Loure — freguesia de Paranhos — Concelho da Guarda — Laura Elisa C. Serrano Faria.
O Avental no traje Vianês — M.^a Helena Correia de Borges.
O Lenço da Cabeça nas mulheres do Povo — M.^a Dilma de Castro Mota Freitas.
Estudo etnográfico de Vila Verde da Raia — Alberto Prata Vasconcelos Castelo.
A Ribeira de Viana do Castelo — M.^a Rosa Lomba Matos.

Arqueologia

- O Dolmen do Carvalho do Rei* — Dinis Carlos d'Almeida Santiago Sottomaior.
Citania de S. Julião de Caldelas — Miguel d'Almeida Coutinho Sottomaior Lobo d'Ávila.

1955-1956

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

- Correlação entre braço e comprimento da cabeça (100 casos)* — Jaime Joaquim Pereira da Silva.
Biotipologia (em 75 universitários) — Maria Olímpia da Cunha Pimenta.
Determinação do perfil intelectual pelo teste de Yerkes (18 casos) — Dorinda Vieira dos Santos Costa.
Correlação entre dois caracteres merísticos, entre a largura da cabeça e o comprimento do dedo médio da mão direita — Jorge de Freitas Mesquita.
Estudos dos perfis faciais — Conceição Lourdes Fernandes Paiva.
Contribuição para o estudo do índice de robustez em crianças do sexo masculino dos 10, 12 e 13 anos — Augusto Queiroz Sampaio.

Etnografia ou Antropologia Cultural

- Ermelo em esboço etnográfico* — Maria Beatriz Moraes.
Arouca e a sua festa das colheitas — Maria Salomé Fernandes de Sousa Dias.
Nótulas histórico etnográficas sobre o linho na região de Arouca — Maria Magnólia Golegã Figueira.

- Duas danças em Valongo: Dança dos mineiros e Dança dos pretos* — J. A. de Queirós Paupério.
- Barcelos e a sua louça* — António Moniz Arriscado de Carvalho Amorim.
- Os púcaros de Bisalhães* — Maria Luís Martins Teixeira.
- Breve estudo etnográfico sobre os pescadores de Matosinhos* — Rui José Filgueira Esteves.
- Miranda do Douro em esboço etnográfico* — Olema Rodrigues Moita Marrano.
- Breve estudo etnográfico sobre Veiga, freg.^a da Cumieira, concelho de Santa Marta de Penaguião* — António Alberto Queiroz Rebelo.
- Estudo etnográfico do concelho de Olhão* — João António Martins.
- Breve estudo etnográfico da cidade de Pinhel* — Suzete da Cunha Ferreira.
- Esboço Etnográfico de Água Revés (conc. de Valpaços)* — Maria Antonieta Morais Silva.
- Alguns dados etnográficos sobre a aldeia do Paúl (concelho da Covilhã)* — Maria Isabel Alsado Baptista.
- Viana do Castelo: considerações gerais: Festas da Agonia: O Traje* — Maria Eduarda de Caldevila Paula Santos.
- O traje à vianesa: esboço duma breve tentativa de interpretação* — Maria Helena da Cunha Peixoto.
- A gente dessa Braga do Val'd'Este* — Maria Fernanda Jorge dos Santos Fernandes.
- O Algarve* — Maria Eugénia Cortada.
- Cabo Verde: Etnografia e Folclore* — Aurora R. de Matos Carvalho.
- Breve estudo etnográfico sobre o Arquipélago de Cabo Verde* — António Pedro de Carvalho Deus e Moreira Santos.
- Linho — Nótulas histórico-etnográficas sobre o linho na região de Arouca* — Maria Magnólia Golegã Figueira.

1956-1957

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

- Biotipologia* — Rosa Marques Branco.
- Seleção profissional* — Maria Fernanda da Costa Ferreira.
- Observações antropológicas em indígenas de Moçambique* — Maria Fernanda Borrego da Cruz.
- Seleção profissional de dois rapazes* — Berta Fernanda da Silva Oliveira.

Orientação profissional de três rapazes — Maria Carolina Barbosa Ferreira.

Breve estudo sobre impressões digitais — João José Mendes de Matos.

Ensaio bio-antropológico em 50 criadas de servir — Maria Ermelinda Azuaga Marques dos Santos.

Alguns cálculos estatísticos sobre 132 ♂ e 33 ♀ macuas de diferentes regiões — Maria Celeste Pereira Ramos.

Determinação de níveis mentais em raparigas com desvios de comportamento — Maria Armada das Neves Pestana de Vasconcelos.

Determinação de um biótipo — M. Fernanda Q. G. da Rocha.

Traumatologia dermopapilar, traumatismos em sapateiros — Júlio Aires Crespo.

Estatística — Maria Elisa Pinto Rebelo.

Etnografia

Siglas — Lís de Cantos.

A romaria de S. Gonçalo de Amarante em Vila Nova de Gaia — Maria Josefina Marta dos Santos Carneiro.

O vira-flor e o ensarilhado de Marinha do Torrão do Lameiro — Ovar — Maria José B. e Sousa Costa.

Bisalhães e a sua olaria — Francisco Cabral de Sampaio.

Mantas de Terroso — Maria Amazilde Rios de Almeida.

Alguns dados etnográficos sobre a Mêda (distrito da Guarda) — M. Rosário A. Roboredo.

Algumas notas acerca de Miranda do Douro — Manuel Emílio Ferreira.

Panoias — *Breve resumo da história dos seus monumentos* — Maria Adelaide Ferreira.

Tiragem da cortiça em Grândola — Fátima Sara Ibeche.

Algumas notas etnográficas sobre a aldeia de Freixedas — concelho de Pinhel (Guarda) — Ana de Sousa Monteiro de Carvalho.

Esboço etnográfico do concelho de Torre de Moncorvo — Artur de Carvalho Salgado.

Panificação em Padronelo — conc. Amarante — Maria Idália Miranda de Carvalho.

Evolução da arte religiosa em Vila Nova de Gaia — António José Rebôlho Lapa.

Ilha da Madeira — Maria Filomena Pires Leite Gomes.

Esboço etnográfico do concelho de Ponte de Barca — Maria de Fátima Peixoto Rodrigues.

O pastor da Serra da Estrela — Alexandrina da Conceição Daniel.

Estudo etnográfico sobre a Nazaré — Teresa Cândida Martins Coimbra.

Contribuição para o estudo etnográfico dos ciganos — Roberto Salema.

1957-1958

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Seleção profissional — Maria Margarida Teles de Castro da Rocha.
Aplicação do psicodiagnóstico miocinético de Mira y Lopes ao estudo caracteriológico de um grupo de indivíduos — Maria da Conceição Baldaque de Sousa Faria.

Orientação profissional de um rapaz de 16 anos — Maria Arminda da Silva Fernandes.

Orientação profissional — Maria Fernanda Vieira Amorim.

Estatística — Ângelo Aires.

Orientação profissional de um rapaz de 9 anos — Dolores Pinto Loureiro.

A pré-selecção de condutores de viaturas automóveis — Eduardo de Sousa Pacheco da Cunha.

Orientação profissional — Maria Luiza Ferreira Botelho de Queiroz.

Etnografia

Silvares e as suas orações (Beira Baixa) — António Mendes Gil.

Breve estudo etnográfico sobre Matosinhos e os seus pescadores — Ana Maria Neves Campos Carneiro.

A região do Douro e o vinho do Porto — Agostinho dos Santos Monteiro.

Os cortejos na Madalena — Vila Nova de Gaia — Maria Fátima Carvalho de Almeida.

Esboço etnográfico de Albergaria das Cabras (Arouca) — Maria Alexandrina Sampaio Morais.

Breve estudo etnográfico da Vila de Amarante — Maria Helena Gomes Basto.

A indústria da telha manual em Parada de Cunhos — Maria Alcino Botelho da Silva.

Bisalhães e a sua indústria de olaria — Armando Alfredo Gomes de Melo.

Dos ranchos migratórios (apontamentos) — Maria do Sameiro Peixoto Correia.

Autos pastoris — Amália Maria Santos Gil.

A vareira descansada — Reinaldo Pastor Leite da Cunha.

Tradição que morre — Fernando José da Cunha Osório Ferreira de Araújo.

Carro dos pastores e carro do Rei David (Braga) — Maria Sameiro da Silva Vilar.

A romaria de S. Paio na praia da Torreira (conc. da Murtosa) — Adelaide Maria da Silva Matos.

Cultura do café em Angola — Maria Helena de Moraes Falcão.

Usos, costumes e tradições dos Açores — Maria de Lourdes Sendim dos Santos Figueiredo.

Encomendação das almas em Dornelas do Zêzere — Beira Alta — Ema Marília Whiteman Rebordão.

O jogo do ferro em Moncorvo — José Henrique de Abreu.

Meios de transporte regionais da Ilha da Madeira — Daniel Virgílio Paulo da Silva.

Pequena descrição de Vila do Conde — Maria Isabel Marques Melo.

Algumas características etnográficas sobre a freguesia de Mondim da Beira — concelho de Tarouca — José António Lopes Ribeiro.

A vida das abelhas e indústria das velas — Peredo-Moncorvo — Maria do Amparo Dias.

Arqueologia

Nótulas arqueológicas sobre o concelho de Chaves — os Buracos de Jac-Mi-Jorge — Maria Umbelina de Almeida Montalvão.

1958-1959 (1)

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Seleção Profissional — Filomena da Graça Silva Almeida.

Orientação Profissional de um rapaz de 16 anos — M.^a Irene Crespo Folgado Pereira.

Reflexões sobre a Delinquência Infantil — Manuel João Lemos Sousa.

Seleção Profissional — Margarida de Jeus Oliveira.

Inteligência — M.^a Isabel Jesus Carvalho.

Orientação Profissional — M.^a Virgínia Pinto Araújo Rangel.

Orientação Profissional de um rapaz de 13 anos — M.^a da Conceição Pinheiro Constantino.

A Memória — M.^a de las Nieves Muñoz Sanchez.

Seleção Profissional — Ivone Gisélia Mendes da Silva.

(1) Do lote de 30 trabalhos de Etnografia do ano escolar de 1958-1959 só apareceram os dois últimos.

Etnografia

- Lenda da Fraga Amarela* — M.^a Hermínia Trigo Miranda.
Lenda do Homem da Maça — Laura Rosa dos Santos.
A Dança dos Ritos — Costume Carnavalesco da Murtosa — Margarida Maria Souto de Almeida Portugal.
Estudo das particularidades da casa em «La Alverca» — Faustina Pimenta Pascual.
Alguns dados Etnográficos dos Mancebos — Justino Carvalho de Vasconcelos.
Avelelas — M.^a Branco Fonseca Rodrigues.
Vouzela — M.^a Clara Fontes Pereira de Melo.
A Propósito da Vindima da minha Terra — M.^a Irene Assunção Marcos.
Um dia de Feira passado por uma camponesa da freguesia de Vila Cova — Ricardo Alberto Matos Oliveira.
O jogo da Macaca — Arlinda Oliveira Sousa.
Trás-os-Montes «O Natal» — M. Judite de Carvalho.
Folares Trasmontanos — M.^a Helena Saraiva Lima.
A apanha da Azeitona em Alter do Chão — Fernando Gonçalves Rodrigues.
S. Gonçalo de Gaia — Uma tradição que não morre — M.^a Ermelinda Neves Correia.
Fabrico caseiro do burel em Mogadouro — M.^a Perpétua C. Felgueiras.
As lavadeiras de Rio Tinto (Gondomar) — M.^a Joaquina Torres da Silva.
O Traje do Val do Cávado — M.^a Antónia Carvalho Mendes Ribeiro.
Empada da Vila-Flor — M.^a Inês Trigo Meirelles.
Alcavavela — Os casamentos e suas características — Hermínia C. Martins.
A Dança do Rei David e o Carro dos Pastores (a corrida do porco preto) — Custódio Gomes Cardoso.
Breve estudo sobre o Pescador Poveiro — M.^a Georgette Sobral Marques.
Bairro dos Pescadores — Ribeira — Viana do Castelo — M.^a Alzira Delgado Amaro.
A Corda Queimada — M.^a Rosa Guerrer Nunes Moreira.
As Vindimas do Douro — M.^a Guilhermina Silva Relvas.
Coração de Filigrana — Esmeralda de Castro Loureiro.
O Brasil no Cancioneiro Popular Português — Fernanda M.^a de Melo Russel Cortez.
O Porto — Oswaldo A. Silva Freire.
A Encomendação das Almas — Eugénio Afonso Correia.

Alguns aspectos etnográficos das Terras de Basto — não indica o nome do aluno.

O traje em Santa Marta de Portuzelo — Aida Benilde Braga Barbosa Palhares.

Arqueologia

Algo sobre a Citânia de Sanfins — M.^a Odília Campos Moreira da Costa.

Estudo histórico-arqueológico de Santa Cruz de Vilariça — M.^a Júlia Crivas Cardona Miranda.

1959-1960

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Orientação profissional — Marília Pacheco de Oliveira.

Seleção profissional — Maria Cândida Teixeira Ferraz.

Teste de Rorschach e sua aplicação em criminologia — Maria da Piedade M. Gonçalves Cachadinha.

Seleção profissional — Maria Isabel Pires.

Orientação profissional de um rapaz de 13 anos — Florêncio Leite Lage de Moura e Vasconcelos.

Vários testes — Carlos José Correia de Azevedo.

Orientação profissional — Maria de Nazaré e Antunes.

Tribos da Guiné Portuguesa — Jorge Nuno B. Pontes de Araújo.

Um breve estudo de biotipologia — Maria Ivone Calapez Cabrita.

Estudo dos testes de Otis e de Fay — Maria Júlia Fontes Ferreira.

Etnografia

Louça preta de Bisalhães — Luís Celestino de Sousa e Silva.

O lenço da cabeça das mulheres do povo — Maria Antónia Moreira Guimarães.

Contribuição para o conhecimento da região de Castro Laboreiro — Carlos Augusto Dias Cramez.

O algodão em Moçambique — José Manuel de Magalhães Boullosa Camiña.

A apanha da azeitona em Vila-Flor — António B. Pimentel Trigo.

Os reiseiros da Maia — José Carlos Balacó Moreira.

Panelas de Vila Seca — concelho de Amarante — Maria Júlia Arrochela Coelho dos Santos.

Louceiros do Felgar — Maria de Jesus Neves Filipe.

- Rendilheiras de Vila do Conde* — Maria Adozinda Santos.
Olaria — Baião — Vila da Feira — Margarida V. Correia.
A Filigrana Portuguesa — Seu reflexo social — Maria Manuel Correia Fernandes Costa.
Preparação e fiação do linho — Lourenço Camilo Ferreira da Costa.
A colheita do pão numa região de Trás-os-Montes — Júlia H. Correia de Lima.
Festividades Hindús — Urgel d'Oliveira Militão.
O porco sob o ponto de vista económico e etnográfico — José Adalmino B. Dias de Castro.
O barco rabelo — Maria Arminda de Brito Torres.
O jogo da macaca — Maria Georgete Sobral Marques.
As alminhas — Manuel Ângelo M. Coelho da Rocha.
Uma devoção açoreana — Festas do Senhor Espírito Santo — Maria de Fátima Sanches.
Bruxaria e credices de Jorjais — concelho de Vila Real — Cândida do Rosário Rodrigues.
As romarias quaresmais na Ilha de São Miguel — Açores — João Rafael de Serpa Magalhães.
Decorações do barco moliceiro — Eduardo Alberto Vilhegas F. de Abreu.
Breves achegas para uma monografia de Afife — Maria Ester T. de Araújo.
Um ano no Porto — Manuela Pacheco de Oliveira.
O coração do velho Porto — Vasco José Barbosa de Carvalho.
O carro de bois amarantino — Maria Aurora Martins Fernandes Salazar.
O carro de bois — freguesia de Constantim — Vila Real — José Henrique P. de Barros Ferreira.
As chinchas na Malhada — António M. Brizado dos Santos Redondo.
As siglas — Lis de Cantos.
Alguns aspectos etnográficos das «Terras de Basto» — Álvaro José Madeira Bordalo.
«Marcas» poveiras — Lúcia da Silva Reis.

Arqueologia

- Citânia de Sanfins* — Maria Isabel Lino do Vale.
Estudo descritivo da «Anta de Santa Marta» — Maria Isabel da Costa Pereira Viana.

1960-1961

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

- Orientação profissional* — Maria José Gouveia Leão.
Os cabindas — Maria da Conceição M. Pimenta.

O nível mental e a escola (Resultados obtidos com o teste do desenho de Fay) — Agostinho Júlio A. dos S. F. Almeida.

Gêmeos uniovulares — Maria Fernanda de Matos S. F. M. Ferreira.

Testes — e o seu valor — Raquel Pereira Pinto.

Etnografia

A casa trasmontana — Maria do Céu Teixeira Gonçalves.

As regiões e os costumes em Goa — Maria Vanda M. Sequeira.

O Culto da Virgem em S. Miguel (Açores) — José M. do Canto Amaral Vicente.

O Conde de Ariães (Lenda) — Maria dos Prazeres Machado Serapicos.

Alguns aspectos do Culto das Almas na Freguesia do Felgar (Moncorvo) — Maria de Jesus Neves Filipe.

«Valha-nos Nossa Senhora de Agrela que não há outra como Ela» — Américo Areal.

Uma pesca de arrasto — Lucília Pereira M. Gomes.

Transcendência de Religião Hebraica — Custódia Soares de Carvalho.

A Religião dos povos primitivos — Maria Noémia Castro Baptista.

Papel preponderante do copo e da garrafa de vidro na história do vinho do Porto — Maria Helena Severino.

Um dia com um mineiro — Maria Amélia D. da Costa.

Alguns dados etnográficos sobre os Balantas — Maria Luiza G. L. Madureira.

A pesca do arrasto na Frecha (Silvade) Espinho — Jorge Nuno Barreto P. Araújo.

Lenda do Carvalho Santo — Adérito Medeiros Freitas.

O careto de Campo d'Égua — Adérito Medeiros Freitas.

O linho no concelho de Felgueiras — Adelina Bravo Esteves Bouça.

O barco rabelo e a sua tripulação — José Gil Correia Monteiro.

As marinhas do Sado — Maria Tereza B. C. Sousa Fialho.

O jogo do peão — Jorge Afonso Pacheco de Sousa.

Alguns costumes da aldeia trasmontana da Lousa (Moncorvo) — Maria de Fátima Durão.

Nótulas etnográficas de Sande — Maria de Lourdes Morais Ribeiro.

O poveiro e a escrita por siglas — Maria Raquel Fernandes Calafate.

Celórico da Beira—Sua linguagem e ditos populares—Manuel Achando.

O vinho do Porto — Benjamim Cardoso Simões.

Aparelhos de elevar água—O Gastalho—José António Pinto de Moura.

Étnias e formas de civilização da província de Moçambique — Maria Vitória Telma de A. Faria.

As arrecadas — Ana Eduarda dos Santos P. Pinto.

O fisco português—Da sua História e de Histórias suas — Maria Fernanda Jacob.

Cavalhadas de S. Pedro — ilha de S. Miguel (Açores) — João Gil Tavares da Ponte.

Olaria de Bisalhães — Manuel Ângelo M. Coelho da Rocha.

Filigranas — Abílio Barreiro de Magalhães.

Monografia — I Terra — II O Povo (S. Miguel de Creixomil) — Maria Gualdina Barreiros Paredes.

Mascarados — Adérito Medeiros Freitas.

O S. Nicolau dos estudantes em Guimarães — Maria Isabel de M. R. Silva.

Oleiros da Barreira (entre Trancoso, Meda e Foz-Coa) — Maria Isilda Dias Abruñhosa.

Os Oleiros de Guimarães — Maria Eduarda Félix de Aguiar.

Alguns aspectos supersticiosos entre o povo do concelho de Cabeceiras de Basto — Odete Fernanda de Abreu Afonso.

Descrição de alguns jogos infantis e sua interpretação — Teresa Maria B. Marques.

Aveiro, Ria e Moliceiros — João Adalberto T. A. Brites.

Indústria salineira em Aveiro — Maria Bárbara Camacho dos Santos.

Olaria em S. João de Ver — Vila da Feira — Maria Rosa M. de Araújo Santos.

Ridere Humanum Est... — Maria Helena V. T. Marcelino.

A Covilhã e seu termo na antropologia nacional — Maria Margarida Ornelas Baptista.

Festa à Virgem Santa Marinha de Segura — Alda Mesquita Gonçalves.

O campino — Victor Manuel C. Pereira.

Carro de bois (carro típico da ilha da Madeira) — Luís Jardim Gonçalves.

O barco rabelo — Maria Clara de Matos David.

O Ribatejo e os seus campinos — Maria Manuela de C. Lopes.

Campos em masseira — (Póvoa de Varzim) — Maria Alice F. Pimentel Correia.

Os Farricocos — Maria Helena Pimenta L. Ferreira.

Procissão dos cornos — António Oliveira Lopes.

Assistência prisional — Joaquim A. S. A. Coelho.

Arqueologia

Subsídios para a história do Mosteiro de Cete — Topónimos Cete e Vandoma — Luís Gonzaga R. de Campos.

O Castelo da Terra Basto — José Gonçalves da S. Bastos.

Relíquias do passado (Castro de Avelar) — Maria Celina F. Azevedo.

O Castro do Monte da Cidade — Maria José R. Pereira de Barros.

Sobre as mamoas do norte do concelho de Esposende — Maria José R. P. de Barros.

Numaria Romana (Notícia de um achado monetário) — Vasco Brandão P. Gama.

1961-1962

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

História, métodos e aplicação dos testes — Maria Amélia Duarte da Costa.

Estudo de um par de gémeas univitelinas — Sara da Glória Carvalho Machado.

O teste de Fay — Maria de Lourdes Morais Ribeiro.

Testes mentais — O teste de desenho de Fay — Maria Vanda de Matos Sequeira.

Os testes — Consideração geral — Maria Natália de Oliv. Castro Nunes.

Contribuição para o estudo do nível mental das crianças — José António Pereira Leite.

Gémeos uniovulares — Maria Fernanda de Matos Soares Fernandes Martins Ferreira.

Assistência prisional — Joaquim António Saraiva de Abreu Coelho.

Etnografia

Os corredores de Fado — Maria Arlete Coelho Cardoso.

Chapelinho redondo de veludilho de S. João da Madeira — Maria Dulce Soares Arêde Amaral.

Oleiros de Bisalhães — Maria Estelita da Rocha Baptista.

O Galo de Barcelos — Maria Leonor Feyo de Almeida d'Eça.

A descansada — Guimarães — Maria Ermelinda Neves Poças Falcão.

Os pastores da Serra da Estrela — Luís Augusto Moreno Gonçalves.

Encomenda das Almas — Barreira, Beira Alta — Maria Isilda Dias Abrunhosa.

Ciganos — Dina Otilia Ribeiro da Cruz Furtado.

A cozedura da borôa em Mosteiró Vila do Conde — Maria Hermínia Marques Antunes de Azevedo.

Um moinho de vento da região da Abelheira — Esposende — Alzira Branca da Fonseca Rodrigues.

O fabrico das croças em Paços de Ferreira — Maria Helena Sousa de Almeida.

A feira e a romaria do Santo Amaro (Guimarães) — Maria Eduarda Félix de Aguiar.

A Penha... Lenda de Santa Catarina — Maria do Carmo Gonçalves Dias de Castro.

Os painéis do moliceiro — Acácio Gomes de Macedo.

A malhada do centeio em Geraz do Lima e a cerimónia tradicional da «Borrega» — Carlos Alberto Carvalhido Pacheco.

O trabalho de pintura nos objectos de olaria (Introdução) — Maria Celina de Figueiredo Azevedo.

A matança do porco — Freguesia Abaças (Vila Real) — Jerónimo José Neves Madeira Pinto.

O arado do «Riba Coa» — Maria Emília Correia Mexedo.

Favaios — A joia do Alto Douro — Marília Branco Pinto Leal.

Alguns aspectos supersticiosos entre o povo da Vila de Valongo (Porto) — Maria José de Moura André.

As casas de Carvalhelhos — Palmira Gomes Ferreira de Abreu.

Cestaria — Alda Mesquita Gonçalves.

Sargaceiros da Apúlia — António Esteves Lóis.

Os sinos — Maria Leopoldina Mendes Paulo.

O Perim — Dança Regional — Maria Antonieta de Campos Henriques dos Santos.

Candeias de Penafiel — Emília Maria Malheiro Huet de Bacelar.

S. Bentinho do Hospital — S. Marcos (Braga) — Maria Júlia Ferraz de Sousa Gama.

A vindima na Régua — Região do Douro — Maria Fernanda Soares de Almeida.

Descrição de alguns jogos infantis — Rosa Pinto de Freitas Bessa.

Feira de Vila Nova de Cerveira — Rosalina Ribeiro Pereira.

Esboço etnográfico — Os Nhanecas (Angola) — Maria Júlia de Freitas Vieira Monteiro.

A feira de Moimenta da Beira — Maria Iragema de Andrade Figueiredo Vasconcelos.

As comadres e a repartição do burro em Valverde, Distrito de Vila Real — Maria Elvira Gama da Cruz.

O forno de Salzedas — vestígios da vida comunitária — Concelho de Tarouca — Elvira Lopes Braga.

Lenda de Nosso Senhor e Nossa Senhora da Ajuda — Concelho Valpaços — Maria Antonieta Vieira Aveiro.

O teste de Koch e a sua aplicação — Américo Areal.

Alguns jogos infantis — Maria dos Santos Arteiro.

A dança do Rei David — Maria Lídia Veloso Brandão Pereira.

Festa da N.ª Senhora dos Remédios em Lamego — Dulce da Conceição Mesquita.

Filigranas — José Gonçalves da Silva Bastos.

Alguns aspectos para o conhecimento do homem Caboverdiano — Maria dos Reis Costa.

Moliceiros e moliço da Ria de Aveiro — Maria Manuela de Andrade Cruz.

O sargaço — José Domingos Dias Moreira.

Fabrico do queijo em Moncorvo — Visvalde José Moreira Delgado.

A secular feira de Março de Aveiro — Maria dos Anjos Correia da Veiga Reis.

As filigranas — Maria Madalena Martins Marques dos Santos.

A Nossa Senhora de Fontes — Freguesia de Serzedo (Gaia) — Maria Leopoldina Camarinha da Silva.

Algumas notas sobre a Lunda e os quiocos (Angola) — Maria Tereza Osório Costa Pereira.

A pateira de Fermentelos — Margarida da Conceição Ramos.

Esgueira — Concelho de Aveiro — Maria Etelvina Bettencourt.

Os sargaceiros da Apúlia — Maria Assunção da Silva e Sousa.

Lançamento das sementes — Álvaro José Madeira Bordalo.

Trajos de Valadares — Vila Nova de Gaia — Maria Alexandra Cruz Sanches de Castro.

A lousa em Valongo — Berta Maria T. C. Almeida.

Lamas de Ôlo e o marroquino — Elisa da Conceição da Costa Aires.

Arqueologia

A cruz na moeda portuguesa e em particular a da Ordem de Cristo — João Pereira Leão Costa.

Castelo Rodrigo — Aldeia onde cada pedra tem uma história — Maria Amélia Soares Faustino.

Alguns elementos para o estudo do Asturiense no Alto Minho — João Gomes da Costa Laranjo.

O Castro de Romariz — Maria Luíza Teixeira Jacinto.

As sepulturas de Amoreiras do Mondego (Guarda) — Fernando dos Santos Rodrigues.

A igreja românica de S. Cláudio de Nogueira — Maria da Piedade M. Cachadinha.

Panoias — Pompeu M. Delfim Cramez.

1962-1963

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Contribuição para o estudo do nível mental das crianças portuguesas — Bráulio Gustavo da Silva Braga Silvério.

Testes de Fay, de Rouma e de Terman — Comparação de resultados — Abrígio de Carvalho Rocha.

Contribuição para o estudo do nível mental da criança—Maria Ludovina Guedes Pereira Rodrigues.

Estudo e aplicação dum teste para um diagnóstico rápido «caracteres» — Maria José de Oliveira Teixeira.

Teste do desenho de Fay — Maria da Glória Trigo.

O teste de desenho de Fay — Maria Júlia Marques da Silva Panelas.

Introdução — Algumas considerações sobre teste — Execução prática (Teste de desenho de Fay) Resultados obtidos — Conclusões — Cristina Fernanda N. dos Santos.

Etnografia

O Ribatejo — Alzira Fernanda de Lima Silva Carneiro.

Costumes de Aveiro — Fernanda dos Santos Marques da Rocha.

Romaria de N.ª Senhora da Saúde da Serra (Vale do Corgo) — Florisbela Guilhermina Emília da Silva Coutinho.

Um motivo etnográfico da Ribeira Lima — Os cestos de mordomas — Carlos Alberto Carvalhido Pacheco.

Do culto dos mortos e carpideiras em Maçores (Moncorvo) — Teresa de Jesus Ramos Vieira Pousada.

As rogas — Maria Alzira da Silva Santos.

As vessadas na Aldeia de Britiande — Concelho de Lamego — Maria Emília Xavier Rocha.

A apanha do moliço na Pateira de Fermentelos — Maria Teresa Velasco de Gouveia Durão.

Os ciganos — Laura Odete Coelho.

Impérios Marienses — Santa Maria (Açores) — Estela Flora Ramada e Castro.

A construção do barco rabelo — Carminda Marques Branco.

Os podadores de Resende — Isabel Maria Pinheiro Vieira.

O traje de «noiva» da região de Viana do Castelo — Maria Guelhermina Santos Soares.

A vindima em Remelhe (Barcelos) — Maria Arminda Cardoso de Sousa Barroso.

Banho Santo de S. Bartolomeu do Mar (Esposende) — Maria Helena Leitão Pinheiro de Almeida.

A olaria de Vilar de Montes — Concelho de Chaves — Maria Cândida Machado Alves.

Aguiar de Sousa — Seus costumes e lendas — Ana Pais da Cunha Leão.

O linho sua cultura e preparação — Maria Estela Queirós Ribeiro de Miranda.

O carro de bois em S. Pedro da Raimonda — Maria Madalena Moreira da Costa e Manuel Dílio Moreira da Costa.

Festa do Espírito Santo na Ilha de S. Miguel (Açores) — Eugénio António Vasconcelos Câmara.

Os Passos da minha aldeia — Escalhão — Concelho da Fig. Castelo Rodrigo distrito da Guarda — Eduardo Raposo Távora.

A apanha da azeitona em Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa — Américo Manuel Ramires Sobral.

Descrição de alguns jogos infantis e sua interpretação — Maria José Monteiro Machado.

S. Rosendo — Alexandra Magnólia Córdoba.

A festa das fogaceiras de Vila da Feira — Irene Viana dos Santos Reis

A Póvoa de ontem e de hoje — Maria Alzira de Castro Duarte.

A matança do porco em Adaúde — Braga — Maria Isabel Ferraz de Sepúlveda.

Vila Boa de Quires e a sua indústria de chapéus de palha — Maria Cristina Aguiar de Albuquerque Cardoso.

Conceito biológico da actividade lúdica — Maria Adelaide Moreno.

As diferentes maneiras de usar o lenço — Maria do Carmo Dias da Silva.

Vários utensílios antigos de lavoura em Grijó — V. N. de Gaia — Maria Sofia de Araújo e Castro Soares.

O figo no Concelho de Torres Novas — Maria Salomé Gomes Antunes Reis.

A pesca com o barco da campanha — I Capítulo — História da Vila de Espinho — António Joaquim da Silva Ramos.

As talhações (um dos aspectos supersticiosos do povo de Alfena (Valongo)) — Maria Alice da Rocha Ferreira.

A romaria das passarinhas em Guimarães — Maria Alberta de Sousa Martins.

As alminhas de Sanfins do Douro — Maria Angelina de Sousa Adrego.

Casamento poveiro — Maria Leonor Eirado.

Nossa Senhora do Castelo — Mangualde (Viseu) — Noémia Maria Costa de Albuquerque.

Traje típico de Geraz do Lima — Regina Clélia Mexêdo Torres Pereira.

Funeral chinês — João Bosco Basto da Silva.

S. Torcato de Guimarães — Maria Mafalda Dias da Costa.

A tecelagem caseira em Terroso — Maria Virgínia V. da Silva Barbosa.

O regresso daqueles que morrem — Dulce da Conceição Mesquita.

Como eu vi fazer as filigranas — Maria Celeste Pinto Barbosa.

Traje domingueiro da lavradeira de Vila do Conde — Maria Alice Moreira Ramos.

Os moinhos do povo de Izeda (Bragança) — Eurico Sousa Pereira.

Os ciganos — Maria Madalena Magalhães Saraiva de Aguiar.

Malho (Concelho de Vila do Conde) — Maria Fernanda Flores Rebelo.

A pesca do bacalhau (Pesca à linha) — Manuel Fernando Correia Mata.

Os romeiros de S. Miguel (Açores) — Maria Margarida Bettencourt Sardinha.

Alguns aspectos supersticiosos entre o povo da aldeia de Santulhão (Trás-os-Montes) — Berta do Céu Pimentel Fernandes.

O linho em Alvite — Concelho de Moimenta da Beira (Apontamentos etnográficos) — Maria Lígia de Oliveira do Couto Zagallo.

O mar e a fé (estudos sobre as igrejas de St.^a Catarina e do Senhor e Senhora da Ajuda, frutos da fé e do amor dos homens do mar, por Deus pela Virgem e pelos Santos que mais sofreram — Maria de Fátima Martins de Sousa.

Cestaria do Gonçalo — Concelho da Guarda — Palmira Gomes Ferreira de Abreu.

Arqueologia

Oppidum de Santa Marta — Maria Etelvina da Rocha e Taxa.

Castelo de Pontido — Maria de Lourdes Maciel de Almeida Correia.

O Convento «Corpus Cristi» — Maria Teresa Alves de Oliveira Monteiro.

Cidade Velha de Córdova, Citânia de Sanfins — Paços de Ferreira — Domingos da Rocha Mendes.

Estudo da indústria lítica de Lavadores — Vila Nova de Gaia — Frederico Pedro Baptista Sodré Borges, José Elísio Rodrigues Tralhão, Rui Lisboa de Sousa Meneses.

Estudo de algumas arcas de Vila Nova de Paiva — Maria Etelvina da Silva Caldeira Betencourt.

Azulejos das igrejas matriz — Igreja do Senhor da Cruz, Igreja do Terço, Igreja de Vilar de Frades (Barcelos) — Maria Alice da Silva Ribeiro.

Civilização céltica na vida castreja — Alcino F. Pinto.

1963-1964

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Introdução sobre testes — Ana Lourdes Pereira Lopes.

Testes de Fay — Maria Ângela dos Santos Lopes Pereira.

Etnografia

Fabrico do queijo da Serra em Soito de Aguiar da Beira — Fernanda da Conceição Pinto.

A pesca da companhia em Espinho — Afonso da Silva Ferreira.

A apanha da azeitona em Muxagata, Concelho de Vila Nova de Foz Côa — Américo Manuel Ramires Sobral.

Moinhos de água — Azenhas — Avintes — Concelho de Vila Nova de Gaia — Argentina da Rocha Tavares.

Festas do povo — Campo Maior — Maria Helena Santana Curado.

O S. Bento de St.º Tirso — Maria Alice Graça da Silva.

A ponte da Misarela — Altina da Silva Vila Cova.

Rendas de Bilros de Vila do Conde — Maria da Graça Carrapatoso Leite de Magalhães.

Alguns jogos infantis de Regiões de Trás-os-Montes e suas relações com o temperamento do povo trasmontano — Mário José Dias Cramez.

A festa de S. Miguel patronato da Freguesia de Juncal Concelho de Porto-de-Mós, distrito de Leiria — Maria Isabel de Macedo Rodrigues.

Capelas dos Passos da Vila de Ovar — Maria Alice Dias Oliveira Costa.

As proesas do Albinho da Póvoa de Paus S. Martinho de Mouros — Resende — Maria José B. Monteiro & Maria Adelaide Taveira Guedes.

Entrudos — Maria Júlia da R. Monteiro Madeira Pinto.

Tradições de casamentos em S. Félix da Marinha — Maria Hormizinda do Couto Moreira Ramos.

Jornadas Durienses nos três planaltos — Vila Nova de Foz Côa, S. João da Pesqueira e Carrizado de Ansiães — Maria Madalena Magalhães Saraiva de Aguilar.

Bordados de Castelo Branco — Maria Arménia Gradim Dias.

Linho — Moreira da Maia — Maria José Lopes da Silva.

Aspectos duma viagem à Póvoa de Varzim — Luís Augusto Fernandes Oliveira.

A pesca na Póvoa de Varzim — Maria do Céu Martins Ramos.

Marcas Poveiras — Maria Margarida de Melo Carvalho.

O oiro na quadra popular — Maria José Ribeiro de Begonha.

Moinho de Rodízio — Maria Estela Marta da Cruz.

Arqueologia

A Citânia de Briteiros — Berta do Céu Pimentel Fernandes.

1964-1965

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

A diversidade do ser humano — Maria Manuela Pinheiro Dias.

Teste gustativo «Feniltiacarbamida» — M.^a Ermelinda Sousa Rodrigues.

O Teste do desenho de Fay — M.^a Filomena Silva Carneiro.

Mortórios — Patrício Gonçalves Rocha.

Importância dos Testes — M.^a Isabel Pereira Silvestre e Virgínia Fennandes Leite.

Etnografia

Bonecos de Barro de Rosa Ramalho — M.^a Manuela Macedo Pinho e Melo.

Do colar de contas de pedras ao colar de pérolas — M.^a José Ribeiro de Begonha.

Auto de Floripes (Neves — Barrozelas) — Mário António Sousa Penha.

A Santinha da Arrifana — Maria Claro Amorim Azevedo.

Monografia de Fão — Esposende — M.^a do Rosário Lima Loureiro Vasconcelos.

Alguns apontamentos sobre Medicina popular obtidos na freguesia de Pedroso (Conc. Vila Nova de Gaia) — M.^a Fernanda Rocha Pereira.

A Pesca do Sável no Rio Douro — M.^a José Rosa de Castro.

O Barco Moliceiro — M.^a Alice Dias Oliveira Costa.

O Pescador Poveiro — Olga Maria Machado Dias.

O pescador caxineiro — Olinda M.^a Duarte Costa

As Filigranas de Travassos — M.^a da Conceição Ferraz de Sousa Gama.

Alheiras de Chaves — M.^a Margarida Melo Carvalho.

Romarias de S. Tiago e S. Silvestre — M.^a Emília de Sousa.

O Cesto — M.^a da Conceição Barbosa Belo.

N.^a S.^a de Campanhã, a sua história e o seu culto até aos nossos dias — M.^a Angelina Guedes da Silva e Abílio Guedes da Silva.

N.^a S.^a da Assunção — Póvoa de Varzim — Margarida M.^a Amorim Gonçalves.

As Póvoas marítimas do Norte de Portugal — M.^a Alice César Vasques Osório.

Traje Vermelho de Santa Marta de Portuzelo — M.^a Florinda Vieira Gonçalves.

Os Moinhos Comunitários de Carregoso (Bragança) — Manuel António Rodrigues Pires.

Nossa Senhora do Salto (Aguiar de Sousa) — M.^a Manuela Sousa Ferreira.

Os liteiros — M.^a Júlia Lopes Rebelo.

Província de Angola — Mário Marques Santos Quelhas.

O Queijo da Serra da Estrela — M.^a Adelina Figueiredo Ruivo.

A Apanha do Sargaço em Aver-o-Mar — M.^a Teresa Vasconcelos Tavares Moreira.

A prospecção popular da Água — José Martins Carvalho.

As Bugiadas do S. João em Sobrado (Valongo) — Teresa de Jesus de Moura André.

A cava da vinha no Alto-Douro (Pinhão) — João Manuel Soeiro Carvalho.

Traje Regional Feminino de Castro Laboreiro — Amélia M.^a da Costa Sotto Mayor Braga.

Canhenhos de Filigranista — Ana da Conceição Nogueira Marques dos Santos.

Capela de N.^a S.^a da Chãs — concelho de Valongo — Armandino Machado Tson.

Santa Maria das Areias e seus clamores (concelho de Viana do Castelo) — Estrela Cândida Leite da Silva.

A Iã (concelho de Moimenta da Beira) — Fausto José Gentil de Almeida Parente.

O Homen da Maça — Helena Vieira Gomes.

Breves considerações sobre a Máscara e o seu uso em certas regiões de Angola — José Adérito Caxido Raquel

Benzeduras, Rezas e Superstições (concelho da Feira) — M.^a Alcina Moreira da Costa e Silva.

Nossa Senhora da Lapa (Beira) — Mário Xavier de Araújo.

O que será a vida dum soldado? — M.^a Filomena Ferreira Cardoso.

Bordados da Lixa — M.^a Irene Alves Moura.

A apanha da azeitona em Freixiel (concelho de Vila-Flor) — M.^a do Amparo Carvalho Correia.

Festa das Rosas (em Viana do Castelo) — M.^a Alda Jácome Felgueiras.

Particularidades da Habitação na Beira Litoral — M.^a Cristina C. Costa Simões.

Superstições Religiosas — M.^a Cândida Machado Abreu.

Cultura do Linho (em Vila do Conde) — M.^a Manuela Pinheiro Dias.

A Pesca de Campanha em Espinho — M.^a Clara F. O. Salvador.

Assentamento da Pedra Lavrada (Porto) — M.^a Rosa de Castro e Costa.
Algumas Rezas usadas em Medicina Popular na Freguesia de Ramalde (Porto) — Mário Figueiredo de Oliveira.

A Religiosidade e a Superstição em Aguçadoura — M.^a da Glória A. Miranda.

Costumes tradicionais das Terras do Gerês — M.^a Manuela Junqueira Pimenta.

Aspectos Etnográficos da Freguesia de Afife — Margarida Júlia Freire de Castro Brito Ramos Paz.

A talha na Marcenaria — Margarida Carminda Ferreira da Rocha.

Festa do Divino Espírito Santo na Ilha Terceira — M.^a Manuela Serpa Bettencourt Silva.

Usos e costumes da minha Terra (Coimbra) — M.^a Manuela Rodrigues Correia Mesquita.

Arqueologia

- O Outeiro Machado — M.^a Ermelinda dos Santos Correia.
O homem da Maça — M.^a Alice César Vasquez Osório.
A Igreja Românica de S. Pedro de Ferreira — M.^a Rosa de Pinho
Moreira.
Cemitério Luso-Romano de Monte Penouço — M.^a Glória F. Neves
Barros Leite.

1965-1966

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

- Método dos Testes em Psicologia Aplicada — Amélia da Conceição.
Testes da Inteligência adaptados à população escolar Portuguesa —
Cristiano Gonçalves Oliveira.
Origens, usos e costumes dos grupos étnicos da área do Posto — Sede
do concelho dos Dembos os Ngolas e os Machungos — Jorge Alicedas Faria
Ramalheira.
Índice facial — M.^a José Folgado Antunes.
Instituto de Odivelas — Introdução — M.^a Isabel Marques Coelho.

Etnografia

- A cozinha de Cernadelo — concelho de Lousada — Aurora Lina Mo-
reira da Silva.
A Sementeira do Milho — Ana Albina Fernanda Gonçalves.
Tradição Popular do Senhor de Matosinhos — Alda M.^a Caldeira Pais
Clmente.
Marinhas de Aveiro — Armanda M.^a Vilar Fosto.
O Forno Comunitário de Ribamondego — Armino dos Santos Nunes.
Touradas em Val de Espinho — concelho de Sabugal — Beatriz Mendes
Lucas.
O Barco Moliceiro, Sua Decoração — Carlos Manuel Guedes Melo
Leitão.
Até ao chapéu de Palha — Ermelinda Augusta Moreira C. e Silva.
As sementeiras do cereal numa Aldeia da Beira (Algodres, concelho
de Figueira de Castelo Rodrigo) — Eduardo Augusto da Vilhena Geraldés.
O Mel — Eva Castália do Rego Amorim.
Barcelos — Apontamentos Etnográficos — Emília Martins Silva Lino.
Algumas rezas usadas na freguesia das Talhadas, concelho de Sever
do Vouga e sua comparação com outras análogas, usadas em certos pontos
do País — Joaquim Domingues Lomba.

- Casamentos de Nisa* — José António Ratinho Lucas.
A Água na Vida do Homem — Lucília Teixeira de Almeida.
Penajóia, Terra das Cerejas — M.^a Adelaide Montenegro Vieira Cardoso.
Vinte e quatro horas na vida de um trabalhador Rural — M.^a Bernardette Costa Chouprina.
A Limpeza de uma cidade — M.^a Guilhermina Hardman Marques da Silva e António João Pinheiro da Silva Passos.
Páscoa e os ovos de Páscoa — M.^a Isabel Fontes da Silva.
Cruzeiros — M.^a Emília Guichard.
Romaria de S. Silvestre e S. Tiago em Cardielos, Viana do Castelo — M.^a Emília de Sousa.
Castelo — M.^a Emília de Sousa.
Cortiçadas — M.^a Adelaide Silva Santos.
Antigos usos e costumes da Trofa — M.^a Helena Lima Leite.
Ceifas em Colos — M.^a de Deus Augusta da Silva.
Costumes, Lendas e Tradições da Minha Terra — M.^a Cândida de Magalhães Marques.
Assim trabalha o Povo — M.^a Helena Pinto da Cunha.
Oratório de S. Clemente da Penha, concelho de Matosinhos — M.^a de Fátima Caldeira Pais Clemente.
Procissão dos Passos e hábitos da Quaresma na aldeia de Atalaia, concelho de Pinhel — M.^a de Fátima Quinteiro do Amaral.
O burel em Arões, Val de Câmbra — M.^a da Luz Coelho de Pinho.
Treizelo, Lendas, Usos e Costumes do seu Povo — M.^a Angélica Ribeiro Borges.
Lenços de Amor de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo — M.^a Olímpia Lopes Baptista Alves.
Lenda de Santa Marta, freguesia de Ansêde, concelho de Baião — M.^a Manuel Borges Mesquita Montes.
Oblatas — Manuel Camões Sobral.
S. Gens de Cidai (freguesia de Valbom, concelho de Gondomar) — M.^a de Lurdes Sampaio de Freitas.
Alguns aspectos da Medicina Popular — M.^a José Rosa da Costa.
A Campa do Preto — M.^a Nídia Duarte Ferreira.
As Malhadas em Soutelinho de Umli — M.^a do Carmo Mendonça Pinheiro.
Cozedura da Broa de Milho em Sernanda, concelho de Felgueiras — M.^a da Glória Leite Silva Filipe.
N.^a S.^a da Lapa, concelho de Sernancelhe — Diocese de Lamego — M.^a Ondina Conceição Silva.
Louça Preta — Manuel Augusto Moutinho Tavares Salgado.
O Bom Jesus de Barrosas — Amélia Esteves Bouça.
Particularidades de habitação no Minho — M.^a Margarida Martins Teixeira Magalhães.

O fabrico de cestos na Aldeia de Gonçalo — M.^a Eduarda Vilaça Gonçalves.

O Rego do Mosteiro de St.º Tirso — M.^a Teresa Vieira da Silva.

Terras de Arrifana de Santa Maria — M.^a das Dores da Costa Pinho.

A cozedura do Pão numa Aldeia Trasmontana — Ligares, concelho do Freixo-de-Espada-à-Cinta — Verenando da Graça Cabral.

Os Celtas e a Lenda do Castelo do Queijo (Porto) — M.^a Manuela da Silva e Costa.

O Fabrico de cordas, em Paços de Brandão, concelho da Feira — M.^a da Conceição Alves de Oliveira.

Filigranas (em Gondomar) — M.^a Adelina Faria.

Notas Etnográficas sobre Baião — Num Verão, uma festa, um Casamento — Nilza Teresa da Silva Madureira Correia Botelho.

Festas a St.º António de Silva Escura (Maia) — Guilhermino Alberto Sousa Vieira.

Cavalladas de Vildemoinhos — Glória M.^a Martins da Mota Bandeira.

Arqueologia

Breves Notas sobre as Salgadeiras Romanas da Praia de Angeiras (Matosinhos) — Júlio José Lopes dos Santos.

A Capelinha de N.ª S.ª de Vila Seca — Margarida de Fátima Cabral Soares.

Memorial da Ermida na Antiga Penafidelis (Penafiel) — M.^a Otília Amoreira da Cruz.

O Templo de Diana — M.^a Clara Amorim Azevedo.

O Homem da Maça — M.^a da Conceição Cabral B. Oliveira.

Vária

Paraquedismo — Alcino Ferreira Pinto.

Causas que influem no Rendimento Escolar — José de Leite Resende.

Cafés e Jardins do Porto — José Manuel da Conceição Greda.

Evolução de um trabalho Litográfico — Lídia Dória Lacerda Vásquez.

1966-1967

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Morfopsicologia — Alcino Ferreira Pinto.

Os Testes Psicológicos. Psicologia Infantil — O Teste de Coodnough — Abílio Augusto Baptista da Cunha.

Testes — *Teste de Coodnough — sua aplicação em Arco de Baúlhe e Braga* — Abílio Augusto Baptista da Cunha.

A Delinquência — Ilda da Conceição Abreu.

Testes Psicológicos — Laura J. Alexandre S. Azevedo.

O Teste de Balarde — M.^a de Fátima Adelaide Costa.

Um povo primitivo de Angola — Grupo étnico N'Gola — Maria Cecilia Carvalho Ferreira.

Índice facial: Aplicação da Estatística — M.^a Vera Coelho Rodrigues.

O factor humano na Empresa Moderna — M.^a Cenisabel Tomás Dinis.

Teste de Terman — Carlos M. C. Moutinho e Rui A. C. Valente.

Etnografia

Notícia explicativa de alguns aspectos de tecelagem na Região de Arco de Baúlhe — Limões (Cabeceira de Basto) — Abílio Augusto B. da Cunha.

Estudo social da população do Bairro Camarário de Fernão de Magalhães (Porto) — Alberto Acácio Machado Leite.

Algumas considerações sobre Medicina Popular e Superstições — Arlinda Maria del Pino Fernandes.

Alguns aspectos relacionados com a arte de Montante, colhidos nas Pedreiras da Areosa (Porto) — António José Crespo Moreira.

As Filigranas Portuguesas: Sua importância adentro da ourivesaria e técnica de execução — Ester Simões Carneiro Martins de Carvalho.

Evolução das Festas em Honra de N.^a S.^a das Dores na Trofa — Isilda de Sá Couto Reis.

Inquérito linguístico — Gaspar Miranda Teixeira.

O Homem do Ribatejo — Gil Fernando Moreira Torcato.

Filigranas em Portugal, a arte apresenta uma certa feição popular na ourivesaria, que ainda hoje persiste nos ornatos de Filigranas, em arrecadas, dices e nóminas ou veneras — José Gonçalves da Silva Bastos.

A Pedra da Audiência de Avintes (Vila Nova de Gaia) — José Américo Morais Oliveira.

S. Cipriano de Santo Estevão da Folha — Licínio Lima.

O Linho ou as vestes que o linho faz — M.^a do Sameiro de Paiva Manso.

A Senhora Aparecida — M.^a Eduarda Silva Cunha.

O Casal de diabos de Amarante e as Lendas que o envolvem — M.^{ia} Teresa Cardoso Brochado.

As Cerimónias da Semana Santa em Torrão, Entre-os-Rios — M.^a Fernanda Marques Branco.

Alguns apontamentos sobre Medicina Popular colhidos na freguesia de Moreira (concelho da Maia) — M.^a de Fátima Silva Araújo Santos.

Orações que o Povo reza — M.^a Elisa Vanguero Torres.

Festas de Paranhos (Porto) — M.^a do Carmo Saraiva Caldeira Barroso.
A Flor — sua influência na arte e na literatura Popular Portuguesa —
 M.^a da Conceição Lobato Serrano.

Lavradas Minhotas — M.^a do Sameiro Vilela da Mota.

Feiras tradicionais do S. Martinho em Penafiel — M.^a Alzira Mendes
 Pereira da Silva.

Os gigos em Balazar, concelho da Póvoa de Varzim — M.^a Ramos
 Cascão dos Santos.

Almas Santas da Areosa, concelho de Águeda — M.^a de Fátima Dinis
 Abrantes Maia.

*Ancêda — alguns usos, costumes, lendas de uma aldeia do Alto Douro
 (concelho de Baião)* — M.^a Antónia Araújo Teixeira.

Vestuário e Classes Sociais em Portugal nos séculos XIV a XVI —
 M.^a Celina Ferreira de Melo Viana.

O queijo da Serra da Estrela — M.^a da Graça Corte-Real Nunes de
 Almeida

Capela do Senhor e Senhora da Ajuda (Porto) e sua lenda — M.^a
 Helena de Castro Santos Seca.

Traje à Vianeza — Pilar Cavalheiro.

A pesca e os pescadores de Sesimbra — Nelsa M.^a Leite Tavares Pinho.

O Cesto — Virgínia Fernandes Leitão.

*Usos e costumes trasmontanos: o dia das comadres (concelho de Vila
 do Conde de Aguiar)* — José Manuel Sousa Santos.

Arqueologia

Lucerna Romana de Guediche, (Avões, conc. Lamego) — Aurélio Sam-
 paio de Carvalho.

Lagaretas de Pinheiro do Azere (St.^a Comba Dão) — José Luís Tocha
 Antunes dos Santos.

Vária

Origem do nome Lamego — M.^a Cacilda Chaves da Costa Morgado
 Neves.

A História do Selo Correio em Portugal — Raul Filipe de Melo Vilela
 Passos.

1967-1968

Antropologia Física, Etnologia e Psicotecnia

Técnica das medições em Antropologia — Luís Meirelles Vieira de
 Castro.

Alguns aspectos Sociológicos do Arrendamento das Propriedades Agrícolas a lavradores caseiros — Fernando Manuel Garcia Camisão.

Etnografia

Trabalho descritivo — Colecção de miniaturas de utensílios agrícolas da Guiné Portuguesa — Amadeu João Estrela Ferreira Pena.

O Miúdo Poveiro — António Avelino Monteiro.

Cerâmica de Molelos (Viseu) — Cília Cabral Ferreira.

Romaria S. Bento das Peras do Val de Vizela — Eugénia Sampaio Faria.

A Louça de Bisalhães (Vila Real) — Elisa Magalhães Ribeiro da Cunha.

A Romaria do Senhor de Matosinhos — M.^a José Alves da Silva Machado.

Arte gentílica Africana: Torneiros de Pau Preto — M.^a Vitalina Rocha Vilela.

Lenda e história, tradições e costumes das Terras de Aquém-Marão — o Diabo e a Diaba de Amarante — M.^a Natércia Ferreira Costa Neves.

Crenças e superstições em Monsanto (Idanha-a-Nova) — M.^a Emília Ferreira Pedro.

Vindimas em Favaíos — Maria Teresa Garcia.

Fechos mouriscos em Fornelo (V. do Conde) — M.^a Teresa da Silva Pires de Carvalho.

Tradições de Ribeira Lima — Turquia — Drama da Guerra entre Turcos e Cristãos — Teatro Popular — M.^a Helena Lobo Maia Gonçalves.

Talhas em Madeira — freguesia de S. Cosme (Gondomar) — M.^a do Carmo Alcântara de Melo.

O Trabalho — M.^a da Conceição da Costa Quintinho.

Sargaceiras da Apúlia — Idalina Amélia Vaz Moreira Bastos.

Santo André de Ansede, Baião — Fernando Monteiro Vieira.

Procissão do Enterro do Senhor em Rio Tinto — Zélia Fernandes Padrão.

Arqueologia

Belver — o Castelo e as Santas Relíquias, marcas indelévels de um passado de grande valor histórico (concelho de Gavião) — Aurora M.^a Alves Catarino Abelha.

Vária

Sentido personalista na Doutrina Social da Igreja — Carlos Alberto Costa Mendonça e Moura.

CONCLUSÕES

O número de trabalhos especiais feitos pelos alunos do curso de Antropologia, desde 1953-1954 até 1967-1968 foi de 627.

Número variável de ano para ano em relação com o maior ou menor número de alunos inscritos.

Dum modo geral os trabalhos corresponderam à finalidade que se tinha em vista na solicitação feita aos estudantes para a elaboração dos mesmos.

Em quase todos os trabalhos, para não dizer mesmo em todos, é manifesto o interesse posto quer na escolha dos temas quer no modo como foi feita a colheita dos elementos indispensáveis à sua estruturação.

A documentação iconográfica de muitos, em fotografias, em desenhos, em esquemas e em gráficos, é mais uma prova do interesse posto no equilibrado ajuste do texto e da respectiva iconografia.

Alguns desses trabalhos, e não poucos, bem mereciam ser publicados na íntegra.

Já o Mestre Mendes Correia lamentava que o alto custo dos trabalhos tipográficos não permitissem a publicação *in extenso* de alguns dos trabalhos especiais dos seus alunos.

Outros trabalhos com alguns arranjos em justa coordenação dos materiais em estudo também mereciam publicação.

Mas em todos eles há colheita, mais ou menos ampla de materiais de estudo registados por observação directa e atenta, como é, por exemplo, o que se verifica no pormenor descritivo de vários temas etnográficos.

Os trabalhos especiais que se conseguiu reunir por anos escolares vão de 1939-1940 a 1967-1968, com a falta dos mesmos nos 6 anos que vão de 1945-1946 a 1949-1950, que é de supor se tenham extraviado.

Os que se conseguiu reunir estão incorporados na Biblioteca do Instituto de Antropologia onde poderão ser consultados. Constituem, sem a menor dúvida, um valioso recheio de informações no âmbito da Antropologia, da Etnologia, da Psicotecnia, da Etnografia e da Arqueologia.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Junho de 1982

30.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos

Agosto de 1981

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Antigo Director do Inst. Antrop. «Dr. Mendes Correia»
Sócio Correspondente da Assoc. dos Arq. de Lisboa
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

O Castro de Carvalhelhos, a que o povo chama *Castelo dos Mouros*, ou simplesmente *Os Mouros*, fica sobranceiro às afamadas Águas de Carvalhelhos, em termo da freguesia de Bêça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real.

No dia 31 de Julho de 1981 na viagem do Porto para Carvalhelhos tive ensejo de trocar impressões com o Sr. Dr. Aires Querubim Menezes Soares, ilustre Governador Civil de Vila Real que manifestou vivo interesse pelo estudo da Arqueologia do distrito.

No prosseguimento do estudo daquele Castro ali fizemos mais uma campanha de trabalho de 31 de Julho a 18 de Agosto de 1981, com subsídios da Direcção Geral do Ensino Superior e da Câmara Municipal de Boticas.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

A Administração das Águas de Carvalhelhos coadjuvou os trabalhos não só fornecendo ferramentas, como sempre tem sido norma, mas tomando a seu cargo o pagamento da máquina escavadora que prosseguiu no desentulhamento dos fossos do Castro, notáveis pela sua grande fundura que chega a atingir 6, 7 e 8 metros.

No relatório de 27.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977), publicado em «Trabalhos de Antropologia e Etnografia» Fasc. 2 e 3 do Vol. XXIII, Porto, 1978, pág. 323-333, 16 Fig., dei conta do começo do trabalho da máquina escavadora na limpeza dos fossos, intencionalmente entulhados, e das razões que levaram à utilização da máquina escavadora.

Por um lado o desentulhamento feito em pequenos troços de fossos à pá e picareta em alguns anos da década de 1960, não terem fornecido qualquer resto do interesse arqueológico. Nem sequer um fragmento de cerâmica ou porção de escória, uns e outros relativamente frequentes no reduto cimeiro intramuralha. Isto me afoitou a meter a máquina a desentulhar os fossos.

Por outro lado o facto de os arqueólogos portugueses e espanhóis, participantes no *Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja* realizado em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972 ⁽¹⁾ nos terem incitado a prosseguir no desentulhamento de mais alguns troços daqueles fossos.

Continuam as dificuldades em conseguir pessoal jornalheiro pelo que me tenho valido de rapazes especialmente dos 15 e 16 anos,

Fosso n.º 1 da vertente do lado poente:

Ao longo da 2.^a muralha do lado ocidental na ladeira pendente sobre o ribeiro, correm a ela paralelas dois regueirões

⁽¹⁾ *Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. 3, Vol. XXII, Porto, 1973, págs. 187-351.

indicativos dos fossos que naquele ponto dificultariam o ataque à muralha.

Na campanha de 1980 procedeu-se ao desentulhamento do fosso n.º 2 que bordeja pelo lado de fora o fosso n.º 1. Vid. fig. 1 do meu trabalho 29.^a *Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos*, 1980, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, pág. 140-147, 8 Figs.

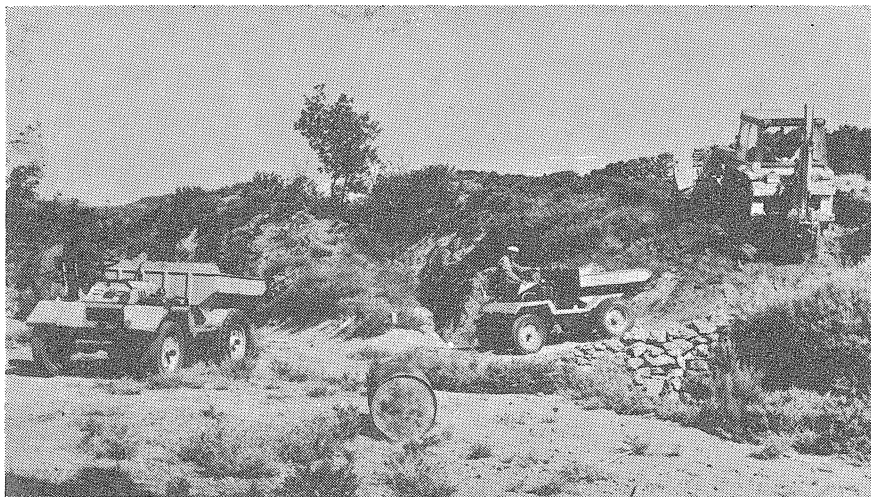


Fig. 1 — Máquina escavadora e «dumpers» que trabalharam no desentulhamento de alguns troços de fossos.

Embora o fosso n.º 2 se continue em regueirão ladeira abaixo, revestido de mato e com algumas pedras e que convinha desentulhar para se averiguar a sua fundura, deixamos tal serviço para outra oportunidade em que se consiga mais pessoal, e passamos a desentulhar o fosso n.º 1.

Depois de cortar o mato em toda a largura e num comprimento de 16 metros no regueirão, que assinala o fosso, iniciamos a sua escavação.

Como não é fácil ir ali trabalhar a máquina escavadora por causa das muitas pedras fincadas (Fig. 7) o serviço teve

de ser feito à pá e picareta, e a terra transportada em carrinhos de mão

Iniciou-se a escavação ao lado do início da porção do fosso 2 escavado o ano passado (Fig. 5).

Escavou-se o fosso n.º 1 num comprimento de 16 metros em camada superficial com cerca de 40 cm de fundo. Encontraram-se algumas pedras de granito com face picotada o que indica serem pedras derrubadas da muralha de cuja face externa faziam parte.



Fig. 2—A máquina escavadora ao iniciar o desentulhamento do fosso n. 1 da cumieira. À direita no alto um troço da muralha com seu portelo.

Na zona de ataque ao fosso n.º 1, na linha e ao lado do começo da escavação do fosso n.º 2, (Figs. 5 e 6) fez-se a escavação em profundidade por camadas de 30 cm., comprimento de quase 5 metros e numa largura de 2,50 metros.

A escavação feita por camadas de 30 cm foi até 2,50 m de fundo sem se atingir a rocha.

Colheu-se a impressão de que o perfil deste fosso tende para a forma em V enquanto que o fosso n. 2, que lhe corre paralelamente ao lado, é de perfil em U, como vimos na 29.^a Campanha de 1980, e se mostra na fig. 1 da pág. 143 do trabalho citado.

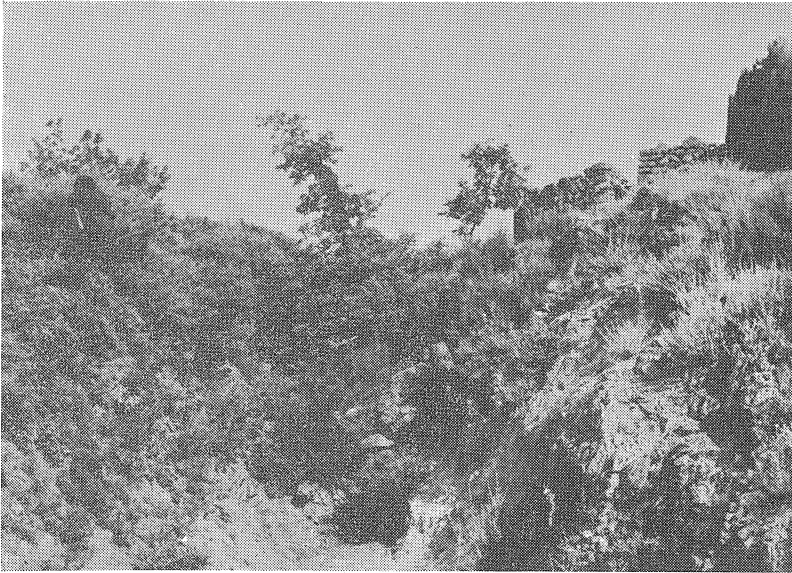


Fig. 3 — Fosso n.º 1 da cumieira entulhado, coberto de mato e até com dois carvalhos. À direita uma porção da muralha com estreito portelo.

Na escavação feita por camadas não aparece o menor sinal de estratificação, sempre terra cor de café, quase negra com algumas pedras miudas de xisto à mistura. Apareceram também pedras de granito com uma face aplanada a picotado.

Predomina a terra quase negra e são poucas as pedras de xisto. Se não fora a presença destas pedras havia de supor-se que aquele enchimento teria sido feito com o tempo pelo carreamento e depósitos sucessivos de detritos vegetais.

Importa em trabalho a prosseguir levar a escavação até à rocha fundeira e aos lados rochosos a constituírem os taludes direito e esquerdo do fosso.

Pela sondagem feita é de crer que o fosso n.º 1 irá a uma fundura de pelo menos 3 metros.

Desentulhamento das porções cimeiras dos fossos 1, 2 e 3.

No prosseguimento da escavação dos fossos na zona da cimeira, com o serviço prestado pela máquina escavadora e os dois «dumpers» da Empresa das Águas de Carvalhos, tirou-se o entulho de mais uns troços dos três fossos que



Fig. 4 — Aspecto da fig. anterior após o desentulhamento no comprimento de 12,60 metros.

correm paralelos à muralha, e já parcialmente desentulhados em campanhas anteriores.

No fosso n.º 1 arrancou-se o entulho, num comprimento de 12,60 metros (Figs. 3 e 4), sempre e apenas de terra negra ou castanho escura com pedras miudas de xisto e algumas pedras de granito de face picotada.



Fig. 5 — Os dois fossos do lado poente na vertente a pender sobre o ribeiro. À esquerda e atrás dos jornaleiros porção do fosso n.º 2, escavado em 1980. No 1.º plano à direita dos jornaleiros o regueirão do fosso n.º 1.

Deixou-se ficar uma parte íntegra a formar passadiço para a crista de separação do fosso que se lhe segue.

O fosso na porção escavada ficou com boca que varia de 4 a 5 metros e com fundura de 3,5 a 5 metros.

No fosso n.º 2 também se deixou uma porção íntegra como passadiço.

À esquerda, lado leste do passadiço, o desentulhamento foi apenas de 5,50 metros de comprimento, e fundura de 3,30 metros. A boca deste fosso ao nível do passadiço é de 3,90 metros.

Para a direita, lado rondando para norte, o fosso desentulhou-se no comprimento de 18 metros. Junto do extremo norte o fundo vai a 4,90 metros.

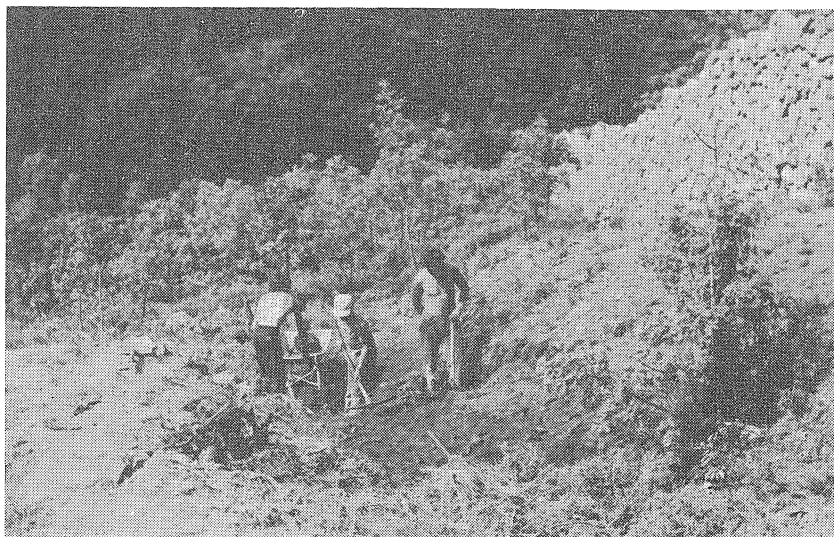


Fig. 6 — Início do desentulhar do fosso n.º 1 do lado poente.

O fundo rochoso do fosso prolonga-se mais 7,50 metros indo juntar-se ou confluir com o fundo do fosso n.º 1.

O fosso n.º 3 começou a escavar-se na linha do seguimento dos passadiços dos fossos anteriores. Deixou-se íntegra uma larga faixa de 6,5 metros de comprimento como padrão e passadiço.

Iniciou-se a escavação deste fosso no dia 13 de Agosto.

Escavaram-se apenas cerca de 4,50 metros de comprimento e cerca de 3 metros de fundo por camadas de 50 cm.

A máquina avariou e suspenderam-se os trabalhos.

A terra removida era castanho escura, anegrada (terra vegetal).

É de crer que haja mais de 1 metro e meio de terra a cobrir o fundo rochoso do fosso.

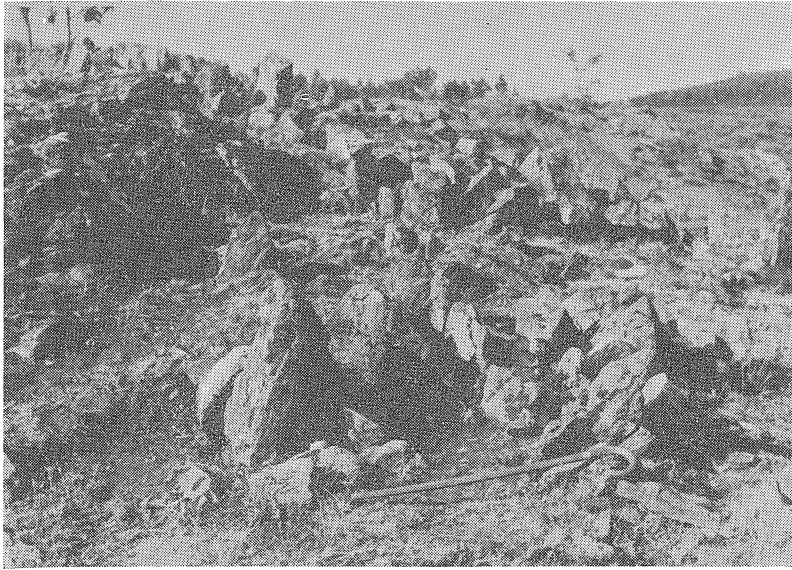


Fig. 7 — Restos do ouriçado de pedras fincadas da vertente do lado poente a pender sobre o ribeiro. A bengala mede 82 cm.

Foi pena que a máquina avariasses pois com mais um dia a dia e meio de trabalho terminava o desentulhamento naquele fosso n.º 3, que deve ter de boca à roda de 6 metros, e vai estreitando um pouco para norte.

A máquina escavadora e os «dumpers» (Fig. 1 e 2) prestaram excelente serviço, Foi graças à ajuda generosamente prestada pela Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos que o desentulhamento dos fossos pôde prosseguir em bom ritmo.

A máquina trabalhou 34 horas a 1.200\$00 cada hora, pelo que a Empresa pagou 37. 200\$00.

Prospecção no Castro do Lesenho.

No dia 12 de Agosto parte do pessoal, para ir à festa do São Bento da Porta Aberta, no Gerês não veio trabalhar.

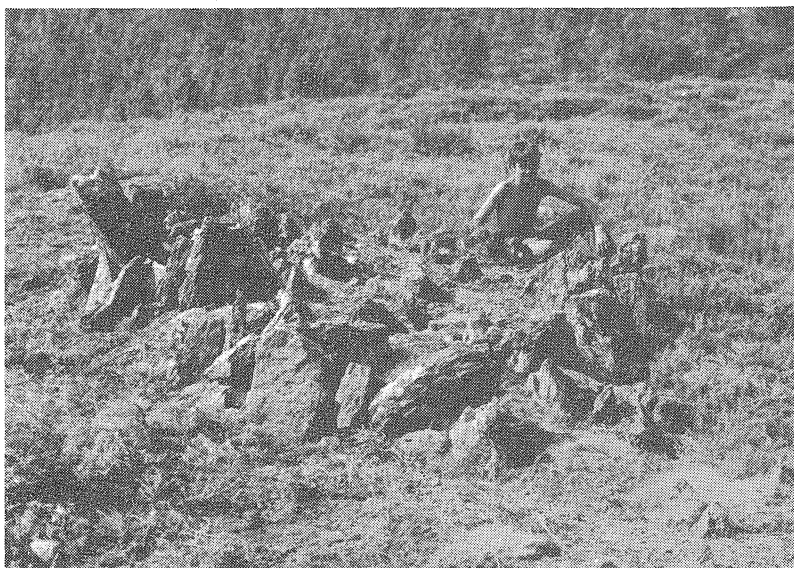


Fig. 8 — Conjunto de pedras fincadas, liberto do mato que crescia à volta e por entre as pedras e o tapava. É um dos restos do ouriçado que devia estender-se em arranjo uniforme num comprimento de pelo menos 25 m e 8 a 10 de largura a marginalar o 3.º fosso na cumieira.

Por isso aproveitei a tarde desse dia para iniciar a campanha de prospecção nos Castros do Concelho de Boticas.

Com o meu amigo Sr. Avelino Miranda, que foi conceituado comerciante em Boticas e é homem dotado de curiosidades científicas, nomeadamente no campo da Arqueologia

do seu concelho, já há muito que temos projectado visitar todos os Castros do concelho.

Com alguns poucos elementos colhidos por mim, e sobretudo com os fornecidos pelo Sr. Avelino Miranda, organizamos a lista dos Castros de Boticas.

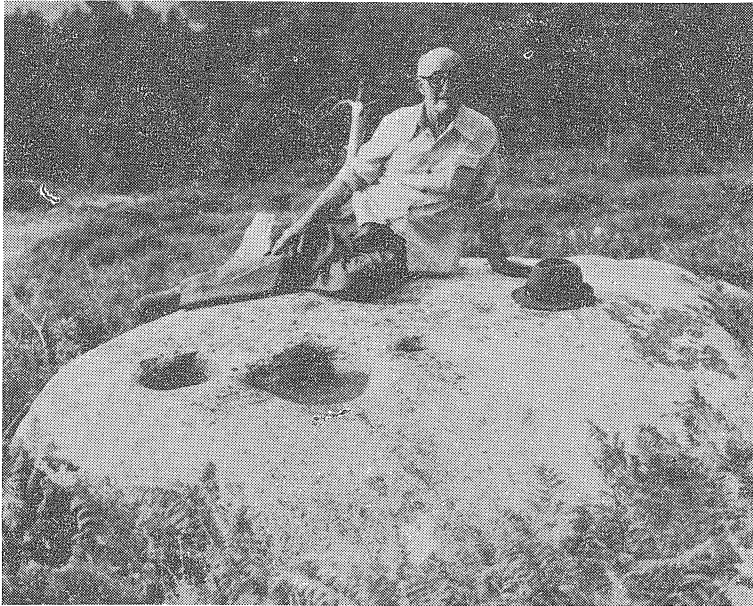


Fig. 9— Pedra de granito do Lesenho com 3 covas em disposição linear. Sentado o Sr. Avelino Miranda companheiro das pesquisas no Lesenho.

É nossa intenção visitar todos os Castros e dar conta das observações e de uma ou outra particularidade que mereça referir-se. É, digamos, colher elementos para a publicação do *Catálogo dos Castros do concelho de Boticas*.

É a seguinte a lista dos Castros de Boticas, dos quais se indicam, dos que houve conhecimento, os nomes que o povo lhes dá, e alguns escassos elementos da sua localização.

- Amurada* ou *Murada*, no termo da freguesia de Ardãos, entre a Lagoa e a fraga da Archeira.
- Castro de Cunhas*, termo de Ardãos, perto da Serra Velha, entre a Fraga do Tojo e a Fraga do Gordo.
- Castro da Gorda*, acima de Ardãos em direcção a Arcos.
- Castro de Malhó* ou *Amallhó*, também a confirmar com com termo de Ardãos.
- Castro da Cigadonha*, em Bobadela.
- Castro da Cêrca*, Bobadela, junto do rio Terva, para o lado de Sapelos.
- Castro do Brêjo*, Bobadela, no mesmo cabeço onde se construiu a casa da Floresta.
- Castro de*, em termo de Sapelos.
- Castro de*, em termo de Nogueira.
- Castro de*, em termo de Sapiãos.
- Castro do Cabêço*, em termo de Ventozelos.
- Castro do Mouril*, em termo de Pinho, Sobradelo.
- Outeiro do Pardo*, em termo da freguesia de Boticas.
- Castro dos Mouros*, em termo da freguesia de Boticas.
- Torre?* ou *Castro da Torre?*, em termo de Seirrões
- Castro da Naia* (Rio Mau), entre Codeçoso e Curros.
- Castro de*, termo de Secerigo, junto ao rio Bêça.
- Castelo dos Mouros*, em termo de Carvalhelhos, sobranceiro às Águas de Carvalhelhos.
- Castro de*, junto da povoação de Vilar, perto do cruzeiro da Senhora dos Milagres.
- Castro do Lesenho*, a nascente da aldeia de Campos. Ali trabalhei (S. J.) há cerca de 20 anos, 3 ou 4 dias no restauro da larga porta de entrada no Castro.
- Castro do Poio*, em termo de Covas, no caminho velho de Covas para Dornelas. Tem casas redondas e rectangulares.
- Castro de*, em termo de Gestosa.
- Castro do Côto da Moura*, perto da ponte de Mêma.
- Castelo de S. Romão*, situado na orla sul da albufeira de Pisões. Fica quase em frente, da ponte da barragem de Pisões, ao lado da estrada que segue em direcção às Alturas de Barroso. Quando há anos trabalhei (S.J.) no Castro de

S. Vicente de Chã,ilhado no lado norte da albufeira, visitei o Castro de S. Romão e lá colhi cerâmica tipicamente castreja. O Castro é pequeno e situado num recanto rochoso agreste.

Castro de, situado na vertente leste de um dos «cornos» das Alturas, à esquerda da estrada que desce para Pisões.

Castro de Lousas ou de *Louzar*, em termo do Couto Dornelas.

São indicados 26 castros, de alguns dos quais não se conseguiu averiguar os nomes que lhe dá o povo.

A Câmara Municipal de Boticas manifestou interesse no estudo e publicação do Catálogo dos Castros do seu concelho, que oxalá em conveniente oportunidade, com a coadjuvação do Sr. A. Miranda, possamos levar por diante.

Como se diz atrás, aproveitando a falta do pessoal por irem à festa do S. Bento da Porta Aberta no Gerês, fui na tarde desse dia com o Sr. A. Miranda ao Castro do Lesenho, onde há cerca de 20 anos ali trabalhei 3 ou 4 dias refazendo a porta da muralha voltada a noroeste.

Com o Sr. Miranda encontramos na vertente do lado norte e a mais de 100 metros da muralha três pedras assinadas.

Uma, ao rés da terra, com 1,15 metros de comprimento, tinha numa ponte uma pia circular muito bem feita com 56 cm de maior diâmetro e cova mediana de 34 cm de boca, a fundura de 12 cm e fundo ligeiramente enconchado. Infelizmente a fotografia não resultou.

Das outras duas pedras uma é a que vai reproduzida na Fig. 9, onde está sentado o Sr. A. Miranda.

Tem 3 covas, uma, a meio de boca elíptica com 43 × 40 cm e fundura de 12 cm; a do lado esquerdo de 24 cm boca circular, a 13 cm de fundo; a do lado direito, e mais pequena, também circular com 12 de diâmetro e 7 cm de fundo.

Sobretudo a cova mediana afigura-se talvez caldeira do gigante, resultante de causas de acção erosiva turbilhonar; as

outras duas de boca circular perfeita podem considerar-se como intencionais.

A terceira pedra, reproduzida na Fig. 10 é constituída por uma goteira circular com 15 cm de diâmetro tendo a meio uma covinha com cerca de 2 cm de fundo. Da goteira circular irradiam 3 sulcos divergindo em leque; o menor com 12 cm de comprimento, o mediano com 15 cm e o maior com 20 cm.

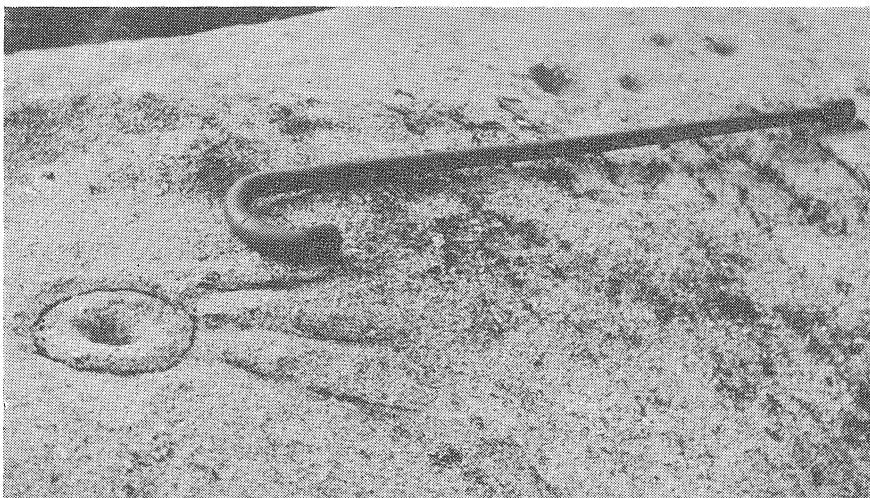


Fig. 10 — Gravura e covinhas num bloco de granito da base e do lado norte do Castro do Lesenho. A bengala mede 82 cm.

A 75 cm da goteira há um grupo de covinhas de diferentes diâmetros, como se vê na mesma Fig. 10.

O Castro da Lesenho notável por nêles terem sido achadas duas estátuas de guerreiros lusitanos, actualmente no Museu Etnológico de Belém, bem merece que um dia possa ser estudado com algum pormenor..

CONCLUSÕES

Na Campanha de 1981 em Carvalhelhos as tarefas consistiram essencialmente no corte do mato (urzes, carqueja, silvas,

torgueiras, etc), no desentulhamento de alguns troços da porção cimeira dos três fossos que correm paralelos à muralha e no início da escavação do fosso n.º 1 da vertente do lado poente.

Continuou a verificar-se, quer no arranque do entulho pela máquina escavadora e no carregar os «dumpers», quer ao despejá-los no atêrro, a ausência de qualquer elemento de interesse arqueológico; nem um fragmento de cerâmica, nem sequer um pedaço de escória que com frequência aparecem no reduto muralhado.

O pouco pessoal jornalheiro teve de coadjuvar o serviço da máquina escavadora, para evitar que ela gadanhasse os lados ou o fundo dos fossos, rapando à enxada a terra a revestir e cobrir os lados e os fundos dos fossos.

A cintura dos fossos, dupla nas vertentes do lado nascente e do lado poente, e tripla na cumieira, todos de boca mais ou menos larga e funduras que vão de 2,5 a 3 metros nos menos fundos e a 7 e 8 metros nos mais fundos, forma notável barreira em reforço da defesa pelo ouriçado de pedras fincadas e pelas muralhas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Maio de 1982

O Castro da Curalha

7.^a Campanha de escavações — 1981

POR

Adérito Medeiros Freitas *

Prof. efectivo da E. S. Martins Sarmento, Guimarães
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

e

J. R. dos Santos Júnior **

Professor catedrático jubilado da F. C. da Univ. do Porto
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Tarefa em Setembro de 1981 por A. M. F.

Os trabalhos de conservação e reconstrução no Castro da Curalha (7.^a campanha) decorreram nos dias úteis de Segunda a Sexta-Feira, entre 1 e 30 de Setembro. Foram interrompidos nos dias 23, 24 e 25 a fim de realizarmos idêntico trabalho no chamado «Castelo do Mau Vizinho».

A campanha foi orientada superiormente pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, coadjuvado por Adérito Medeiros Freitas, licenciado em Ciências Geológicas e professor da Escola Secundária Martins Sarmento (Guimarães). Participaram nesta campanha:

Luís Albino dos Santos Lemos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Joaquim Augusto dos Santos e José Manuel Machado Oliveira.

* Rua Dr. Saraiva Brandão, 260-8.º Dto. — 4800 Guimarães.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Os quatro trabalhadores referidos totalizaram 520 horas de serviço.

Todo o trabalho de reconstrução das muralhas e casas não é possível sem que, primeiramente, se proceda ao corte do mato que, de um modo impressionante, cresce dentro e fora da muralha central.

A partir de 1978 iniciámos o corte numa faixa relativamente estreita, exteriormente àquela muralha. A descoberta de um segundo reduto muralhado a E, N e W levou-nos a alargar, ano após ano, esta área de devaste.

Nesta última campanha (Setembro de 1981) fizemo-lo numa extensão superior a 100 m e numa largura de 25 a 30 m.

O mato é constituído, principalmente, por carvalhos, giestas e pinheiros que atingem, muitas vezes, espessa camada com mais de 3 m de altura. Após o corte, foi necessário proceder à sua remoção para áreas inferiores da vertente norte, ainda com mato por cortar, trabalho moroso e difícil.

Como resultado do corte deste mato numa área mais alargada em volta da muralha central e na vertente voltada para muralha foi posta a descoberto, quase na totalidade, uma segunda linha de muralha, menos larga e que apresenta ainda, nalguns troços, uma altura superior a 2 m; é formada, em parte, por blocos de grandes dimensões, idênticos aos que formam um pequeno troço da muralha central (a NW).

Tudo parece indicar que esta segunda muralha não envolve inteiramente a muralha central. Os dados recolhidos apontam para a sua existência na vertente menos inclinada do monte (E, N e W), faltando a Sul. Possivelmente ela irá entroncar com a muralha central. Com o corte de todo o mato na vertente Sul, a efectuar na próxima campanha de 1982 pensamos poder negar ou confirmar esta hipótese. Além da não identificação até este momento, de outros redutos muralhados na vertente Sul, esta hipótese é ainda apoiada pelo facto de, quer a E, quer a W, a segunda muralha agora posta a descoberto, se aproximar cada vez mais da muralha central, o que significa que a distância entre estas muralhas não varia regu-

larmente. O máximo de afastamento verifica-se a NE onde parece formar, mesmo, um ângulo mais ou menos acentuado. É possível que existisse, aqui, uma porta; é nesta zona, no entanto, que esta segunda muralha se encontra mais destruída.

Entre as portas E e N a muralha central encontrava-se quase totalmente destruída numa extensão de, aproximadamente, 50 m (Fig. 5). Nalguns pontos mesmo, o alinhamento da sua face exterior era-nos apenas indicada pela presença

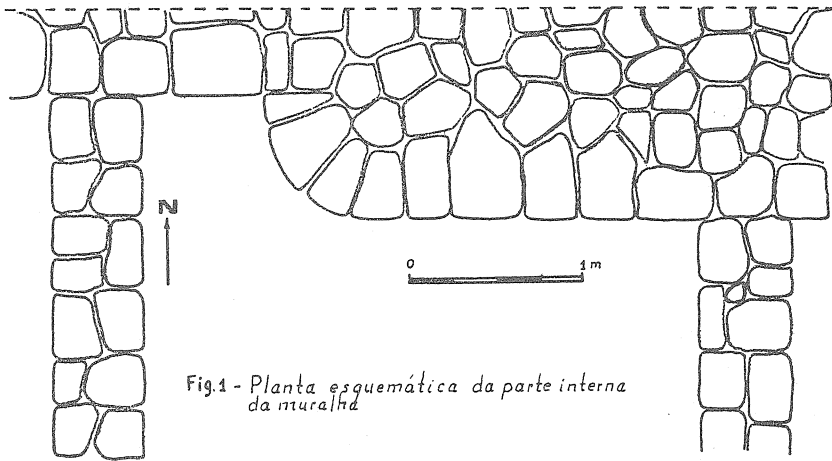


Fig. 1 - Planta esquemática da parte interna da muralha

de algumas pedras que fomos pondo a descoberto depois de um árduo trabalho de remoção de enormes quantidades de terra e pedras miúdas, que constituíam o miolo da muralha primitiva. Algumas pedras de grandes dimensões que faziam, certamente, parte desta muralha, encontram-se espalhadas na vertente sendo-nos impossível, com os meios que possuímos, repô-las no seu lugar; julgamos poder aproveitá-las para a reconstrução da segunda muralha.

Todo este troço da muralha central (cerca de 50 m) foi levantado até uma altura mínima de cerca de 1,5 m (Figs. 7 e 8). Convém não esquecer que toda a muralha central é muito

larga; neste troço reconstruído a sua largura varia entre 3,5 e 4,5 m. Para a realização deste trabalho foi necessário trans-

portar para o local, em braços ou numa padiola, quer de dentro quer de fora da muralha, toda a pedra necessária para formar a sua face exterior.

Como resultado deste trabalho surgiram, entestadas na face interna da muralha e a seguir às já existentes, novas casas rectangulares, ainda não totalmente delimitadas e, por tal motivo, ainda não esquematizadas (Fig. 10).

Numa dessas casas, onde a muralha se encontrava muito destruída internamente, encontramos, depois de removida toda a pedra até uma certa profundidade, um remate (Figs. 1, 9, 11 e 18) de contorno circular, com pedras muito bem trabalhadas, sendo o seu raio de curvatura de 70 cm. Este remate de contorno circular é de uma tal perfeição, que contrasta extraordinariamente com o que se verifica noutros troços desta muralha; é natural que este remate

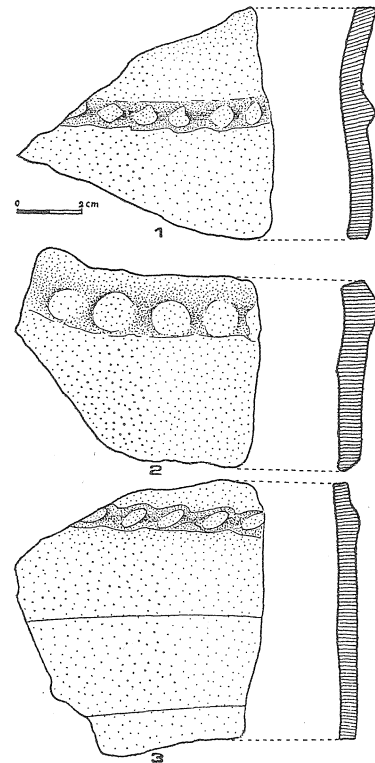


Fig. 2 — Fragmentos de cerâmica com cor, espessura e ornamentação diferentes.

seja um resto da muralha primitiva, enquanto que as porções menos aperfeiçoadas, corresponderiam a reconstruções, feitas à pressa, após períodos de assédio e destruição.

Não era de esperar uma grande quantidade e variedade de achados num trabalho desta natureza — corte de mato e reposição de pedras nas muralhas. No entanto, e tal como já

tem acontecido em anos anteriores, foi relativamente grande o número de fragmentos de cerâmica de cor, espessura e forma variada, além de outros materiais.

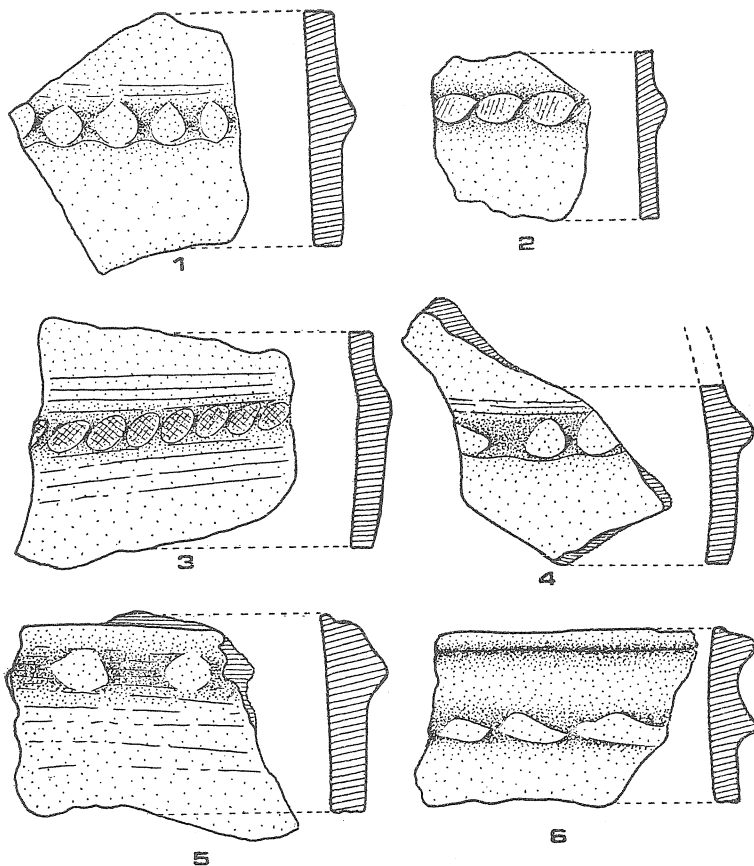


Fig. 3 — Fragmentos de cerâmica com cor, espessura e ornamentação diferentes.

Em resumo, foi o seguinte o material recolhido: três cossiros; quatro pedaços de escória; um fragmento de vidro transparente, não colorido; um fragmento de vidro transparente, esverdeado; numerosos ossos; 256 fragmentos de cerâmica.

Muitos destes fragmentos, pela sua cor, espessura e outras características como, por exemplo, o tipo de ornamentação

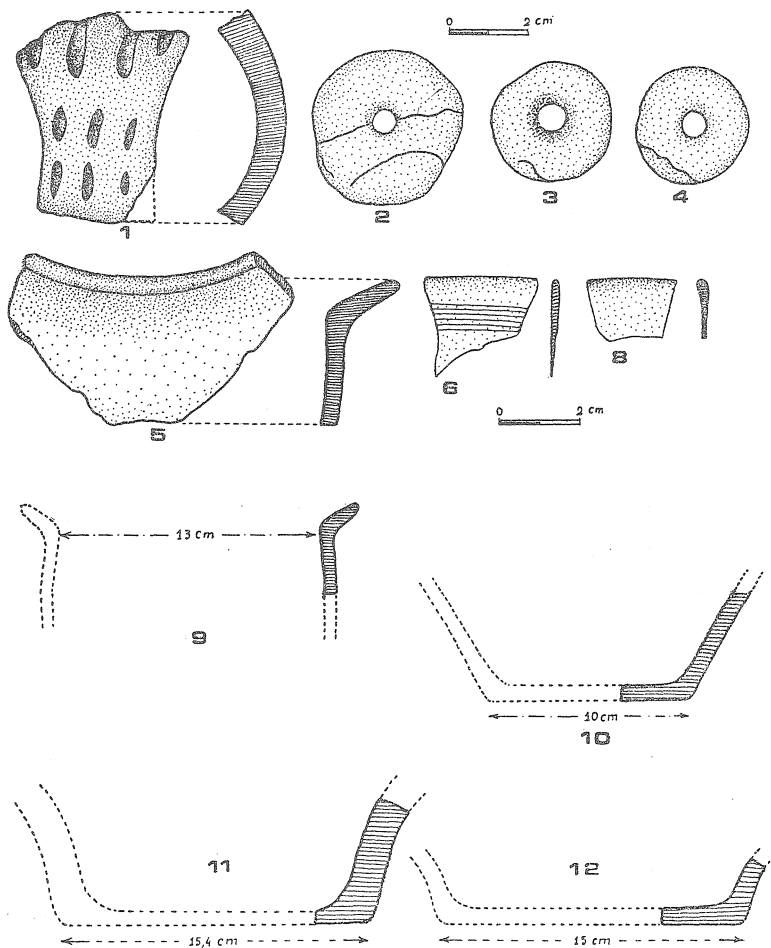


Fig. 4 — Três cossoiros, seis fragmentos de cerâmica e dois fragmentos de vidro.

pertencem, incontestavelmente, ao mesmo vaso sendo talvez, possível, fazer reconstituições parciais.

De todo este material recolhido merecem uma referência especial os seguintes exemplares (Figs. 2, 3, 4 e 13).

Fragmento de uma asa ornamentada com 10 fossetas alongadas. É de cor acinzentada, clara, com uma espessura média de 8 mm.

Cossoiro de cor acinzentada, formado por dois fragmentos, com um diâmetro de 4 cm e uma espessura máxima de 1 cm.

Cossoiro de cor acinzentada, com 3 cm de diâmetro e 7 mm de espessura.

Cossoiro de barro vermelho, com as superfícies correspondentes às duas faces lisas e brilhantes. Este pormenor parece indicar que ele foi modelado a partir de um fragmento de um vaso com tais características. O seu diâmetro é de 2,8 cm e a espessura de 6 mm.

Fragmento de um bordo, de cor acinzentada, pertencente a um vaso cujo diâmetro da boca é, aproximadamente, de 13 cm.

Fragmento de um bordo de um vaso de vidro de cor amarelo-esverdeada. A espessura máxima, no bordo, é de 2,5 mm.

Fragmento de um vaso de vidro branco, transparente. É o primeiro exemplar que aparece com tais características. A espessura máxima, no bordo, é de 3 mm.

Fragmento do bordo de um vaso com um diâmetro da boca de, aproximadamente, 13 cm.

Fragmentos de fundos de três vasos, cujos diâmetros basais externos têm, aproximada e respectivamente, 10 cm, 15,4 cm e 15 cm.

Seis fragmentos de cerâmica com espessuras, cor e ornamentações variadas, pertencentes a vasos diferentes.

Três fragmentos de cerâmica pertencentes a vasos diferentes, como facilmente se reconhece pela espessura, pela cor e pelo tipo de ornamentação. A ornamentação corresponde a uma estreita faixa em anel um pouco abaixo da boca de cada um dos vasos.

Entre todos os fragmentos de cerâmica encontrados merece referência especial um (o maior de todos, mas cuja



Fig. 5—A muralha central, entre as portas E e N, no início da fase de reconstrução.



Fig. 6—Um aspecto dos trabalhos de reconstrução da muralha central entre as portas E e N.



Fig. 7 — A muralha central, entre as portas E e N no final dos trabalhos (régua = 40 cm).

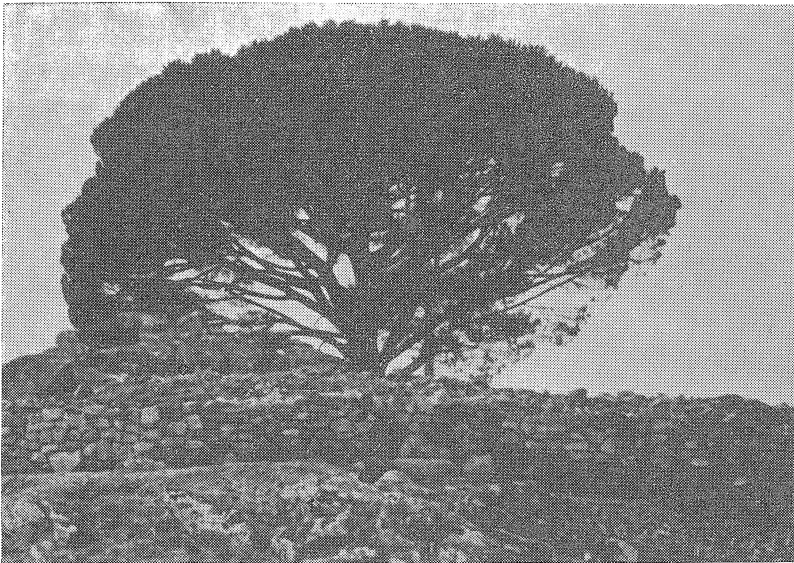


Fig. 8 — Imagem parcial da muralha central, entre as portas E e N no final dos trabalhos.



Fig. 9 — Pormenor do remate interno da muralha central, entre as portas E e N.

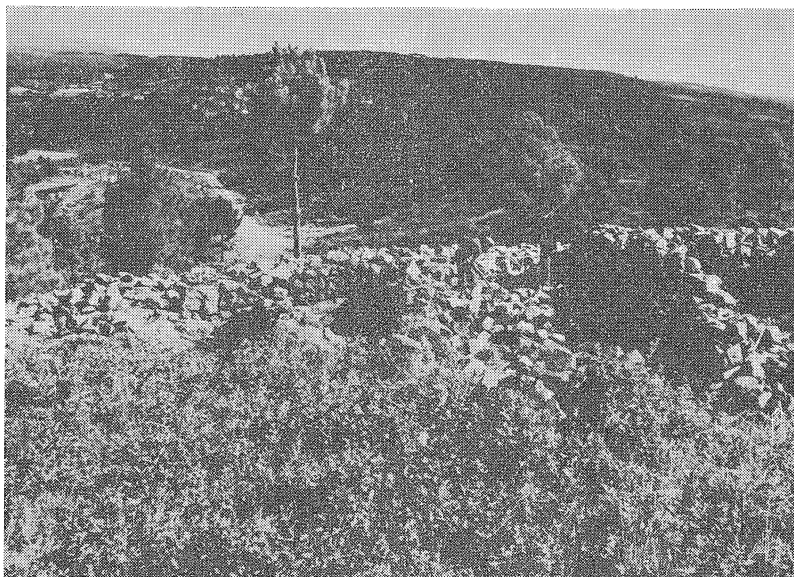


Fig. 10 — Aspecto do recinto interior da muralha central, entre as portas E e N, assinalando as casas entestadas na muralha, postas a descoberto. Os dois homens encontram-se no local onde foi posto a descoberto o remate a que se referem as figuras 1, 9, 11 e 18.

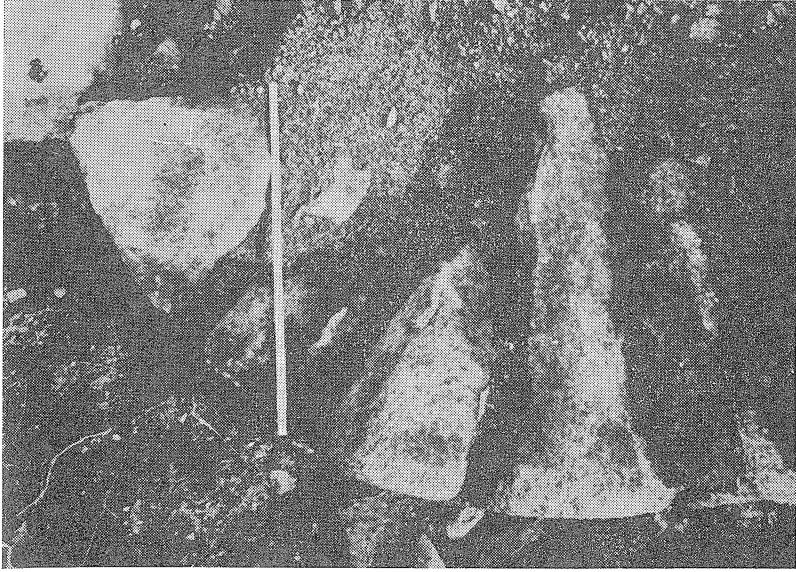


Fig. 11 — Pormenor da base do remate encontrado na face interna da muralha central entre as portas E e N.

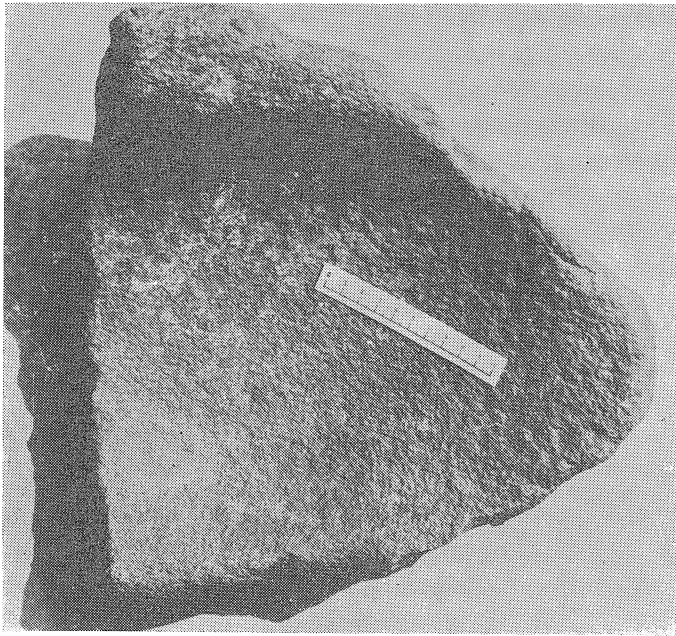


Fig. 12 — Pedra de granito: mó jacente de moinho manual.

fotografia e esquema não nos foi possível apresentar) de cor cinzento-escura, de grande espessura, referente à parte de um fundo e porção lateral de um vaso de grandes dimensões. O exame macroscópico deste fragmento mostra-nos, em toda a sua espessura, duas faixas de tonalidades diferentes; uma, externa, mais clara e outra, interna, mais escura. Esta parece ter resultado da absorção de qualquer líquido que a vasilha conteve.

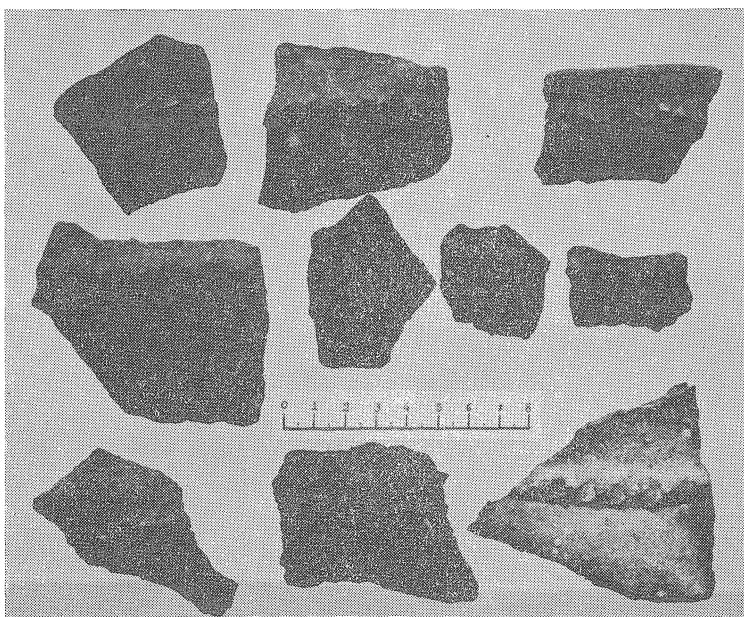


Fig. 13 — Alguns fragmentos de cerâmica pertencentes a vasos diferentes.

A nosso pedido, o Doutor Celso Gomes, Professor da Universidade de Aveiro (Geociências) procedeu à análise de cada uma das faixas do referido vaso. Por esta prestimosa colaboração os nossos agradecimentos muito sinceros pelos dados analíticos que nos ofereceu (A.M.F.) e foram os seguintes:

Dados analíticos do fragmento

«Material composto por areão e areia que se admite provenientes da desagregação de rochas graníticas ou granitóides (quartzos, feldspatos e micas) dispersos numa matriz constituída por carvão vegetal moído e escassa argila.»

Embora os dados analíticos nada nos adiantem sobre a espécie de líquido que este recipiente conteve, eles referem a sua composição mineral e cremos que podem ser valiosos elementos de estudo, quando comparados a outros que, de futuro, sejam obtidos.

De todos estes dados analíticos constituem para nós uma surpresa a presença, na matriz, de *carvão vegetal moído* (principalmente), enquanto que a fase «argila» está muito fracamente representada.

Planta topográfica do Castro da Curalha

O Instituto Português do Património cultural concedeu um subsídio de 30 000\$00 esc. para a carta topográfica do Castro da Curalha, o que, mais uma vez, se agradece.

Tomou o encargo de a fazer o Sr. Armando Rua, topógrafo da Câmara Municipal de Chaves.

Insistentemente pedido para nos enviar (S. J.) uma ou duas cópias, só na 2.^a quinzena de Outubro, quando pude fazer a 2.^a tarefa de trabalhos na Curalha é que me entregou (S. J.) a cópia que vai reproduzida na Fig. 15.

Foi pena que não tenha figurado, em curvas de nível, a faixa de cerca de 100 m à roda do castro, a contar da segunda muralha, e que constituiria a zona de protecção daquele monumento arqueológico, que, pelos resultados das sete campanhas de trabalhos feitos, tem acrescido a sua importância sob vários aspectos e, nomeadamente quanto à arquitectura castreja.

No que respeita a este particular, há que realçar as 15 casas, até agora assinaladas, encostadas à muralha, e das quais esta é parede fundeira. Tudo leva a crer que mais casas

deste tipo virão a ser descobertas. Também merecem realce o arruamento que vai da porta do lado leste até junto do pinheiro manso, e a fiada de 5 casas, de paredes meirias, em alinhamento NE-SW, entre a porta do lado N e a do lado SW. É uma espécie de pequeno bairro.

São 8 as rampas de acesso, até agora descobertas e que não figuram na carta topográfica.

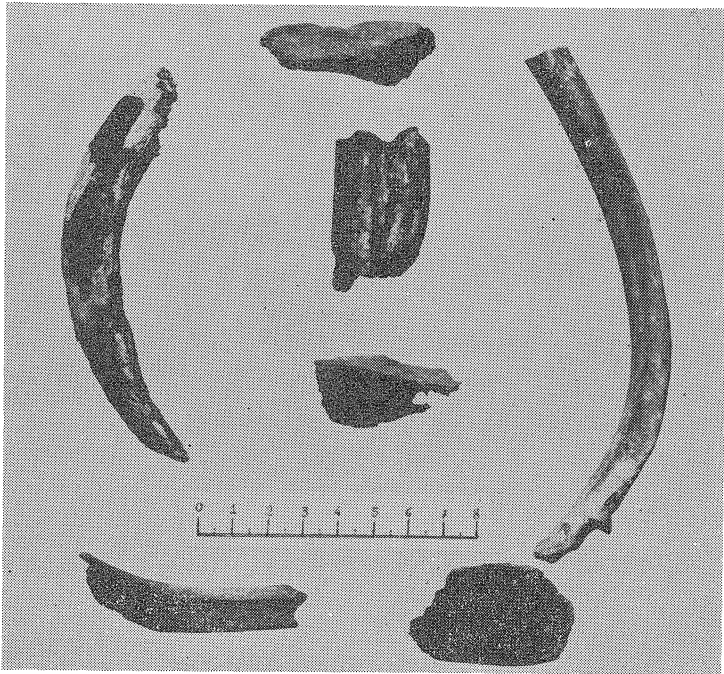


Fig. 14 — Alguns ossos encontrados junto da face interna da muralha central, entre as portas E e N. Entre eles, um canino (à esquerda), um molar (ao centro) e uma costela (à direita).

Com o prosseguimento das campanhas e sobretudo com a possibilidade de se conseguir maior número de jornaleiros e algum pedreiro, estamos certos de que a importância do Castro da Curalha, irá crescendo e o valor científico das descobertas nele já feitas e as que virão a fazer-se, trará novos

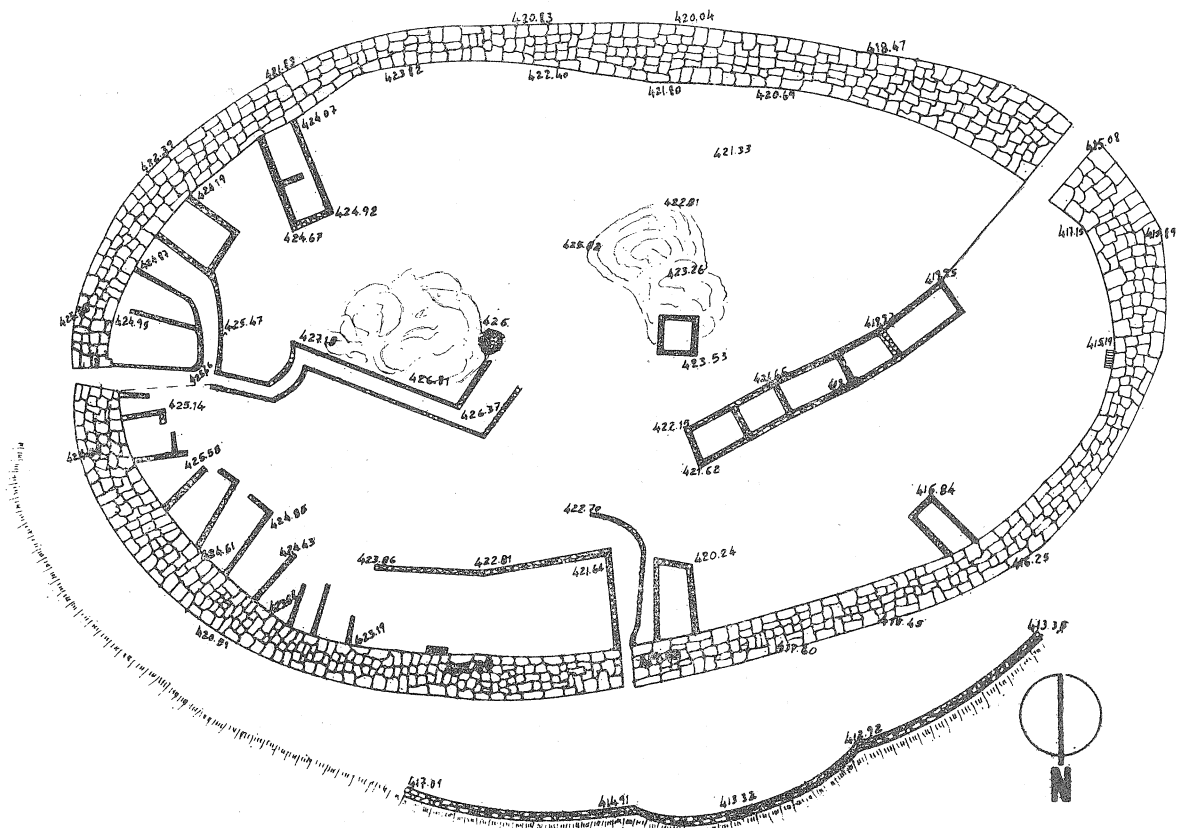


Fig. 15—Planta do Castro da Curalha feita pelo topógrafo flaviense Sr. Armando Rua. Escal. 1/500.

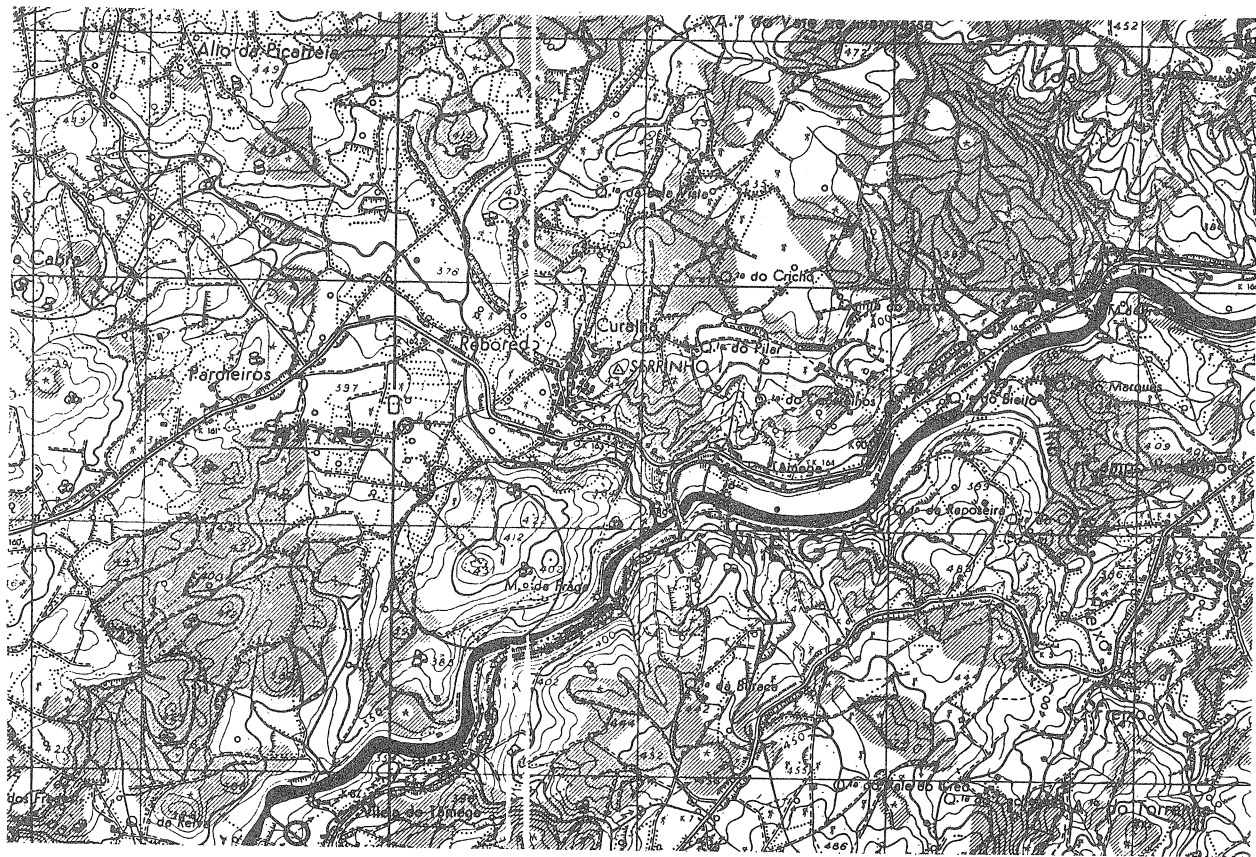


Fig. 16 — Localização do Castro da Curalha na carta de 1/25.000.

e valiosos elementos para o estudo e esclarecimento de muitos dos problemas da cultura castreja ainda por resolver.

A necessidade e vantagens de carta topográfica de um castro, é indiscutível. No entanto parece que a oportunidade de elaboração da mesma deve ser num estado adiantado das escavações, ou mesmo ao rematar a descoberta total dos traços gerais ou fundamentais, embora ainda possa haver certas particularidades de pormenor, de que depois terá de se dar conta.

Moedas encontradas no Castro da Curalha até Setembro de 1981

Todas as moedas encontradas, até esta campanha, no Castro da Curalha, foram classificadas pelo Doutor Senhor Rui Manuel Sobral Centeno, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que amavelmente acedeu ao nosso pedido para a realização de tal tarefa. Por esta prestimosa colaboração expressamos os nosso agradecimentos muito sinceros.

O número de moedas encontradas, por nós, é de 6 e a sua classificação a seguinte:

MOEDA N.º 1

Nummus — Imperador ilegível.

Atelier: ilegível — Cron.: 335-40.

Anv.) Ilegível — Busto à direita muito deteriorado.

Rev.) [Gloria E]X[E]rcitus] — (1 estandarte).

MOEDA N.º 2

Nummus de Constantius II ou Constans (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 347-8.

Anv.) Ilegível — Busto laureado (?) à direita, muito deteriorado.

Rev.) [Victoriae] DD AVGGQNN



MOEDA N.º 3

Nummus de Constans.

Atelier: Treveri — Cron.: 347-8.

Anv.) [Constan] — S PF AVG — Busto à direita com diadema de rosetas, couraça e manto.

Rev.) [Victorial] E DD AV [g g q n n].

M

[TR?]

Ref.) J.P.C. KENT, *The Roman Imperial Coinage*, VIII Londres, 1981, n.º 182.

MOEDA N.º 4

Æ 3 de Constantius II.

Atelier: ilegível — Cron.: 354-357/8.

Anv.) [Dn Constan-tius p. f. aug] — Busto à direita com diadema de pérolas, couraça e manto.

Rev.) Ilegível — Tipo Fel Temp Reparatio (variante FH3).

MOEDA N.º 5

Æ de Constantius II? (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 354-357/8.

Anv.) Ilegível — Busto à direita muito deteriorado.

Rev.) Ilegível — Tipo Fel Temp Reparatio (variante FH3).

MOEDA N.º 6

Æ 3? de Constantius Gallus ou Julianus Caesar (moeda fragmentada).

Atelier: ilegível — Cron.: 354-361.

Anv.) DN [...] — Busto à direita descoberto e com couraça e manto.

Rev.) Totalmente deteriorado.

O Castro da Curalha encontra-se a pequena distância da povoação do mesmo nome, situada na estrada Chaves-Braga, a cerca de 7 km da primeira cidade. A partir de 1974, ano em que iniciámos os trabalhos de limpeza, a sua presença passou a estar devidamente assinalada por uma placa colocada pela Direcção Geral das Estradas (Vila Real) junto da estrada nacional. A construção de um campo de futebol nas proximidades do Castro levou ao rompimento de um estradão que, embora de piso um tanto irregular, permite o acesso fácil a qualquer veículo automóvel.

Devido a tudo isto, não é pois de admirar que o Castro comece a ser conhecido e alvo de um grande número de visitas, sendo de assinalar a presença de estrangeiros com relativa frequência.

Só no decorrer desta campanha fomos visitados por 23 pessoas, cujos nomes, profissões e moradas registei, sendo: 19 portugueses; 2 espanhóis e 2 suíços.

Não podemos deixar de assinalar, também, que o Castro da Curalha tem sido lugar escolhido para visitas de estudo de professores com os respectivos alunos, principalmente da Escola Secundária Fernão da Magalhães de Chaves.

Guimarães — Outubro de 1982.

Tarefa em Outubro de 1981 por J.R.S.J.

Também neste ano de 1981 os trabalhos no Castro da Curalha tiveram de fazer-se em duas tarefas.

A segunda ficou a meu cargo (S. J.), e fez-se na 2.^a quinzena de Outubro.

Em 15 de Outubro cheguei a Chaves.

No dia 16 fui à Curalha para contratar pessoal jornaleiro, para, especialmente, se cortar o mato no recinto cimeiro intra-muralha.

Ficou o tratado combinado com 3 raparigas a 400\$00 por dia, e a começar a trabalhar na segunda-feira, dia 19.

No dia 17, sábado, aproveitei aquele dia em que não havia trabalho no Castro, fui a Mairos para cumprimentar o Rev.º P.º Delmino Rodrigues Fontoura, Pároco da freguesia de Mairos. Ia combinar com ele a possibilidade da minha ida ao Outeiro do Salto, em termo de Mairos, na linha da fronteira, outeiro onde vira e estudara sumariamente os sinais gravados na Pedra do Outeiro.

Dos sinais insculpidos dei pequena amostra no trabalho *Arte Rupestre*, comunicação apresentada ao «I Congresso do Mundo Português» — *Congresso de Pré-História e Proto-História*, Lisboa, 1940, págs. 327-376, 26 Figs.

Importa fazer o estudo integral do notável grupo de gravuras do Outeiro do Salto, nos Castelanchos, na linha da fronteira da freguesia de Mairós com a Galiza. Oxalá o possa fazer em conveniente oportunidade.

No dia 19, como se combinara com as raparigas abordadas no dia 16, fui ao Castro da Curalha, mas as raparigas não apareceram.

De 20 a 24 tive de vir ao Porto onde estive de 21 a 24, pelo que estes cinco dias independentes, isto é, sem ligação com assuntos da campanha arqueológica, não entraram no serviço da tarefa.

Em 25 de Outubro regresssei a Chaves.

Na tarde deste mesmo dia fui à aldeia da Curalha e contratei novo pessoal jornalheiro, também 3 raparigas.

Soube que a falta do pessoal na semana passada foi terem considerado insuficiente a geira de 400\$00 que, aliás, ficara combinada.

As raparigas agora contratadas não iam a menos de 500\$00 por dia. E assim teve de ficar assente o novo contrato. Cada ano que passa mais caras são as geiras e é mais difícil conseguir pessoal jornalheiro.

Trabalhou-se nos dias 26, 27, 28, 29 e 30. Pelo tempo agreste de nevoeiro denso e chovisquento não se trabalharam algumas manhãs.

Prosseguiu-se no corte e arranque do mato.

Pegou-se fogo a uma parte da faixa intra-muralha do lado norte, onde se queimou algum mato.

Ali se acharam as ruínas de uma casa que se me afigurou rectangular com 10 m de comprimento por 6,5 a 7,5 nas paredes laterais (Figs. 23 e 24). Estas provavelmente irão entestar na muralha.

O grande montão de pedras junto do caminho paralelo à muralha não permitiu esclarecer o possível entestamento à muralha, como é de norma em muitas casas adjuntas à muralha.

No refazimento da muralha que faz de parede fundeira às casas nelas atestadas (Fig. 10) o Dr. Adérito Medeiros Freitas

achou um saliente em redondo (Fig. 18) na face interna da muralha, a seguir à fiada de casas que segue à direita, isto é, para norte da porta leste do Castro.

Limparam-se do mato as 4 casas que se seguem para sul da porta leste do Castro. Casas entestadas à muralha e de paredes meeiras (Figs. 19, 20 e 21).

Prosseguiu-se no corte e arranque do mato na vertente este-sudeste intra-muralha.

No dia 30 descobriu-se uma casa rectangular de paredes muito arruinadas, indicadas por umas fiadas de pedras soltas. Afastaram-se bastantes daquelas pedras soltas numa extensão de cerca de dez metros, o que pôs a descoberto a base da parede em perfeito estado de conservação.

A casa é, como disse, rectangular com uns 10 m de comprimento por uns 6 a 7 de largura. Estas medidas são aproximadas, pois nem sempre foi possível topar a base íntegra das paredes.

No mesmo dia 30 descobriu-se outra casa no mesmo alinhamento N S da casa anterior. Estas duas casas têm posições diametralmente opostas. A anterior perto (talvez entestada?) na muralha do lado N, a segunda casa quase encostada à muralha do lado S. Esta dividida em dois compartimentos.

O primeiro, com 5,10 m de comprimento por uns 3,30 m de largura, está separado do 2.º compartimento por um pequeno troço de parede, com 2,75 m de comprimento e largura de 90 cm, deixando uma passagem de comunicação entre os dois compartimentos, com uma largura de 50 a 60 cm.

Num dos topos ainda se pôs a descoberto cerca de dois metros de comprimento por 70 a 80 cm de altura da base da parede fundeira do 2.º compartimento.

Numa próxima campanha impõe-se descobrir as partes íntegras da base das paredes e refazê-las com as muitas pedras delas caídas do lado de dentro e de fora da casa.

Iniciou-se o isolamento da casa limpando o mato à roda da mesma.

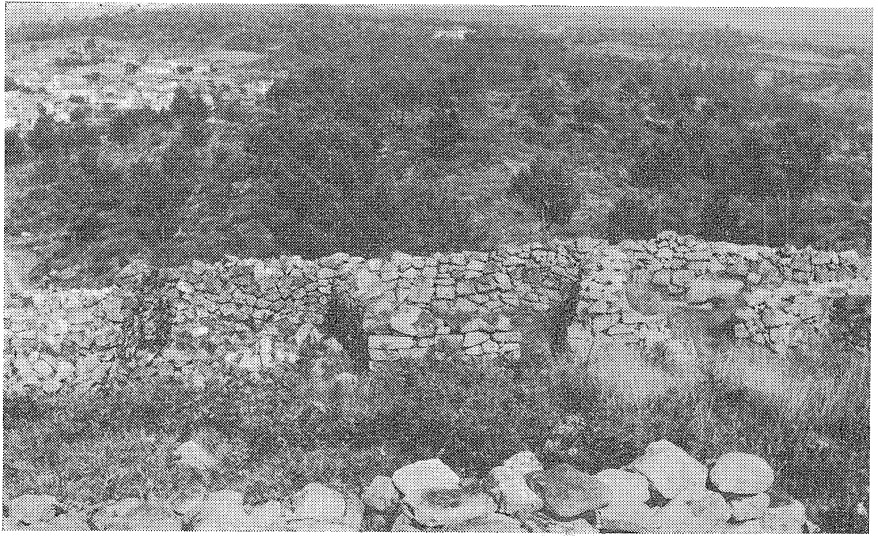


Fig. 17 — Algumas casas a estestar com a muralha, que lhe forma parede fundeira, depois de limpas do mato.



Fig. 18 — Pormenor de um saliente em redondo da face interna da muralha.

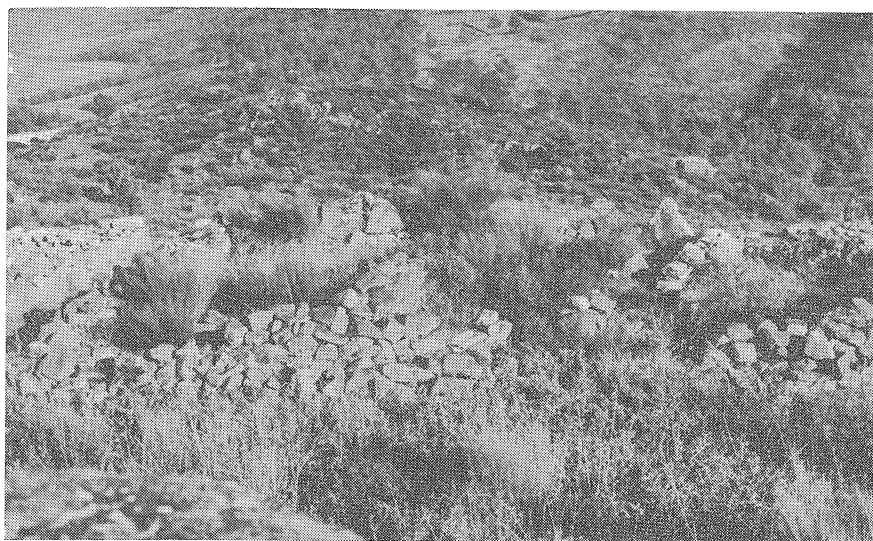


Fig. 19 — Casas, a sul da porta leste da muralha, tapadas pelo mato.

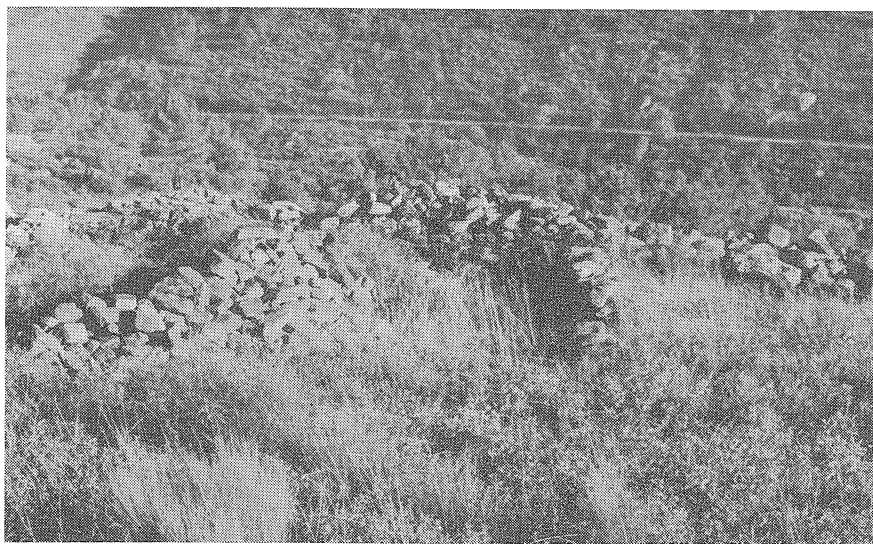


Fig. 20 — Duas casas menos tapadas pelo mato e de paredes esbroadas. No 2.º palmo a encosta da margem esquerda do Rio Tâmega com a linha férrea da Régua a Chaves.



Fig. 21 — As casas de 2 figs. anteriores depois do corte do mato.



Fig. 22 — Portelo de acesso ao alto dos penedos adjacentes pelo nascente, ao pinheiro manso. Portelo que foi reconstruído por terem sido parcialmente derribadas algumas pedras. A bengala mede 82 cm.



Fig. 23 — Alinhamento de pedras com 10 m de comprimento que indicam a parede fronteira de uma ou mais casas.



Fig. 24 — Alinhamento de pedras com 6,5 a 7,5 m de comprimento da parede lateral, do lado poente, da casa da figura anterior.

VISITA DE ESTUDO DE ALUNOS DO LICEU DE CHAVES

No dia 30 o castro foi visitado por cerca de 100 alunos do 11.º ano de escolaridade do Liceu Fernão de Magalhães de Chaves. A visita foi organizada pela distinta professora Sr.ª Dr.ª D. Adília Verdelho.

Com os 100 alunos, rapazes e raparigas, vieram, além da sua organizadora, mais 5 professores do liceu.

Num recanto do amontoado cimeiro dos penedos do castro tive de improvisar uma lição sobre os castros, e cultura castreja.

Referi as estruturas defensivas dos castros, muralhas, fossos, e pedras fincadas; tipos das suas habitações, casas circulares e rectangulares de cantos arredondados; portas das casas e sua cobertura; vida social dos castrejos, pastoreio; cerâmica típica, micácea; armas, lanças, espada curta e escudo redondo, como se vê nas estátuas dos guerreiros lusitanos, duas das quais aparecidas no Castro do Lesenho, do vizinho concelho de Boticas; fíbulas e fivelas de bronze; jóias de prata e de ouro, pulseiras, colares e torques (aludi ao notável torque de ouro do castro do Monte de Nossa Senhora da Assunção de Vila Flor ⁽¹⁾, que é a mais bela jóia áurea da arqueologia de Portugal; referi-me às fíbulas de prata do Museu de Chaves ⁽²⁾).

Terminei com breves considerações do vestuário dos castrejos e alguns aspectos da sua vida social.

No colóquio final alguns professores e alunos fizeram perguntas a que respondi como pude e soube. Foi um grato e ameno colóquio.

(¹) J. R. dos Santos Júnior & Osvaldo da Silva Freire, *O torque de Vilas Boas (Vila Flor)*, in «Revista de Guimarães», fasc. 1-4, vol. LXXV, Barcelos, 1965 20 págs. e 4 figs.

(²) J. R. dos Santos Júnior — *As fíbulas de prata do Museu de Chaves*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 4.º do Vol 23, Porto, 1980, pág. 599-607, 2 figs.

Como fecho das tarefas dos trabalhos naquela 2.^a quinzena de Outubro, aquela visita de alunos e professores do Liceu de Chaves, e, sobretudo, o colóquio de perguntas e respostas, foi para mim causa de muita satisfação, pelo interesse mostrado pelos alunos durante a prelecção e na visita subsequente ao que tem sido descoberto nas 7 campanhas de trabalhos já feitas.

Campanhas em que tem sido principal obreiro o Dr. Adérito Medeiros Freitas, distinto professor efectivo do Liceu de Guimarães, que foi meu aluno, e distinto, na cadeira de Antropologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, e tem sido dedicado colaborador no estudo do Castro da Curalha.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
5 de Novembro 1981.

Campanha de trabalhos Castelo do Mau Vizinho Cimo de Vila da Castanheira—Chaves

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Prof. cat. jubilado da F. C. da Universidade do Porto
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

Adérito Medeiros Freitas **

Prof. de C. N. no Liceu Nacional de Guimarães
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

António da Eira e Costa ***

Prof. na Escola Preparatória de Rates (Póvoa de Varzim)
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

Nesta campanha do fim do Verão de 1981 trabalhamos, Santos Júnior, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. António da Eira e Costa, no Castelo do Mau Vizinho.

A tarefa essencial, que foi frutuosa, coube ao dedicado companheiro Adérito M. Freitas.

Aquele notável santuário rupestre, pelas prospeccões feitas numa das vertentes, parece indicar a existência provável de abrigos (casas?) de cobertura suportada por troncos de árvores assentes em entalhes abertos nas pedras.

Oxalá que se possa fazer o reconhecimento pormenorizado das vertentes daquele picão que talvez possa fornecer elementos de grande interesse arqueológico.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

** Rua Dr. Saraiva Brandão, 260-8.º Dto. — 4800 Guimarães.

*** Bairro do Agro Velho, casa n.º 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

Seguem-se os relatos das tarefas dos participantes desta campanha.

I

Em muitas terras do norte de Portugal o povo considera os Castros Lusitano-Romanos como Castelos dos Mouros.

Ao atentar no nome Castelo do Mau Vizinho pode-se julgar que se trata de um castro. Mas não. Trata-se, sem a menor dúvida, de um importante monumento arqueológico, que não é um castro mas um Santuário Rupestre, como foi justamente considerado pelo seu descobridor o Prof. António da Eira e Costa, nosso dedicado colaborador.

O Castelo do Mau Vizinho é um estranho e bem erguido cabeço cónico, pontegudo de pedra xistosa, que, se ergue em escarpa abrupta, na margem direita do pequeno rio Mouce, com uma altura de uns 65 m.

Dos lados norte e poente é também cortado quase a prumo.

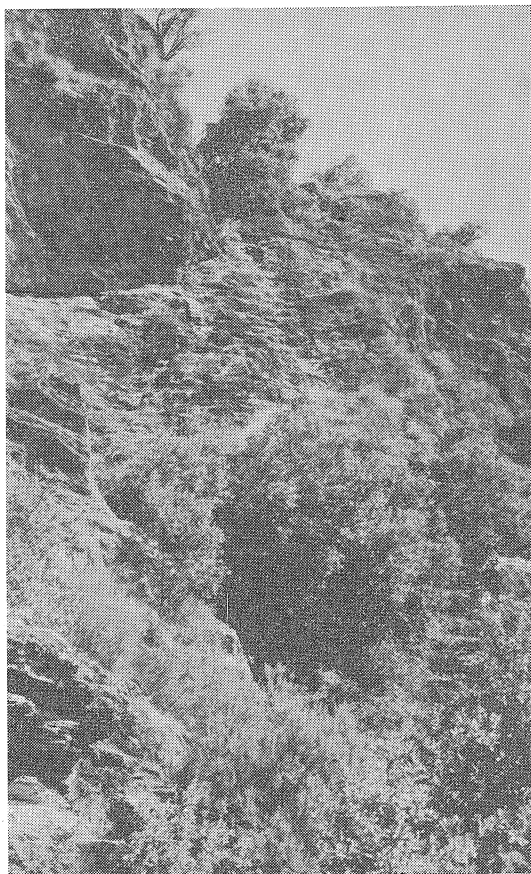
Do lado sul aquele enorme picão liga-se à montanha. Só deste lado é possível o acesso ao alto por rampa xistosa escorregadia, nada fácil de subir (Fig. 1).

Fica em termo da freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, concelho de Chaves e a cerca de 30 km da sede do concelho.

Foi seu descobridor António da Eira e Costa, que viveu muitos anos em Cimo de Vila e actualmente é Professor na Escola Preparatória de S. Pedro de Rates, Póvoa de Varzim. Dele deu notícia no seu trabalho *O castelo do Mau Vizinho*, que apresentou ao Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja realizado em Carvalhelhos, de 4 a 11 de Outubro de 1972, e foi publicado no fasc.º 3 do Vol. XXII dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, págs. 345-351.

O topo do grande picão do Castelo do Mau Vizinho é um tanto aplanado. Há nele uma série de 32 cavidades escavadas na rocha; umas circulares e outras rectangulares ou subquadradas.

Do lado norte subsiste um pedaço de muralha argamassada, e feita com grandes pedras de granito.



Fotografia tirada pelo Prof. S. J.

Fig. 1 — Lado poente do Picão do Mau Vizinho.

Aquelas cavidades, ou pias, quase todas dão vertente umas às outras por sulcos em goteira que as liga pelos bordos confinantes.

Junto e abaixo das pias há uma escadaria de 8 degraus rasgados na rocha.

O pedaço de muralha argamassada merece especial realce, porquanto sai fora dos moldes das construções castrejas, todas feitas de pedras sobrepostas sem interposição de barro ou argamassa, no chamado tipo de construção em pedra seca.

O acesso ao topo do enorme picão faz-se pelo lado poente, por rampa xistosa escorregadia onde se vêem rasgadas na pedra escavações de topo arqueado e fundo liso, que o povo interpreta como pegadas das patas do grande cavalo do mouro do Castelo do Mau Vizinho.

Também do mesmo lado poente, ao lado e abaixo do início da rampa xistosa, há uma alta pedra, quase encostada à escarpa que se continua para cima e limita, pela esquerda, a rampa xistosa e escorregadia, alta pedra cuja crista em gume apresenta dois entalhes em U, postos lado a lado, separados cerca de 40 cm, que oferecem boas condições para assentar dois pranchões ou troncos de árvores.

Note-se que na rampa xistosa, em nível um pouco acima dos dois entalhes, há 2 escavações, atribuídas pelo povo às grandes patas do enorme cavalo do mouro, postas lado a lado e separadas uma da outra sensivelmente à mesma distância que separa os 2 referidos entalhes da crista ou gume da pedra que está ao lado e abaixo.

Ocorreu-nos a ideia de que os troncos de árvores metidos naqueles entalhos e pousados de topo nas escavações em forma de patadas de cavalo na rampa xistosa, serviriam para assentar o pontão que facilitaria a chegada ao início da rampa, o que não é nada fácil.

Mas pode-se perguntar.

Se nós subimos sem pontão e calçados, os remotos possíveis visitantes daquele santuário, muito provavelmente as mais das vezes, se não sempre, andariam descalços, o que lhes permitiria subirem prontamente e com segurança, dispensando perfeitamente qualquer passadiço, que, no entanto, desempenharia, como plano inclinado, importante papel na subida das grandes pedras de granito da muralha cimeira.

Além de que o santuário provavelmente não seria visitável senão nos dias de práticas rituais, mais ou menos espaçadas, e daí o dispensar-se o pontão para a subida de pessoas, que, repetindo, é de crer subiriam com relativa facilidade.

O descobridor do monumento, Prof. António da Eira e Costa, a pág. 348 do trabalho citado, no capítulo «O que nos diz a lenda», logo de entrada informa.

«Conta o povo que o Castelo do Mau Vizinho é património do Pecado. E aqui o Pecado é sinónimo equivalente a Diabo. Portanto o Castelo do Mau Vizinho é coito do Diabo.»

Muitas vezes pensamos no porquê do nome de Mau Vizinho.

Os historiadores romanos referindo-se ao viver dos castrejos informam que nem sempre as relações entre eles foram de boa vizinhança.

Mas a estranha designação daquele picão, que se ergue abrupto na margem direita do rio Mouce, foi criada pelo povo das aldeias circunvizinhas, na convicção lendária de que naquele sítio mora o Diabo.

Ora o Demo, traçoeiro tentador das almas, é o grande inimigo dos homens, daí o ser de arrenegar a sua vizinhança.

Como pois o Diabo é o grande inimigo, o pior de todos os inimigos, a sua vizinhança é detestável.

Aquele estranho picão por três lados cortado quase na vertical, de acesso difícil e só por um dos lados, é sítio arredio que na crença popular se ajusta bem para moradia do Demo.

Daí a justeza do chamamento de Castelo do Mau Vizinho. Mas pode bem ser que seja outra a razão deste nome

LENDAS

O Castelo do Mau Vizinho é estranho monumento arqueológico a que se tem chamado muitas vezes Castro, mas que tem mais propriedade considerá-lo um Santuário.

Como no entanto sempre o povo tem considerado aquele monte escarpado e agreste como morada de mouros, a designação de Castro do Mau Vizinho não é de todo descabida.

Continuaremos por isso a chamar castro a este notável monumento, notável não só pela sua singular posição no escasso topo dum monte de escarpas rochosas, mas também pela existência no topo de uma escadaria, algumas pias abertas na rocha e um pedaço de muro superficialmente argamassado.

Este singular e admirável monumento, como um grande número de castros, para não dizer em quase todos, tinha que ser tema de lendas, que de pais a filhos têm sido contadas e recontadas, e que os actuais habitantes da região geralmente começam assim:

— Dizia meu avô, que Deus haja, que os antigos contavam... E segue-se a conta da lenda.

Vejamos algumas lendas referidas ao Mau Vizinho que consegui recolher.

LENDA DA ALTA TORRE

Justino Rodrigues, rapaz de Orjais, de 14 anos, que guardava as vacas a pastar no lameiro da borda do rio Mouce que rodeia o sopé do monte do Mau Vizinho, contou que o Castelo do Mau Vizinho dantes era muito mais alto do que é agora. Tinha no cimo uma torre tão alta que se via de Orjais, aldeia que fica por trás dum lombo que corre a nordeste do Mau Vizinho.

LENDA DO BEZERRO DE OURO

Ouvi em Cimo de Vila o Sr. José Manuel Alves Sarmiento, filho do Dr. Sarmiento, que morreu juiz na Índia, e, ao mesmo tempo, a Sr.^a Belmira dos Anjos Gonçalves. Os dois, «una vocem» contaram ser corrente no povo, não só da aldeia de Cimo de Vila, mas também no de outras aldeias à roda do Castelo do Mau Vizinho, a crença de lá existir um encanto, que é, nada mais nada menos, um *bezerro de ouro*.

Conta-se que um ambicioso português, ansioso por deitar as unhas ao bezerro de ouro, contratou um galego para ir com

ele quebrar o encanto, com a condição expressa de não se falar em Deus.

Com o livro de S. Cipriano fizeram as rezas obrigatórias.

Em dada altura surgiu o bezerro, tão alentado que o galego não conteve o seu espanto admirativo, e disse: Jesus...!

Foi o bastante para que o bezerro rebentasse em carvões.

MODALIDADE DA MESMA LENDA DO BEZERRO DE OURO

Um português cubiçoso do tesouro encantado em forma de bezerro de ouro, combinou com um padre, armado de estola e munidos duma panela com unguento humano, irem quebrar o encanto.

Lá foram com o indispensável e famoso livro de S. Cipriano.

Feita a leitura do texto apropriado ao caso «surgiu o bezerro guiado pelo inimigo».

A atarantação foi tão grande, tanto do padre leitor como do adjunto português cubiçoso, que se entornou a panela, e o unguento foi escaldar o padre em vez de escaldar o inimigo.

A um «valha-nos Deus» o bezerro e o diabo que o guiava desapareceram num ápice.

LENDA DO GRANDE CAVALO

No Castelo do Mau Vizinho vivia um mouro que tinha um grande cavalo, montado no qual ia às feiras das redondezas.

Lá estão as pegadas do cavalo marcadas na pedra da rampa por onde, com alguma dificuldade, se sobe até ao alto.

As tais pegadas são depressões em forma de patadas de cavalo, escavadas na rocha xistosa.

Algumas com topo arredondado, de 3 a 4 cm de alto ou um pouco mais com 25 a 30 cm de largura, e o meio aplanado também com 25 a 30 cm de comprimento.

LENDA DA GRANDE COBRA A GUARDAR
O ENCANTO

A Sr.^a Josefa Gigante, cujo pai foi tamanqueiro em Orjais, diz que os seus avós e os velhos de Orjais contavam ter visto muitas vezes uma grande cobra de enorme cabeça sair do rio Mouce que circunda o monte do Mau Vizinho.

Viam-na subir e passear (sic) pelo Castelo do Mau Vizinho.

Mas quando alguém subia ao Castelo ela prontamente se afastava. Num pincho, atirava-se do alto e vinha enfiar-se na ola do rio que há acima da *praseira*, paredão que atravessa o rio para ele represar.

A tal cobra era a guarda do encanto.

Quando aparecer a alguém que, em vez de escorraçar a cobra ou fugir dela assustado e cheio de medo, tiver a coragem de ficar quêdo e de se deixar beijar pela cobra, esta transformar-se-á, acto contínuo, em pessoa humana. Deste modo se quebra o encanto e o corajoso receberá o tesouro que o fará muito rico.

A existência de lendas similares em muitos dos nossos castros é bem conhecida.

Geralmente, tanto quanto nos é dado saber, em alguns castros repete-se a lenda do bezerro de ouro, como também a da cobra, sempre grande e muitas vezes com grande cabeleira.

No entanto quase sempre a cada castro atribui-se uma e às vezes duas lendas sendo a secundária frequentemente a espantosa transformação de carvões em ouro macisso.

Note-se porém que, quanto ao Castelo do Mau Vizinho se apuraram até agora 4 lendas.

A do bezerro de ouro muito frequente noutros castros, que nos foi contada em duas modalidades.

A da grande cobra que também tem sido atribuída a alguns castros, aqui com a singularidade do grande pincho de cerca de 80 m do alto para a òla do rio Mouce.

A lenda do grande cavalo que deixou marcas das grandes patadas escavadas na rampa xistosa da subida para o alto, deve ser rara no âmbito castrejo trasmontano, pois nunca a ouvi atribuir a qualquer dos bastantes castros de Trás-os-Montes que tenho procurado estudar.

A da altíssima torre que se erguia no topo do cabeço do Mau Vizinho não me recordo ter visto citada em castros do norte de Portugal, a não ser a torre do Castro de Sabrosa, que esta não é lenda, pois ainda tem grande parte da base.

Pode admitir-se que esta multiplicidade de lendas seja reflexo da funda impressão causada por aquele singular monumento implantado no escasso topo do alto e pedregoso monte do Castelo do Mau Vizinho.

É possível a existência de outras lendas, ou melhor, hipotéticas explicações das pias escavadas na rocha do terreiro cimeiro.

O certo é que das pessoas inquiridas poucas tinham conhecimento directo das pias e nenhuma deu parecer do significado de tais pias e para que serviriam.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Março de 1982.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

II

Este importante e fora do vulgar monumento arqueológico encontra-se situado a cerca de 35 km da cidade de Chaves.

O acesso faz-se pela estrada nacional 103 até ao lugar da Bolideira, onde se atinge, aproximadamente, a cota dos 900 m. Daqui, segue-se (à esquerda) uma estrada estreita mas alcatroada que, através do Alto do Seixo nos conduz, por Dadim, até à povoação de Cimo de Vila da Castanheira. À entrada desta povoação segue-se, à esquerda, a estrada para Roriz a qual, percorrida numa extensão de, aproximadamente, 2 km é abandonada para se entrar, à direita, numa «rodeira»

que faz com aquela estrada um ângulo agudo e que pode ser percorrida por automóvel numa extensão de mais uns dois quilómetros, seguindo a linha de cumeada da Serra do Candedo a altitudes que rondam os 800 m. Os últimos 200 ou 300 m do percurso, de carro, têm que ser feitos com muito cuidado, em piso irregular e em declive muito acentuado. De jeep podem ser percorridos mais uns 200 ou 300 m mas, a partir daí, há uma descida de declive muito acentuado, zigzagueando a vertente NE da Serra do Candedo, a qual só pode ser percorrida a pé ou de burro; nem um trator, nas condições actuais, a pode transpor sem grandes riscos. Esta descida corresponde a um desnível de cerca de 300 m e, a passo normal, são necessários uns 30 a 40 minutos.

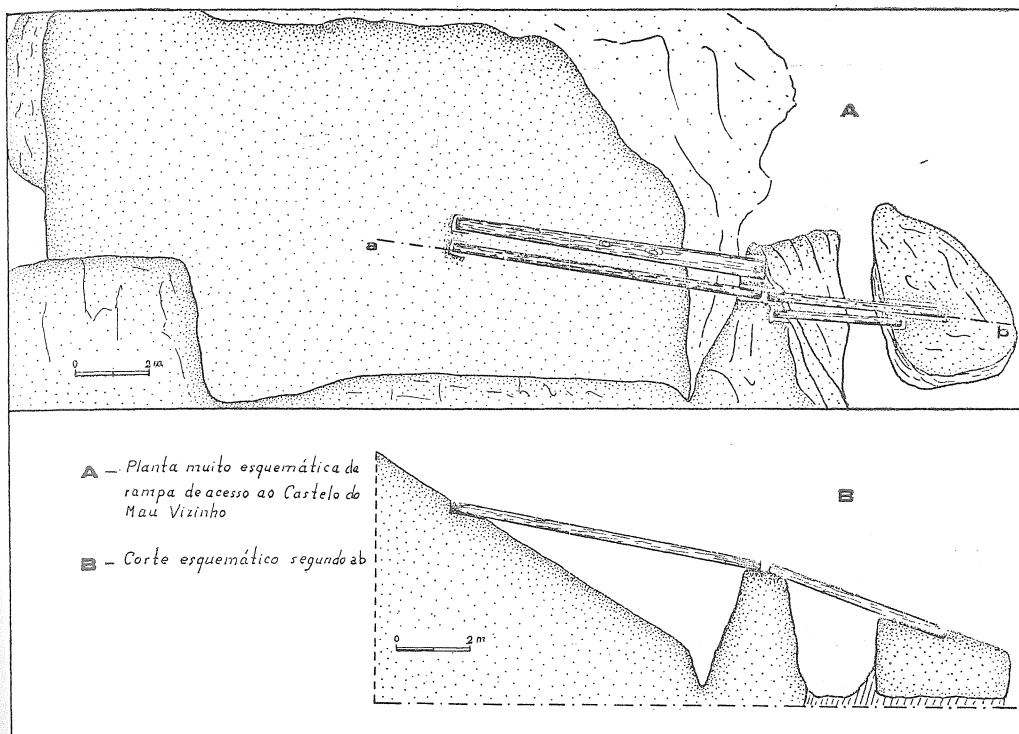
No fundo desta vertente corre o rio Mouce, em meandros fortemente encaixados em rochas metamórficas — xistos e quartzitos do Silúrico.

É precisamente junto deste rio, num morro situado na parte convexa de um dos seus meandros, que se situa o chamado «Castelo do Mau Vizinho», nome cuja origem não conhecemos.

Sob o ponto de vista geomorfológico, o Castelo do Mau Vizinho ocupa um morro envolvido a N, E e W pelo rio Mouce. O referido morro possui vertentes abruptas a S, E e W e descai irregularmente para Norte. As rochas metamórficas têm uma inclinação de quase 90° e o grau de metamorfismo aumenta de Norte para Sul, até ao contacto, quase no topo da Serra do Candedo, com a mancha granítica. A meio da vertente da Serra do Candedo, entre o Castelo do Mau Vizinho e o afloramento granítico, os xistos apresentam desenvolvidos cristais de andaluzite.

Quando se desce a Serra do Candedo em direcção ao rio Mouce, o morro metamórfico aparece-nos com um contorno grosseiramente triangular (Fig. 7). Visto de frente parece inacessível. A parte mais elevada, onde se situa a área mais importante do monumento, encontra-se a 562 m de altitude e, aproximadamente, uns 65 m acima do leito do rio.

Embora já conhecêssemos, há alguns anos, o monumento designado por «Castelo do Mau Vizinho» só este ano (Setembro de 1981), interrompendo por três dias os trabalhos no Castro da Curalha, resolvemos realizar, ali, alguns trabalhos de lim-



Este desenho e os seguintes feitos por A. M. F.

Fig. 2 — Esquemas do hipotético pontão ou passadiço.

peza, prospecção e conservação, tarefa urgente, pois que a sua danificação natural se estava a processar a ritmo acelerado. Os referidos trabalhos de limpeza e conservação realizaram-se em duas fases. Em virtude do mau tempo não nos foi possível, nos três dias referidos efectuar as necessárias medições, pelo que se impôs uma nova ida ao Castelo, no dia 30 de Outubro.

Como consta no início deste relatório, a primeira fase de trabalhos realizou-se nos dias 23, 24 e 25 de Setembro. Os trabalhos foram orientados pelo Prof. Santos Júnior, tendo como colaboradores Adérito Medeiros Freitas e o Prof. Antó-

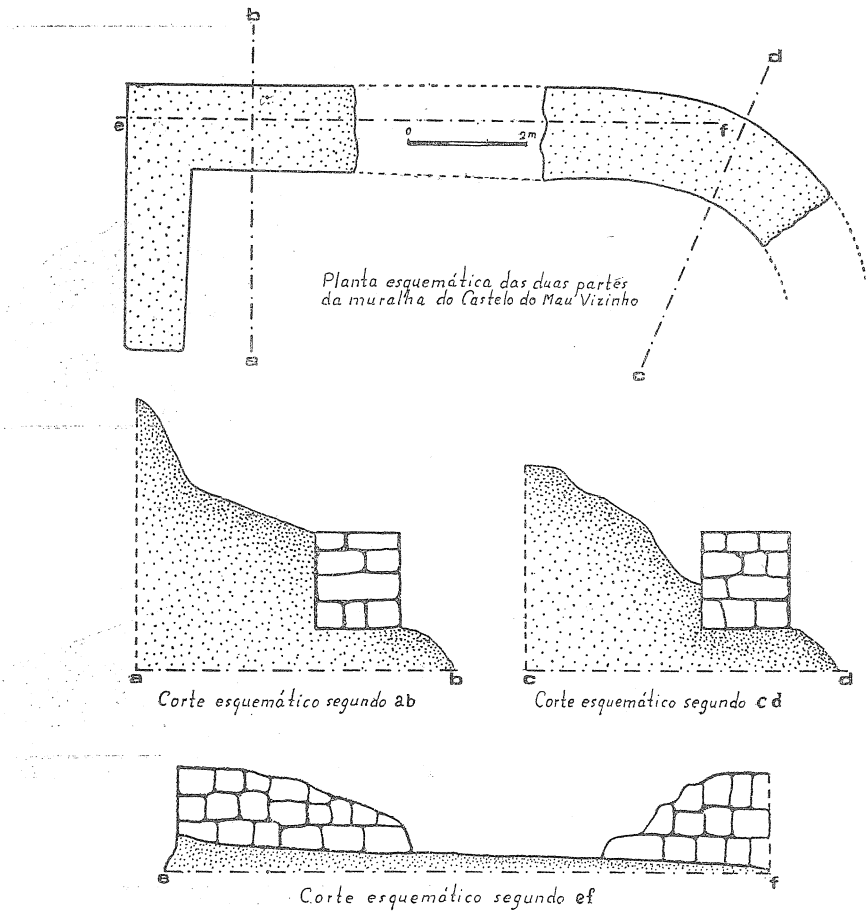


Fig. 3 — Esquemas de troço de muralha.

nio da Eira e Costa que, tendo residido durante muitos anos na freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, nos resolveu todos os problemas de estadia, transporte de materiais, etc.

Os trabalhadores foram, naturalmente, os mesmos que se encontravam em Curalha: Luís Albino dos Santos Lemos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Joaquim Augusto dos Santos e José Manuel Machado Oliveira.

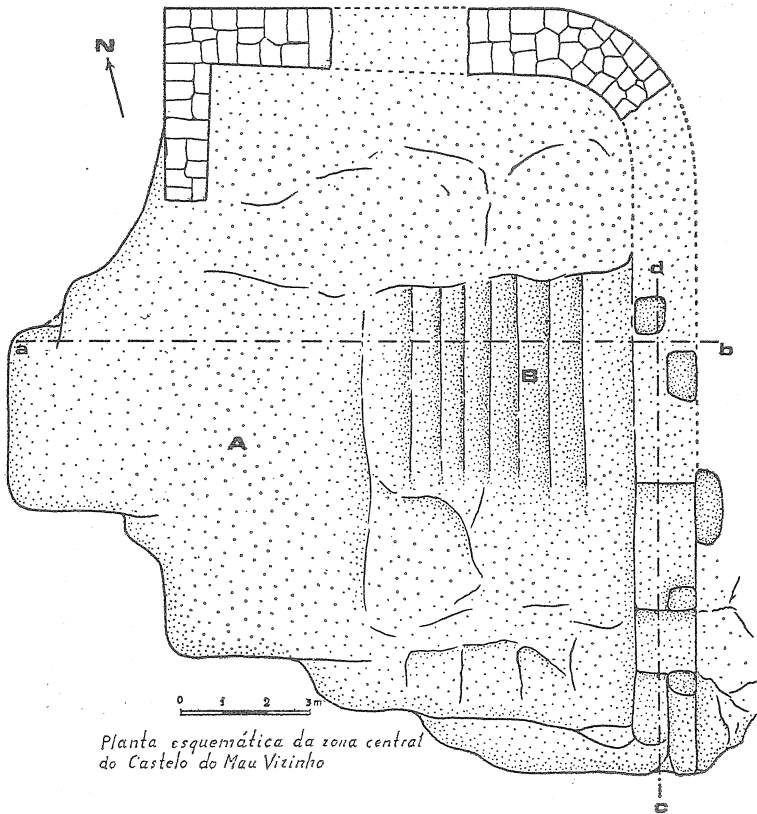


Fig. 4 — Topo cimeiro do Mau Vizinho mostrando a muralha e a escada de 8 degraus.

Dado que são naturais de Carrazedo de Montenegro, era necessário percorrer, diariamente, cerca de 100 quilómetros de carro o que implicava, naturalmente, sair de casa por volta das seis horas da manhã.

No dia 25 de Setembro choveu muito, pelo que, por volta do meio dia, tivemos que interromper os trabalhos. Não foi

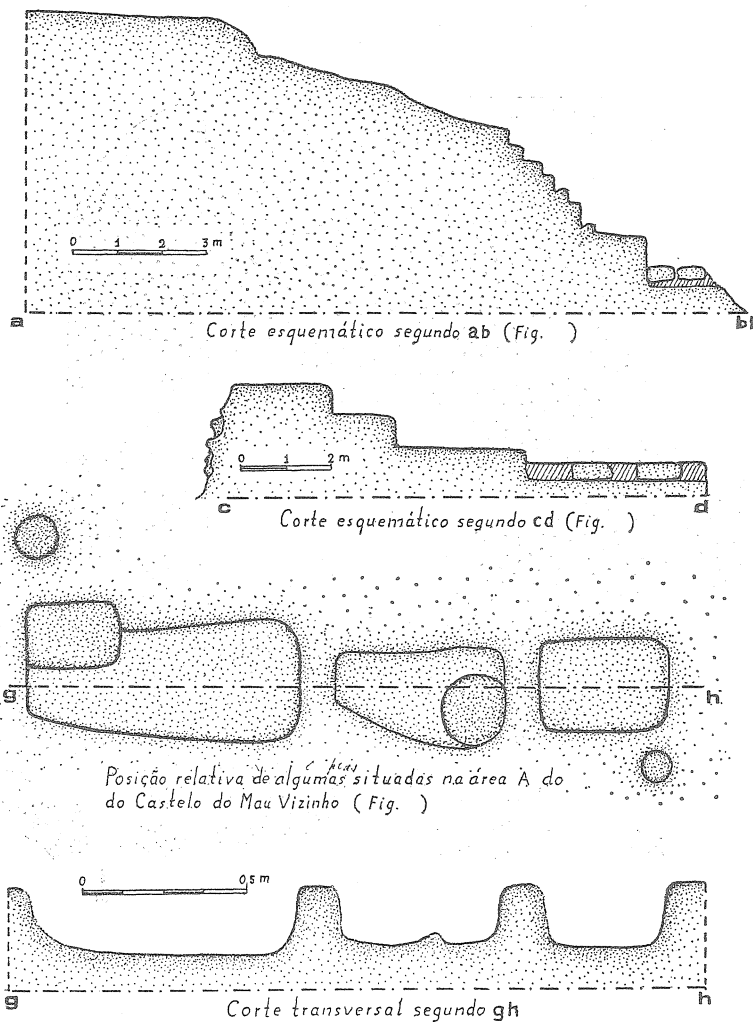


Fig. 5—Esquemas de pormenores do Castelo do Mau Vizinho.

possível, assim, completar a limpeza programada da área central do monumento, tirar fotografias e fazer os esquemas

que se impunham. Por tal motivo impunha-se uma nova ida, ainda em 1981, ao Castelo do Mau Vizinho. Esta segunda fase só foi possível no dia 30 de Outubro; destinava-se, apenas, a

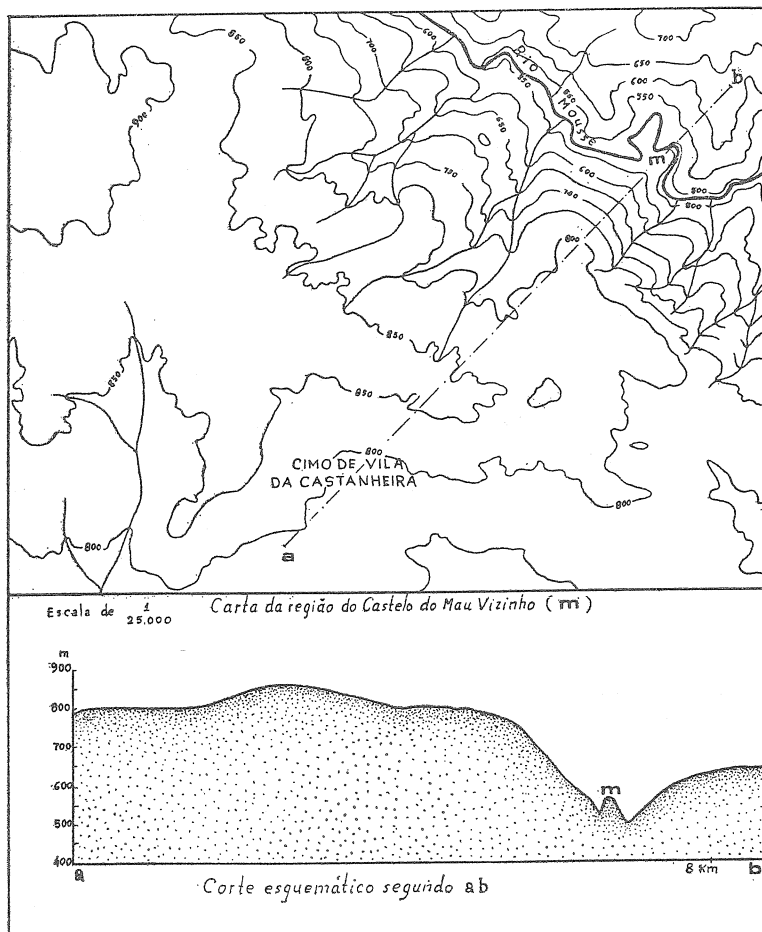


Fig. 6— Situação do Castelo do Mau Vizinho em relação a Cimo de Vila e no esquema de baixo em relação à Serra do Candedo.

ultimar os trabalhos de limpeza necessários à obtenção de fotografias destinadas a este relatório, bem como a efectuar certas medições. Esta segunda fase foi orientada por Adérito

Medeiros Freitas e nela colaboraram os estudantes da Escola Secundária Fernão de Magalhães (Chaves), Pedro Miguel Figueira Verdelho, José Francisco Figueira Verdelho e Mário Manuel de Freitas Sequeira.

Teve que se começar pelo corte de mato e subsequente remoção da terra.

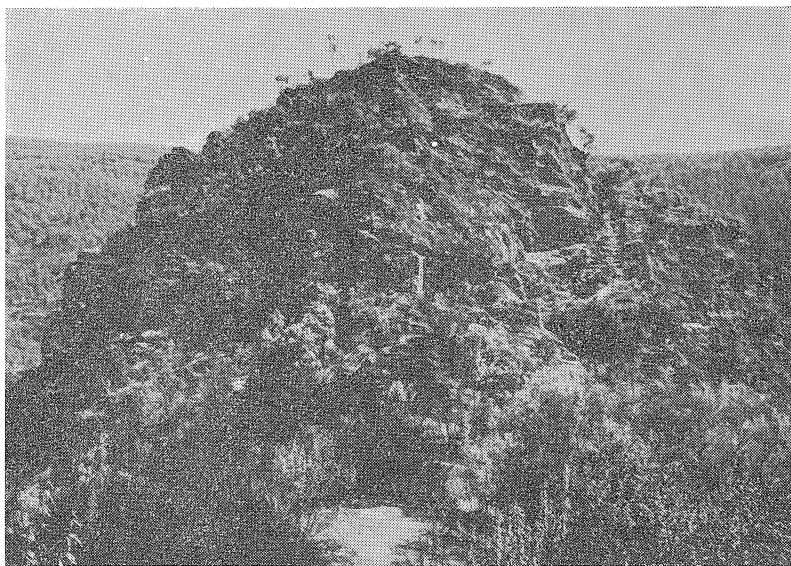
Como referimos já, os trabalhos de limpeza e conservação no «Castelo do Mau Vizinho» constituíam uma tarefa urgente, apesar das dificuldades de acesso existentes. Se, e devido a tais dificuldades de acesso, este monumento arqueológico, ao contrário do que acontece com tantos outros, está naturalmente protegido contra actos de vandalismo (consciente ou inconsciente), ele está à mercê de um outro tipo de destruição acelerada e eficaz, praticada pelo natural e rápido desenvolvimento de plantas que, na ausência ou quase de solo arável, desenvolvem o seu sistema radicular através das fissuras das rochas xistosas, actuando mecânica e quimicamente. Isto pode ser facilmente verificado comparando, localmente, os graus de destruição nas áreas com e sem vegetação (principalmente arbustiva).

O nosso primeiro trabalho consistiu, pois, no corte de toda a vegetação que atingia, por vezes, mais de 2 m de altura, numa área superior a 200 m quadrados. Reconhecemos que, para lá desta área de limpeza, há aspectos do monumento que devem ser referenciados pelo que se impõe o corte do mato numa maior área, difícil de determinar antes de um minucioso reconhecimento.

Dada a sua situação não era de prever que, sobre o monumento, existisse uma grande espessura de solo arável. Na realidade, todo o material fino que ali se vai depositando é, actualmente, o resultado de uma actividade eólica e natural de desagregação (mecânica e química) das rochas que o constituem. No entanto, áreas existem do monumento em que os materiais que foram removidos devem ter sido, em parte, para ali transportados pelo homem, dada a quantidade de areia e pequenos calhaus rolados (erosão e transporte fluvial) que se encontram à mistura com um solo abundantemente humoso.

Assim, para pôr a descoberto toda a área central (a mais importante, julgamos) do monumento, tivemos que ir removendo para as vertentes N e E todo este material. Em parte (a chuva prejudicou o andamento dos trabalhos) este material foi passado por um crivo.

Como já foi referido, a parte mais importante do «Castelo do Mau Vizinho» ocupa uma plataforma superior, aplanada, de um morro quartzítico-xistoso, estando limitado, parcialmente, por uma espécie de muralha formada por dois troços com, um comprimento total de 13, 32 m (Fig. 4).



Esta fotografia e as seguintes foram tiradas por A. M. F.

Fig. 7 — Aspecto do monólito quartzítico-xistoso no topo do qual reencontra o Castelo do Mau Vizinho. À direita pode ver-se a rampa natural de acesso.

A área desta plataforma é de, aproximadamente, 184 m². É formada por uma parte mais ou menos plana (Fig. 4-A), a que se segue, voltada para nascente, uma outra, inclinada (Fig. 5), que permite o acesso àquela primeira área por um conjunto de 8 degraus (Fig. 11).

Além dos oito degraus referidos, com mais de 2 m de comprimento cada um e com um mínimo de 16 cm de altura (um deles tem 50 cm de altura) contámos, nesta plataforma central, um total de 32 cavidades, circulares umas, rectangulares outras, além de um elevado número de sulcos estabelecendo ou não comunicação entre elas (Fig. 5).

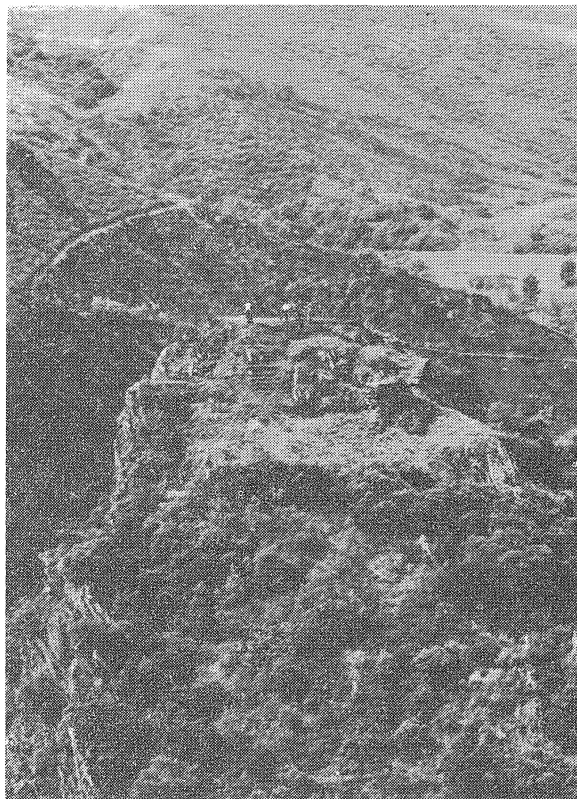


Fig. 8 — Fotografia do Castelo do Mau Vizinho tirada de uns 500 metros de distância com uma teleobjectiva de 135 mm.

Nas porções inclinadas desta plataforma existem, ainda, numerosos degraus mais curtos e mais baixos que os atrás

mencionados estabelecendo comunicação entre «pias» quadrangulares pouco profundas.

Quem sobe os degraus e do lado esquerdo existem, ainda, superfícies cavadas e aplanadas que fazem lembrar bancos destinados a alguém que assistisse a uma cerimónia.

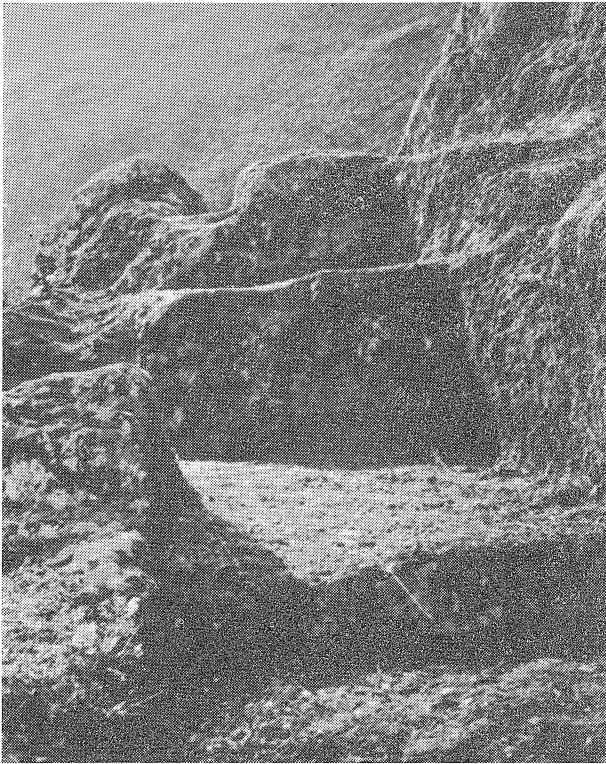


Fig. 9 — Porção escavada da rocha destinada, possivelmente, a assentar a muralha.

Numerosas outras cavidades existem fora deste recinto central, muitas delas cavadas em superfícies inclinadas, naturais, das rochas metamórficas. Pela sua forma e disposição, todas estas cavidades parece estarem destinadas à colocação da extremidade anterior dos pés facilitando, assim, a subida

e a descida. Não sabemos, ainda, se outras estruturas existem que justifiquem a presença destas cavidades.

A área principal do Castelo do Mau Vizinho encontra-se limitada, parcialmente, por uma muralha formada por dois troços, totalizando o comprimento de 13,32 m.

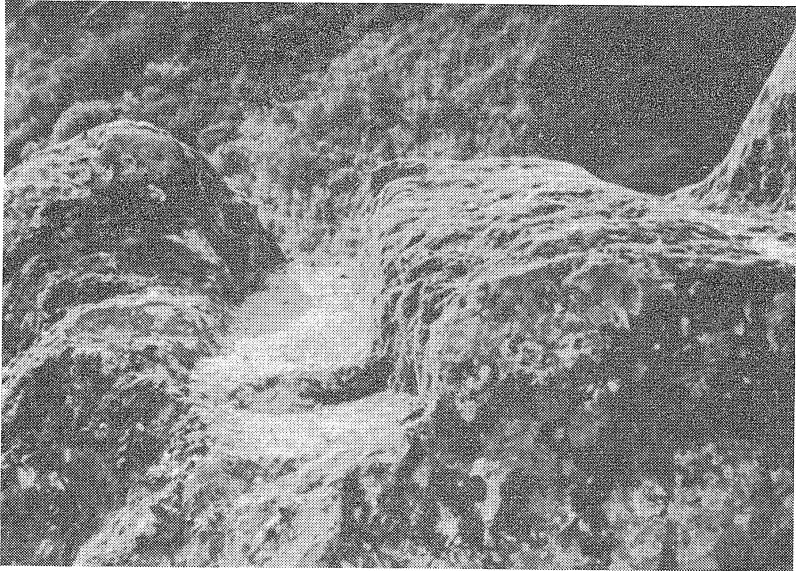


Fig. 10 — Pormenor da figura anterior.

Um dos troços é formado por duas partes dispostas em ângulo recto (Figs. 3 e 4) e dista do outro troço 3,20 m. Julgamos que estes dois troços tenham estado ligados, tudo parecendo indicar que o segundo, que curva para Sul, limitasse deste lado toda a área central do monumento. A ser verdade esta hipótese, para a formulação da qual a presença de pedras em frente dos degraus, dispostas como as da muralha e no mesmo alinhamento constituem, a nosso ver, dados a considerar, o comprimento total de toda esta protecção seria de, aproximadamente, 33 m (Fig. 4). Em frente dos degraus haveria, possivelmente, uma porta.

Em condições de acesso tão difíceis como as que se verificam no «Castelo do Mau Vizinho», a construção desta muralha é uma obra verdadeiramente notável; é que, na sua construção, foram utilizados blocos de granito, xisto, quartzito e quartzo, muitos deles rolados e, alguns, de grandes dimensões. Ora, enquanto que o xisto e o quartzito é material relativamente

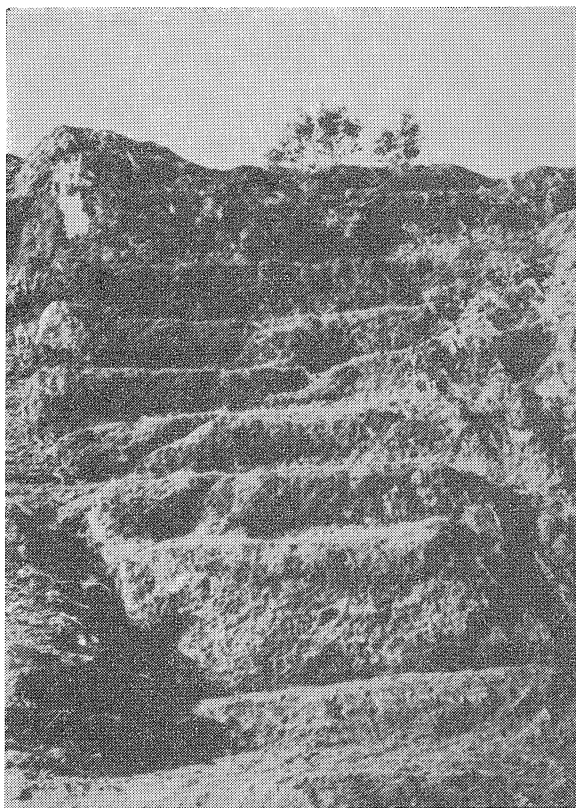


Fig. 11 — Degraus de acesso à área aplanada e mais elevada do monumento.

abundante localmente, o facto de se encontrar rolado prova que foi trazido do leito do rio Mouce, tarefa muito difícil atendendo às dificuldades de acesso já referidas. Quanto ao

granito, convém referir que o afloramento mais próximo se encontra no alto da Serra de Candedo a cerca de 2 km do monumento. Um dos blocos colocados na muralha, por nós medido, apresenta as seguintes dimensões: 1 m de comprimento, 50 cm de largura e 35 cm de altura.

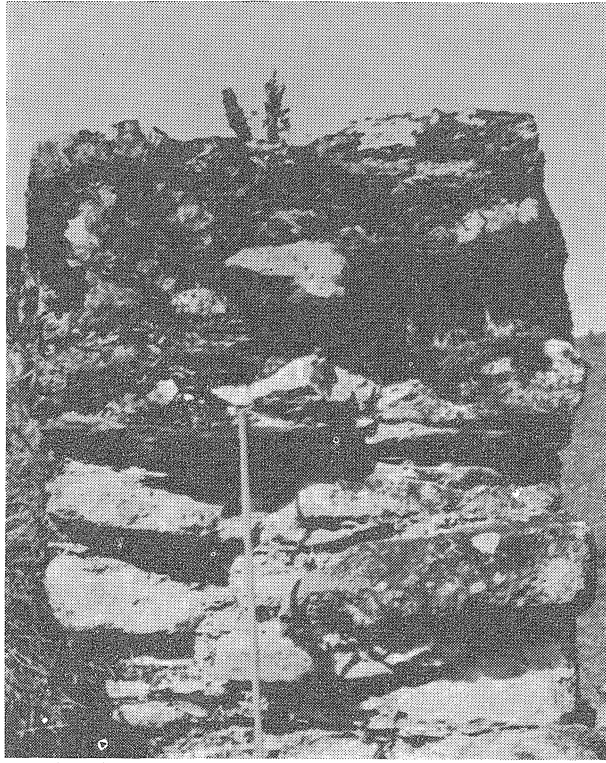


Fig. 12 — Imagem da muralha envolvendo vendo-se nitidamente, a argamassa de ligação.

Todo este material está ligado por argamassa de cor esbranquiçada. A nosso pedido foi feita pelo Doutor Celso Gomes, distinto professor da área das Geociências da Universidade de Aveiro, uma análise para a determinação da sua composição mineral. Os dados obtidos foram os seguintes:

«Material composto por fragmentos de rocha (quartzito e xisto) e grãos minerais (quartzo, feldspatos e micas) dispersos numa matriz argilosa (escassa) e carbonatada (calcite)».

Ao Senhor Doutor Celso Gomes expressamos os nossos muito sinceros agradecimentos.

A largura desta muralha é variável. Considerando, apenas, a porção ainda conservada, a sua largura varia entre 0,95 e 1,55m e a altura entre 1,13 e 1,60 m. Certas zonas aplanadas

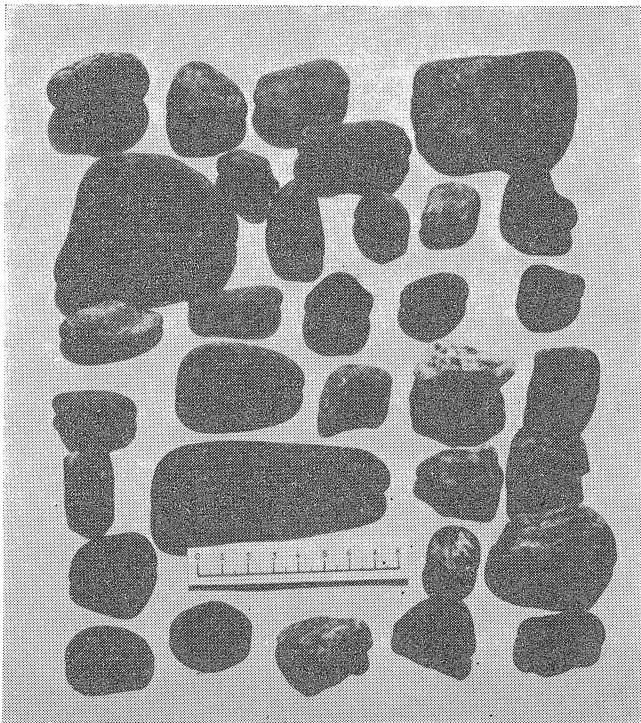


Fig. 13 — Calhaus rolados recolhidos durante os trabalhos de limpeza.

(fora desta muralha) parecem indicar a intensão de construção de uma segunda muralha ou, então, apenas, uma passagem fácil de pessoas, a pé.

A rampa de acesso à plataforma superior do monumento resultou de uma fractura natural, inclinada de N para S, cuja porção superior se fragmentou e deslocou por acção da gravidade. Tem um comprimento (plano inclinado) de, aproximadamente, 22 m e um declive de cerca de 60 %. O acesso a

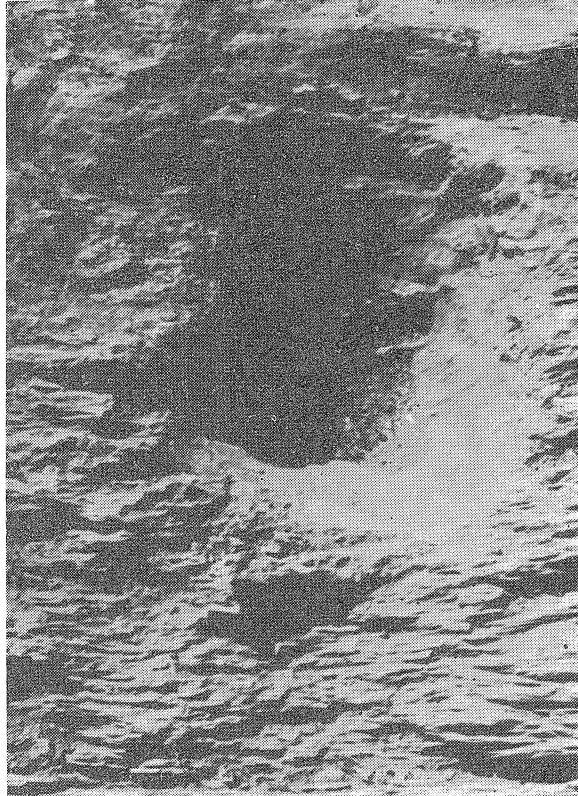


Fig. 14 — Uma das cavidades existentes na plataforma superior, apianada, do monumento.

esta rampa, cuja parte inferior se encontra acima do nível do solo, foi facilitada pela existência de dois «passadiços» (pontões) cada um dos quais suportado por dois troncos de árvore. Naturalmente que tais troncos já não existem, mas os apoios, cava-

dos na rampa, numa saliência rochosa quartzítico-xistosa onde se situa o monumento e num bloco isolado que dele se deslocou são de tal modo elucidativos que sobre a sua existência não restam quaisquer dúvidas. Na Fig. 2 tentámos fazer uma reconstituição aproximada da posição das «traves», suportes das duas estruturas que facilitavam o acesso quase até meio da rampa.

O primeiro «passadiço» é o menos comprido. Estabelece a ligação entre o bloco isolado, desligado do monólito onde se encontra a parte principal do monumento, e a saliência rochosa. Os apoios, nesta saliência, estão cerca de 1,5 m mais elevados do que os apoios no bloco isolado; por tal motivo esta primeira «ponte» constituía uma rampa, com relativa inclinação, visto que a distância máxima entre os apoios é de 3 m e a mínima de 2,8 m.

O segundo «passadiço» era mais comprido. Os apoios distam (na rampa e na saliência rochosa, respectivamente) cerca de 7,90 m e têm as seguintes medidas:

Na rampa: Um, 22 cm de largura e 25 cm de comprimento. Outro, 23 cm de largura e 30 cm de comprimento.

Na saliência rochosa: Um, 20 cm de largura e 50 cm de comprimento. Outro, 50 cm de largura e 55 cm (em média) de comprimento.

Estas diferentes larguras dos apoios devem estar relacionadas com as espessuras diferentes (basal, de maior diâmetro e superior, de diâmetro inferior), dos troncos das árvores utilizadas. É natural que a unir os troncos, de cada uma destas «pontes» existissem, colocados transversalmente, e possivelmente ligados entre si, outros, pequenos troncos ou ramos de árvores.

Ao contrário do que acontece com o primeiro, este segundo «passadiço» seria aproximadamente horizontal. A parte da rampa que se segue a este «passadiço» é, ainda, muito extensa e a subida muito difícil e perigosa, principalmente com

tempo húmido; do lado direito (quem sobe) a rampa termina num precipício com muitos metros de altura e cheio de saliências rochosas pontiagudas.

Para facilitar a subida, aquela superfície (a seguir ao pontão) está cheia de cavidades e degraus de forma, largura e profundidade variável oferecendo, assim, maiores facilidades.

No decorrer dos nossos trabalhos utilizámos, como medida de segurança e para facilitar a subida e descida, uma forte corda de nylon com mais de 40 m de comprimento.

Dadas as características do monumento e a sua situação, não esperávamos encontrar espólio abundante. A terra que, ao longo dos anos, se foi depositando na parte superior do monumento, formava uma camada pouco espessa como resultado da deposição de finas partículas transportadas pelo vento e da própria desagregação do material rochoso devido, principalmente, à acção das plantas que ali se desenvolveram.

Na terra das cavidades de variadas formas e dimensões, que foi passada a crivo, recolhemos o seguinte material:

- 93 pequenos fragmentos de cerâmica que, pela sua cor e espessura, se reconhece terem pertencido a diversos vasos.
- Um cossoiro de barro.
- Numerosos fragmentos de telha de caleira, de cor avermelhada e esbranquiçada.
- Uma grande quantidade de calhaus rolados, geralmente de pequenas dimensões. A sua forma global depende, naturalmente, da sua natureza litológica; os de natureza granítica, quartzítica e quartzosa são mais ou menos esféricos, enquanto que os de natureza xistosa formam lascas de pequena espessura.
- Numerosos ossos, que parece serem relativamente recentes e terem pertencido a pequenos mamíferos para ali transportados por aves de rapina.

Guimarães — Outubro de 1982.

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS

III

Na companhia do senhor Professor Santos Júnior, e como seu dedicado colaborador, tivemos o prazer de participar nos trabalhos levados a efeito em Setembro de 1981 no Castelo do Mau Vizinho, notável monumento arqueológico, tido como santuário rupestre luso-romano. Fica situado na freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, concelho de Chaves, e sobre a margem direita do rio Mouce.

Os trabalhos consistiram essencialmente na limpeza do topo superior daquele santuário, ao qual várias vezes nos referimos (A.E.C.) em algumas publicações (1).

O cabeço rochoso e quase inacessível, por escarpado, é de xisto, permitindo que os carrascos cravados no seu fendilhado, o esboroem, com graves danos para a integridade daquele sagrado monumento. Por isso os trabalhos foram orientados para a limpeza das árvores e arbustos e da espessa camada de terra acumulada na sua parte cimeira.

Apareceu algum material cerâmico e bocados de ossos, do que dará notícia o nosso companheiro de trabalho e dedicado amigo, Dr. Adérito Medeiros Freitas.

Também se procedeu a algumas medições.

Mais para baixo, o matagal é muito espesso em todo o penhasco, não permitiu pormenorizar a investigação, enquanto não se fizer a sua limpeza total. No entanto, ainda ali conseguimos ver um grande número de entalhes e covinhas abertos a pingo na face e na parte superior de muitas rochas.

Alguns desses entalhes, abertos em séries de seis ou sete metros nas cristas de duas fragas paralelas entre si e distanciadas uns cinco metros, levam-nos a supor que tais entalhes serviriam para apoio de troncos de árvores. Estes constituiriam a armação da cobertura, digamos, do telhado, que abran-

(1) António da Eira e Costa, *O Castelo do Mau Vizinho*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1973, fasc. 3, Vol. XXII, pág. 345-351, e em vários artigos no semanário «A Voz de Chaves».

geria uma superfície de perto de quarenta metros quadrados.

Numa pequena depressão para nordeste, na aresta do pico monumental, vimos há alguns anos, restos de uma edificação quadrangular. Nessa altura o fogo tinha feito limpeza quase total ao cabeço do Mau Vizinho. Desta vez (Setembro de 1981), com a espessura do matagal, não conseguimos localizar essa edificação.

Quando se limpar mais uma boa parte do local — porque nesta campanha só se conseguiu pouco mais do que limpar a plataforma cimeira e alguns degraus — estamos certos de que o monumento continuará a oferecer-nos dados cada vez mais surpreendentes.

Aver-o-Mar — Póvoa de Varzim — Julho 1982.

ANTÓNIO DA EIRA E COSTA

O porco na zoolatria Ibérica

POR

Rogério Azevedo *

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto
e do Conselho Director da S. P. A. E.

No primeiro fascículo do vol. XIX de *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, saiu há tempos um pequeno artigo meu com o título sugestivo de — *O porco na Etnografia Ibérica* (1) — que eu, muito prudentemente, subintitulei de *subsídios* para não parecer jactância a inculcar estudo porcino.

Isto seria lastimável por ultrapassar a minha actual capacidade e se afastar muito dos meus confinados intentos, como se verá.

Tinha, porém, a esperança — ambiciosa, por certo — de que algum abalizado letrado ou abencerragem zoólogo me viesse à mão aprovando — ou, mesmo desaprovando — estas escabichadelas com argumentos muito científicos e, portanto, respeitáveis mas que por mim eram lastimosamente esquecidos ou, mesmo, ignorados.

Como todavia esta tão natural ambição se esfumasse num silêncio de claustro, nada aconteceu, portanto, a não ser o ruir da modesta esperança que foi desilusão.

Nasceu-me então em mente, este corriqueiro mas acabrunhante dilema — ou que toda a gente conhecia e percebia a legenda, sendo, portanto, inútil dar-lhe qualquer atenção para

* Avenida Marechal Gomes da Costa, 1411 — 4100 Porto.

(1) Rogério Azevedo, *O porco na Etnografia ibérica* (Subsídios) — in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963; fasc. 1.º do Vol. XIX, págs. 80-87.

não parecer jactância ou que por pouco explícito o meu arrazoado, obteria assim, foros de esquepática charada.

Isto seria cativante para um decifrador mas muito lastimável para quem, como eu, lê para aprender.

Optei no entanto contra a prudência (ou pela prudência?) ater-me à primeira hipótese, isto é, que toda a gente entendia a legenda gravada, o que para mim foi aliciante, por ter companhia.

Eis, portanto, o motivo que me animou a vir agora a público com estas mal alinhadas regras, como achega ao conhecimento de todos os que se interessam por estas *pequenas* coisas que, se não dão pão a ninguém também não o tiram.

Ora eu deixei, praticamente, desde há dois anos, este agradável desporto de escrever e, sobretudo, de me dedicar à *Epigrafia* que durante largos anos me empolgou e foi para mim quase devoção.

Isto porém, não me inibe de reincidir esporadicamente e é por isso que aqui estou agora. Vamos, portanto ao assunto que o tempo é asa.

A legenda em questão é interessante — perdoe-se-me este lugar comum tão maneirinho — . É grega, gravada numa mistura de caracteres latinos e gregos e pode inserir-se no conjunto de inscrições dedicadas ao *porco* (manso ou bravo) já por mim publicadas há anos num volume intitulado *Onomástico Ibérico* cuja edição está há muito esgotada.

Ora a inscrição com que o sr. Dr. Agostinho Campos Ferreira teve a amabilidade de me aliciar neste desporto em que não há vencidos, é do berrão de Paredes da Beira concelho de S. João da Pesqueira, e nele lê-se o seguinte:

ΑΓΕΡ₂ΟCCON₁

Para qualquer pessoa desprevenida ou pouco iniciada na *Epigrafia* e, sobretudo, no grego, pouco ou nada diz. Será apenas um acerbo de letras sem nexos. Contudo, analisando-a bem ocarrem, naturalmente reminiscências de outras que nos facilitam a interpretação.

Assim, os dois CC estão como reforço de letra que aqui seria a representação de *Qui* (X). É afinal, o único ponto que pode embarçar a leitura da inscrição, sobretudo para quem não estiver habituado a estes *enigmas*.

Segundo o meu juízo não há mais particularidades de monta a salientar, a não ser uns pequenos apêndices que enumero: — A perna do R e a perna do M da última palavra. Estes dois acréscimos sugerem labor posteriormente executado.

Ora, para a boa compreensão da legenda e antes de a apresentar em minúsculas convém colocar os caracteres maiúsculos gregos em confronto com os da inscrição — pois que esta é grega — como muitas outras já por mim interpretadas e dadas consequentemente, a público,

ΑΓΕΡ₂ΟCCON₁ — ΑΓΕΡΟΧΟΝ

que em minúsculas seria:

ἀγέροχον ου ἀγερῶχον.

Como se verifica é *adjectivo* que tomado no bom sentido significa: — *nobre, altivo, glorioso* apelativos que primitivamente tinham este significado, posteriormente acrescentados com os de: — *arrogante e insolente*.

Ainda podia ser *advérbio* — ἀγερῶχος (*orgulhosamente, altivamente*) *divisa* muito própria das gentes altaneiras dos nossos *crastos*. Para isso devíamos interpretar o M final como um *sigma*.

Quer isto dizer, segundo o meu critério, que os significados variariam à medida dos prejuízos que o animal causava e, a quem os causaria — se a amigo se a inimigo.

No entanto, quer seja *adjectivo* quer seja *advérbio*, pouca diferença há na legenda, embora me pareça que como *advérbio* fosse mais apropriado a *divisa* quer seja ou não guerreira; a *destrinça* deixo-a ao critério do paciente e ilustrado leitor.

Na etnografia luso-galaica, o porco foi elemento de grande importância quer na forma doméstica quer na selvagem. Nesta,

todavia, atingiu as culminâncias de divindade com a qual era prudente estar nas *boas graças*...

As diversas referências ao *porco* que frequentemente se deparam, são, sem dúvida, os vestígios dum culto peculiar às regiões do Norte onde, muito naturalmente deve ser incluída Galiza.

Há nas inscrições recolhidas por Hülmer, tanto no *Corpus* (vol. II) como nos *M. L. Ibericae*, frequentes alusões ao *porco* — quer doméstico quer *selvagem* — que, por não terem sido devidamente evidenciadas por falta de oportunidade, certamente, nunca puderam ser reunidas como neste momento tive a ousadia de fazer.

Este caso, portanto, que nunca chamou as atenções dos estudiosos destas coisas, merece que se atente nele pelo menos por agradecimento ao animal que tanta satisfação tem dado à gula por intermédio da culinária, e, ainda, para que não venha algum remanescente celtómano afirmar que a inscrição seja *celta*...

Para completar o trabalho vou apendicular a «série porcina» das inscrições publicadas na revista da nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia, fasc. I, Vol. XIX, cit., com as correcções que julguei oportuno fazer.

I — Como divindade ligada a *Marte*, numa das suas metamorfoses, a de javali, para matar *Adónis*, vd. a inscrição de *Tuy* (Cf. *Relig. da Lusit.*, v. III, págs. 6-7, e a correcção posterior de F. BOUZA-BREY in *Rev. de Guimarães*, vol. LXIII, n.º 1 — 1953, págs. 140-144).

MARTICAPRIOCIECO — *Marti κάπριοσι(ά)-eco*.
de *κάπριος* + *σιά* + o sufixo ibérico — *eco* (dat. de *ecus*).

V. *A Marte, na divina forma de javali.*

II — Inscrição de *Lourizán*, Espanha, referida por F. BOUZA-BREY como *VESTIO ALONIECO*, *deidad galaica* (in *Arch. Esp. de Arqueología*, 1946, pág. 110).

VESTIOALONIECO ὄες τῶ ἄλωνι — *eco* (dat. de *ecus*).

V. *Os porcos que eu adore no halo luminoso (no sol).*

O ilustre Arqueólogo dividiu o conjunto em duas partes apenas — *vestio + alonieco* —. Eu fragmentei-o em quatro partes, ou seja, o que está acima: — VES TIO ALONI ECO em que o último elemento é o sufixo ibérico de adjectivação, *eco*, dat. de *ecus*.

III — A inscrição a seguir é de Beiriz (Cf. *Póvoa de Varzim*, «Boletim Cultural», ed. da C. M. da Póvoa de Varzim, vol. II, n.º 2, 1959 — págs. 201-208).

VIEANI
 ΔVSIBN
 DVIOCCLE

βίη ἀνία ὄσι βάν δύιος κλη[ρος].

.....

.....

.....

V. *O emprego da força e o cuidado com os porcos—pesada herança—foram-se (acabaram).*

Não sei se as três linhas que aqui destaquei, correspondem a uma divindade polinómica ou não; fundamenta-se esta dúvida na falta do sufixo ibérico. Daqui poderá inferir-se que não seja divindade, mas apenas um voto feito por um liberto chamado *Cornelio* que passou a vida a forçar porcos, na matança.

IV — A inscrição seguinte onde se fala, sem dúvida, de porcos bravos, é a célebre inscrição de *Lamas de Moledo*, referenciada pela primeira vez em 1630, por MANUEL BOTELHO RIBEIRO PEREIRA (Cf. *Diálogos Moraes, Históricos, Políticos, etc.* Viseu 1630, Cap. XVI, folha 83 v. e folha 85; manuscrito existente na Biblioteca M. do Porto).

Depois deste, falaram dela, o cónego JOSÉ DE OLIVEIRA BERARDO, em 1857; a seguir HÜBNER e GURLITT. Em 1935, HERNANDO BALMORI (Cf. *Emerita*, tom. III, 1935, págs. 77-119) faz um longo estudo com frágeis conclusões e, por último, o autor destas linhas.

.....

VEAMNICO . RI
 DOENTI
 ANC . OM
 LAMATICO . M
 CROVCEAIMAC . A
 REAICOI . PETRANIOIT —
 ΔDOM . PORCOMIO . VEAU
 CAELOBRICOI .

βίαν νικῶ. ῥιθῶ ἦν τι ἀγκῶν.
 λαματικῶν. Χρῶ οὐ λέαι μάλα.
 ρέα ἰ λοῖ. πετρᾶνιοι τ' ἄδον.
 πόρκων ἰῶ. βίαι κηλοδρῖκοι.

V. *Era próprio dos audaciosos dos vales, não deixar qualquer cair a pele facilmente por si próprio no combate e os importunados pelas pedras, com boa razão cantavam: — As forças para um só dos porcos, ó cidadãos dos dardos! —*

V — A inscrição seguinte é de achado muito recente. Foi descoberta em 1959 pelo Dr. Adriano Vasco Rodrigues, no *Cabeço das Fráguas*, Serra da Estrela, próximo da Guarda, numa enorme «bola» de granito conhecida por «Pedra da Moira».

No local há vestígios dum *crasto*. Desta inscrição deu sumária notícia, em 1959, na revista *Beira Alta*. Em 1960, na mesma revista, apresentei a sua interpretação que é, aproximadamente, a que aqui se exhibe:

OILAM . TREIOI . AU .
 INOI . PORCOM . LAMBO .
 COMAI AM . ICCONA . LOIM
 ΙΙΙΝΑ . OILAM . VSSEAM .
 ΤΡΕΙΙΙ . AVNE . INOI . ΤΑΥΡΟΜ
 ΑΡΑΘΕΜ
 ΡΕΥΣΕΙΜ

οἱ λᾶν τρεῖ οἱ αὐ ἰν' οἱ πόρκων λᾶν βῶ
 κόμαι ἄν ἰσλον ἅ λοιμία ἰ νᾶ'
 οἱ λᾶν ὅς σ' ἔαν τρεῖ ἐ αὐ νῆ
 ἰν' οἱ ταυρῶν ἀπαθῆν ῥεύσειν.

V. *Até que ponto receia ele olhar? Até que ponto pois, para eu ter de ir com ele olhar o porco, se as folhagens impedem? A peste corre por si própria!... Até onde o*

javali te deixar olhar, então, sim, receia-o, porque mudando-o em touro não sofre haver de correr!

VI — A inscrição seguinte é de Arroyo del Puerco, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER (C. I. L., II, 379) sem porém, a interpretar.

boEMINA . INDI . ENV	βῶ; ἔμ[ε]ινά [ε]ῖν Δι
PETANIM . INDI . AR	ἦν οὐπ'ἦτ' ἄν ἴν
IMOM . SINTAMOM	[ε]ῖν Δι ἀρ'ἰμ'ῶν
INDI . TEVCOM	σ'ὄν ταμών [ε]ῖν Δι
SINTAMO	τεόλον σ'ὄν ταμῶ!

V. *Que eu vá?*

Fiquei! Com o poder de Zeus estava!

De maneira nenhuma estaríeis para si, com o poder de Zeus!

Será que te mutilando o porco, realmente, com o poder de Zeus, fabricavam a cobertura?

Que eu te mutile o porco!

VII — Esta outra inscrição é da mesma região da anterior — Arroyo del Puerco — e apresenta-se com as mesmas características. Foi também recolhida por HÜBNER. Já foi por mim discutida.

AMBATVS	<i>Ambatus scripsi</i>
SCRISI	Κάρ λάε πρα[ε]ῖ σῶν σε κ[ε]ῖ ἀς
CARLAE PRAISOM	ἦρ βᾶ μῦῖ τι ἕας ἀρ'ἰμῶ
SECIAS . ERBA . MVITIE	πραε[ι] σῶν; δῶ σ'ὄν γῆ εὐσίν[ε]ῖ
AS . ARIMO . PRAESO	αὐ ᾶ [ε]ῖν Δι βία οὖν [ε]ῖν Δι
NDO . SINGEIEYO	νῆ δ'ἄγα ῥῶν τευλαέκων
INI . AVA . INDI . VEA	[ε]ῖν Δι νοῦ ρ'ἴν Ι Γ Γ
VN . INDI . NEDAGA	ὕδει ἐκ ρ'οὐρ[ε]ῖ σε ::
ROM . TEVCAECOM	κῶ; ἀμπίλου ᾶ [ε]ῖν Δι!
INDI . NVRIM . Ι Γ Γ	
VDEIEC . RVRSE : : CO	
AMPILVA	
INDI	

V. O Cário olhava.

*A Primavera, com o calmante das aves que cantam,
chegou, tanto que tens vontade de te estender.*

Por que estavas? Por causa do rato?

*Será que tiro água do poço com o calmante das aves
que cantam?*

Que ele te possa dar o porco com a terra!

*Ela produzia então bom vinho, ao mesmo tempo com
o poder de Zeus?*

À força?

*Como se disse, com o poder de Zeus; sim, por causa
da manha dos fluxos de ventre a preparar recusa.*

*Para si próprio, com o poder de Zeus em pensamento,
o dó, ré, lá. canta, depois, urina-te, com certeza.*

Como?

Em cima da cobertura, juntamente com o poder de Zeus!

VIII — Remato estes breves subsídios com uma inscrição bastante curiosa gravada em caracteres arcaicos ibéricos em escrita retrógrada.

É de *Sierra de Gados*, Almeria, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER, nos *M. L. Ibericae*.

Pelo que se verá, é um preçário de alveitar, em relação com serviços diversos a prestar na assistência à espécie porcina. Os preços são quatro e vão gradualmente diminuindo na proporção do menor serviço reclamado. As linhas vão numeradas para a consequente referência: a quarta está invertida.

||||| ||| ↑ } ☒ ✕ ¶ ¶ 9 X M } 0 ☒ ¶ ¶ V 4 4 0 Δ I — 1
 ||||| ||| ↑ } ☒ ✕ ¶ ¶ 9 X M } 0 ¶ ¶ ¶ 1 ↑ 0 M ¶ — 2
 |||| ↑ } ☒ ¶ ¶ 9 X M } 0 ¶ ¶ ¶ 1 ↑ ☒ ¶ — 3
 ¶ ¶ V / ¶ ¶ 0 } W X b ☒ ¶ ¶ ¶ ↓ ||| — 4

- 1 — ἴδω ρεῖ' ὕεῖα ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — θ'...
- 2 — ψῶ ῆ πῆ (ου πῆ) εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — ζ'...
- 3 — ἔα ῆ πῆ εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — δ'...
- 4 — ἴν' ἐπὶ ἰὼν στῆ ἀὶ ἄνη: — γ'...

A versão correspondente aos numerais, seria:

1 — «Que eu examine sem dificuldade a espécie de porcos que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: 9...?»

2 — «Que eu limpe (ou esfregue) ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: — 6...?»

3 — «Pretende desistir ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução — 4...?»

4 — «Havendo de voltar lá, a seguir, depois que se ponha de pé; cada vez, execução: 3...?»

Suponho que este seja o documento mais antigo sobre alveitares, pelo menos na Península Ibérica.

Com esta termino aqui este pequeno rol de inscrições Peninsulares onde se faz referência ao porco.

Avenida Marechal Gomes da Costa

Porto — Novembro de 1982.

Cavalhadas na Campeã (Marão)

POR

António da Eira e Costa *

Prof. da Escola Preparatória de Rates (Póvoa de Varzim)
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Esta palavra «cavalhadas» pode naturalmente levar-nos a recordar guerras em que a cavalaria representou a força mais poderosa e decisiva nas vitórias alcançadas. Lembrar-nos-á as migrações dos povos, lá desde os confins da História. Não nos ficará ausente da memória a evolução da vida social, com altos e baixos na importância da cavalaria. Como trasmontano, é-me impossível deixar de pensar nas regiões fronteiriças do norte de Portugal com rixas e rivalidades entre portugueses e espanhóis durante séculos, com invasões, assaltos, depredações, delicados problemas gerados pela oscilação das fronteiras.

Cavalhadas lembram-nos as ordens de cavalaria, as vias terrestres do comércio, as peregrinações medievais, as justas, os torneios, as corridas, os jogos, os divertimentos.

Recordo a propósito, as Cavalhadas de Vildemoinhos, que andam todos os anos nos jornais, e estudadas por Glória Maria Martins de Melo Bandeira, com um belo trabalho que me foi dado consultar na Sociedade de Antropologia. Citarei ainda

(*) Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

outro trabalho de João Gil Tavares da Ponte, sobre «Cavalhadas de S. Pedro — Ilha de S. Miguel — Açores» (1).

As Cavalhadas da Campeã remontam a um passado longínquo, demonstrando alguma coisa subjacente a comprovar a capacidade e a força de uma região pouco acessível, unida, invencível; uma área de privilégio que a dado momento deixou de pensar em lutas, para se divertir com a força da cavalaria. A própria palavra «Rótulo» indica a origem remota dos tempos em que se escrevia em pergaminho, levando-nos a crer que o «Róteli» é termo digno de estudo mais profundo e pormenorizado, juntamente com a «Lúa», todos os anos declamada pelo Carnaval, para crítica e chacota, onde se dão e apanham boas zurzidelas, com vista à moralização da vida social, segundo o modo do clássico latino: «ridendo, castigat mores».

O «Rótli» ou «Rótli» é um discurso em verso, geralmente em quadras, dirigido ao povo, pelo chefe de cada grupo de cavaleiros, como adiante se verá.

Campeã é uma das 29 freguesias do concelho de Vila Real, situada na ponta ocidental do concelho, a confinar com os concelhos de Amarante e Mondim de Basto.

A Campeã, briosa e ciosa das suas tradições velhinhas, encrespa-se, teimando por não se deixar esmorecer. De um ao outro ano, é sempre uma esperança renovada, como que o reflorir de qualquer outra primavera.

Os quatro mordomos da festa de Santa Ana — esposa de S. Joaquim e mãe de Nossa Senhora — esses quatro moços, de punhos de renda, constituem-se quatro polos daquele mundo, sobre os quais tem de fazer-se o movimento de rotação da maior festa das redondezas do Marão. São nomeados pelos mordomos do ano corrente, no momento solene da missa da festa, depois do sermão, pronunciados os seus nomes pelo

(1) Os dois citados estudos foram «trabalhos especiais» feitos pelos referidos alunos do curso de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Ver neste mesmo fascículo o artigo «Trabalhos especiais dos alunos do curso de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto», pág. 21 a 47.

pregador, correspondendo a um segredo de deuses caído como explosão de uma bomba no terreno da curiosidade do povo.

A sua nomeação sob a aprovação do pároco da freguesia, vincula-os à missão de suportar os nada leves encargos da festa, como sendo um acto sacramental. As funções do mordomo comportam uma parte mítica que os transporta, pelo espaço de um ano, a uma atmosfera nova em que a sua pessoa se transfigura em símbolo.

Correm a área planáltica, aos domingos, cada qual ostentando ao ombro, como ornamento, um saco de linho bordado a ponto de cruz, indo de casa em casa, fazer o rol das promessas em dinheiro que cada família irá cumprir no dia da festa.

Este planalto da Campeã é um cálice de linda flor, cálice gigantesco, entre as pétalas descomunais do Marão e do Alvão, com a terceira pétala da Fraga de Panassuar, mas faltando-lhe a 4.^a pétala, a nascente. Não lhe nasceu ainda; pelo que é evidente a meninice do vale planáltico da Campeã. Teima em ficar sempre como infante sem um dente, a ver se por ali espreita a tetinha materna da «Vila». É que Vila Real é a mãe da menina Campeã. O Pai Marão dá-lhe mimo, mas a mãe pouco lhe dá do muito que ela precisa.

Nesta Campeã idílica e edénica, a festa é o acontecimento de grande relevo a toda a roda do Marão. Quando aparecem a pegar às quatro fitas do andor de Santa Ana quatro mordomos dos de sangue na guelra e herdeiros de nome a ressoar ao longe, então, aí todo o mundo aventa: para o ano é que vai ser!...

E é.

Os mordomos pronto fazem constar que «ou a coisa vai ou rebenta».

Aquela gente é assim. Quando diz que vai, vai mesmo.

E para ir, é muito importante o «levantamento» do povo «em tecto», o que se obtém, por exemplo, com a promessa de nesse próximo ano se fazerem as Cavalhadas, que só lá de tantos em tantos anos se conseguem realizar.

As Cavalhadas são o cartaz mais cartaz de quantos se possam imaginar. Tudo quanto irei dizer a seu respeito, não se pode considerar «cornos da lua» hiperbólicos.

É o fim do mundo!

Há maluquinhos apaixonados que se deslocam de muito longe, até desde o Porto, só para assistirem à passagem do «Cartaz Ambulante»: as Cavalhadas da Campeã.

Elas são, nem mais nem menos, o anúncio da festa «da Santa Ana».

Tentarei fazer um relato de tão extraordinário evento.

É num domingo, talvez umas quatro semanas antes da festa que por tradição se realiza em fins de Julho.

O cenário são todas as aldeias da freguesia e mais as outras circunvizinhas onde os mordomos vão recolher donativos para as despesas da festa. Povoados onde eles peçam a esmola, lá têm de passar as Cavalhadas: Torgueda, Arrabães, a Foz, Gontães, Quintã, Vila Cova; e toda a freguesia, que não é nada pequena, com os seus dezoito povoados.

Para as Cavalhadas, são convidados os lavradores que tenham cavaladuras.

Na minha meninice quase metade dos fogos possuía um cavalo ou uma égua. Era da praxe, pois o exigia a vida comum, tanto para «ir à Vila» como às feiras, aos enterros, etc., etc.

As Cavalhadas são feitas com a colaboração de dois grupos de cavaleiros, denominados os «ASSEADOS» e os «ROTOS».

É tradicional a preferência de todo o povo pelo grupo dos «Rotos».

Por essa razão, o grupo dos «Asseados» costuma ser sempre muito mais reduzido em comparação com o dos «Rotos».

O domingo das Cavalhadas é exaustivo e nem todos se prestam para suportar semelhante tarefa. No entanto, há figurantes apaixonados que não perdem a oportunidade, mesmo que o peso dos anos caído sobre os seus dorsos já os comece a vergar.

Um dia inteirinho no «corrilório», é desporto sem dúvida exaustivo e de certo modo temido pelo dispêndio de energias.

Contudo, sempre se juntam uns quarenta ou cinquenta cavaleiros.

Alguns têm de ir necessariamente, por aficionados, dar o seu contributo ao espectáculo. Posto que as Cavalhadas são uma verdadeira jóia de etnografia, uma cavalgada tão pitoresca, cavalheiresca mesmo e invulgar, como não havia de ser um polo de atracção como é na realidade?

No domingo aprazado os dois grupos juntam-se de manhãzinha no largo da Feira. O grupo dos «Asseados» vai à frente com o seu chefe que lê o «Rótulo» no sítio mais central da povoação, onde é já do costume.

O grupo dos «Rotos» vai atrás.

OS «ASSEADOS»

Os «Asseados» vestem a rigor trajes de cavaleiros de há mais de cem anos; ou então, ajudados pelos seus familiares, arranjam calças e jaquetas de feitiço invulgar, bordaduras e enfeites ao sabor do seu gosto ou ainda segundo a criação de qualquer costureira, e com predomínio das cores fortes.

Os chapéus ou barretes são também garridos e originais.

Todos se apresentam mascarados, à excepção do chefe do grupo. Este costuma ser pessoa de respeito. Por mor da decência, tem de ir de rosto descoberto, para que se veja que o anúncio da festa merece a atenção e o crédito de todos. Os outros usam caretas a aparentar rostos jovens, belos e afidalgados.

Os componentes do grupo desfazem-se em salamaleques para todos os lados, atiram confectos de carnaval ⁽¹⁾, cortejam muito especialmente as moças solteiras. Fazem as honras o melhor que podem e sabem a todas as pessoas, sobretudo às mais respeitáveis. Não se recusam a estender a mão de luva branca a qualquer que lhes fique a «ponto de tiro».

⁽¹⁾ Denominados «porbilhos» em Quintã, Vila Real. As caretas são máscaras de Carnaval compradas nas lojas.

Alguns até espargem água de colónia sobre a assistência.

O chefe dos «Asseados» puxa pelo «Rótulo», e colocando os óculos sobre o nariz, num gesto de pretensão academismo, com ares de ministro e foros de soberana competência, de medalhas ao peito, mais as dragonas doiradas e as fitas multi-colores de não sei que ordens, e de borlas e frangas, de penachos e penas e tudo, eis que dá a primeira arrancada, finalmente, com um vozeirão mais penetrante do que os microfones das feiras:

Respeitável auditório:	Venho anunciar a novidade
Uma coisa vos pedia.	Da festa que vai ser pomposa
Desculpai o palanfrório	Como inda nunca foi feita
Da minha pouca sabedoria.	Em honra de Santa Ana Milagrosa.

Respondem os cavaleiros em sinal de aprovação e em coro meio desconcertado, e num tom agudo, feminino, de modo a camuflar a voz:

Coro:

Uh! u, u, u... fú — fu... u!
 Isso é que é verdade!
 Tudo verdade!...
 Tudo verdade!...

Entretanto espicaçam os cavalos, e uns e outros gesticulam para a assembleia dos populares aglomerados nos portais, apinhados nas janelas, cobrindo os muros, ocupando todo o terreno disponível.

É que a aldeia comparece toda em peso. Não fica viva alma ausente.

Batem-se palmas e ouvem-se vivas. Um estranho frenesi galvaniza todos os presentes.

Entretanto o emissário continua, depois de, com muito custo, alcançar do povo o necessário silêncio:

Santa(i) Ana, grande santa,
 Mãe de Nossa Senhora;
 Ela que nos livra da geada,
 De tudo é merecedora.

O coro repete-se no fim de cada estrofe.

Uh! u, u, u... fú — fu... u!

Tiram-se os chapéus, como respeito e veneração pela memória da Santa (i) Ana que é a protectora do pão nosso de cada dia, contra a calamidade da geada que alguns anos queima a quase totalidade das culturas, sobretudo o milho.

E o leitor prossegue:

Grande, no céu e na terra,
A esposa de S. Joaquim
Vamos fazer-lhe ãa festa digna,
Como nunca se fez assim.

Coro:

Os largos gestos dos cavaleiros acompanham os améns agudos; e apertando a barbela, obrigam ao cabecear das cavaladuras que de vez em quando se dignam acompanhar o alvoroço com seus relinchos nervosos e estridentes.

Já os foguetes estoiram
Com bombas das mais potentes,
Encomendadas de longe
Aos fogueteiros mais importantes.

Já vieram três carradas
Só para o anúncio da festa;
Porque nunca na vida houve
Nem vai haver outra como esta.

Coro:

Coro:

Logo no dia da véspera,
A Feira de Ano!... Grande feira!...
Prémios de muito valor,
Coisa de encher a carteira

Coro:

O público procura fixar quantas palavras diz o que lê o «Rótulo», aprecia a declamação, goza da arte do poeta, rindo da ousadia atrevida e galante.

As palmas nascem por concomitância, já que ali toda a gente faz parte da cena, tomando a palavra, dando parabéns,

felicitando à esquerda e à direita, gozando aqueles fugazes momentos de alegria.

Então a garotada miúda, essa delira, espantada com tão estravagante aparição, para si inexplicável, misteriosa.

Há corrida de cavalos;	Virão romeiros aos milhares
Vem de longe os corredores.	De todas as redondezas!
Escusado era dizer-se:	Mais de cem pipas de vinho;
O prémio é dos melhores!	Mil tendas de miudezas!

Coro:

Coro:

Grupos de tamborileiros	Feira de arromba vai ser,
De «Beiriz» e de Mondim;	De alegria e reinação,
Cabeçudos, gigantones...	Com cavacas e copinhos
Numa algazarra sem fim!	A alegrar o coração.

Coro:

Coro:

Música, dança e foguetes:
 Uma alegre chinfrineira,
 E no fim os bolsos cheios
 Com biscoutos da Teixeira (1).

Coro:

E à pequenada vai crescendo a água na boca, enquanto a mocidade antevê o gozo de uma tarde de alegria.

Alguns apontam a dedo um ou outro dos figurantes, tentando adivinhar quem seja, através dos gestos e das atitudes, ou então por conhecerem os cavalos.

A Missa vai ser Solene	Um pregador afamado,
E com grande instrumental;	Vai fazer lindo sermão.
Vem trinta e nove cantores	Palavras santas bem ditas,
De fora de Portugal.	A muitos comoverão.

Coro:

Coro:

(1) Biscouto da Teixeira é conhecido a toda a roda do Marão, vendendo-se em todas as festas e feiras. Teixeira é uma freguesia do concelho de Baião.

E a grande Procissão?
São oitocentas figuras
Com vestimentas de gala,
Fora anjinhos e «virgens puras».

Coro:

E todos se regalam de ouvir estas gabarolices, comparando-as com as dos outros anos, sobretudo os velhotes que nelas haviam tomado parte, conservando na memória, muitas das quadras que sublinharam tanta vez, com o seu «uh! fu, fu!» mentiroso.

NOTA: Virgens puras, refere-se ao costume de muitas pessoas prometerem ir na procissão descalças e vestidas com uma «mortalha» ou veste branca, em sinal de terem escapado de doença mortal, por milagre de Santa Ana.

Os «assaias» de outros anos
Foram todos rejeitados.
Hão-de vir outros de Braga;
Que já estão encomendados.

Trinta andores sairão,
Alguns da altura da Igreja;
Que os mordomos este ano
Querem coisa que se veja.

Coro:

Coro:

«Raios os partam! Que tanto alanzoam», diz alguém ali ao canto!

Em resposta a este, um outro comenta:

— Quem os ouvir não é mouco.

E um terceiro:

— Olha que não são acanhados!...

E depois de tudo isto,
Duas músicas de fama,
Tocarão até ser dia,
Que p'ra elas não há cama.

O fogo do arraial
Vai ser coisa nunca vista
Vai ser tão lindo tão lindo,
Que não há quem lhe resista.

Coro:

Coro:

O fogo vem de Viana
 Encomendou-se há oito meses
 A camioneta que o traz,
 Carrega-o por sete vezes!

Esta festa meus senhores
 Vai dar muito que falar
 O que vos anunciei, até
 Já consta p'ra além do mar.

Coro:

Coro:

Meus senhores e senhoras
 A nossa despedida é esta:
 Lá nos juntaremos todos
 Nessa grandiosa Festa!

Numa tremenda algazarra de vivas, de palmas e aclamações, a cavalgada ilustre dos ilustres mensageiros debanda em alta correria, a caminho de outro povoado.

Assim, como um meteoro a riscar os céus, a cavalgada que passa transforma-se num espectáculo de instantânea fulguração, alegre ao ouvido, atraente para a vista, sempre harmonioso, agradável, empolgante, aglutinador das multidões. É querido e amado de todos, inocente, divertido, sem grandes gastos, além do bater das ferraduras das montadas e da ceia que a mordomia a todos oferece.

Anote-se um suspiro a evolar-se do peito saudoso de um velhote, recordando tempos que lá vão, e o sabor de rebuçado engulido por descuidada criança. Pálida imagem da cena que ante meus olhos correu apenas por duas vezes e me deixou o gosto de «saber a pouco»!!...

Depois da debandada do grupo dos «Asseados» pronto chegarão os componentes do grupo dos «Rotos».

OS «ROTOS»

Coitadinhos deles!...

É assim mesmo o seu apresentar: Rotos, esfarrapadinhos, andrajosos.

Aí vem eles, a correr desabridamente, como setas, na perseguição dos «Asseados».

À sua chegada, parece que tudo fica electrizado e tonto! É um delírio de simpatia; algo de misterioso, como se ali de

repente se extravazara um rio invisível de entusiasmo, de admiração, com berros e gritos e um indisível frenesi de contentamento, de gozo pleno.

Sempre isto, à vista daqueles trinta ou quarenta figurantes, cada qual o mais andrajoso, o mais exótico, o mais estranho que imaginar se possa.

Ei-los que chegam e logo todo o bicho careta se move, despertando como que para uma embriaguez de sonho maravilhoso. É a vida em suspenso naquela atmosfera de regozijo, em que todos se sentem irmanados, como mergulhando em banho de conjunto ou arrebatados para um ambiente extra-terrestre onde tudo se esquece e onde se recria o momento único de supremo deleite.

Há identidade entre o grupo cavalgante dos «Rotos» e o sentir dos mirones. Irmanam-se, fundem-se no incenso odoroso de ondas etéreas.

Como se mordidos por um enxame de vespas, eles mostram-se violentos, rápidos, lesto como o azougue, irrequietos, voltando à esquerda e à direita, provocando risos ou gritos, com maneiras tão cortesias, quais são as suas dádivas e ofertas, lançadas à pressa e à surrelfia: atiram punhados de serrim, cinza da lareira, areia ou terra; e uma vez por outra, «caganitas de cabra ou de ovelha».

Isto é da praxe. E para além dos gritinhos risonhos da banda das moçoilas em maior grupo e mais atingidas, nada mais existe de destoante. Todos folgam e riem, e ninguém há que se moleste.

Muito longe disso.

Na representação dos «Asseados», apertava-se o cerco, que eles eram todos mesuras, e pouquinhos para encher o terreiro. Mas agora? Para além de serem muitos, o círculo alarga-se mesmo, na tentativa de escapar à cortesia do farelo, à poeirada da cinza, e outros mimos que podem vir...

E agora impor silêncio?

Para a leitura do rótulo, é um cavalo de batalha, porque brota um infindar de comentários, uma cascata medonha de

gargalhadas, pelo cómico de um só cavaleiro... Quanto mais uma «récu» de quarenta ou cinquenta, cada qual o mais grotesco, cómico, extravagante, com jeitos de bobo, ou bobo com jeitos de herói, fazendo gestos humorísticos, arranhando-se por causa dos parasitas, investindo em atitude de escárnio contra os assistentes, fingindo contagiá-los mediante o arremesso das pulgas e dos piolhos.

Instintiva criação, num jacto estupendo de força bruta, a jorrar desta cena patética, em que o povo é povo na plenitude de expressão de si mesmo.

As próprias montadas ostentam arreios velhinhos «a cair em pedaços» uma cabeçada coberta de palha velha denegrida. Ornamentam-se com cordões de cabos de cebola, cheios de nós; cordões de gravetos, na anca o desadorno de uma pele toda pelada... e toda a sorte de coisas que se prestam para contrariar o fausto dos «Asseados».

O cavaleiro prepara o mais andrajoso possível o seu vestuário. Desornamenta-se, lançando mão do seu poder imaginativo. Utiliza tudo quanto lhe parece apropriado para causar surpresa e asco, assombro ou medo, mas sobretudo o riso.

Desde a cabeça aos pés, cada um dos cavaleiros é modelo único de fantasia, mostruário de pobreza, e um mundo de objectos a caracterizá-lo para o transformar em símbolo.

Utiliza penas, cornos, peles, latas velhas, guizos, um bacio velho e esburacado.

As caretas, com que mascaram os rostos apresentam variadíssimas formas e os materiais mais inconcebíveis. Representam por vezes bichos e feras ou mesmo o próprio diabo com cornos e tudo. E tudo é fingido caprichosamente e com tal génio artístico, e com tal veio irónico e satírico, que é mesmo de se ficar de boca aberta. Torna-se bem visível naquele cenário único e ímpar, a encarnação das figuras maldizentes (1).

(1) Vejam-se: Amoletos lunares toledanos por José Ramón y Fernandez Oxea e Máscaras y sermones de Carnaval en Cotobad, de A. Fráguas, o 1.º no Tomo XXI e o 2.º no Tomo II in Rev. de Dialectologia y Tradiciones Populares de Madrid.

Usam por adornos e condecorações, rosários de caroços de milho, cordões de bugalhos, de gravetos, cordas velhas, com toda a sorte de cruces, amuletos e medalhões nem que sejam de cortiça queimada, ou bocados de madeira podre, bandas e colares de farrapos velhos; à mistura com rabos de raposa, crinas, caixas de fósforos, pequenos remendos de cores berrantes, chifres, campainhas, os maiores chocalhos, guizos, argolas ferrugentas; cremalheiras e latas velhas, a sublinhar o grotesco, a chacota, a ironia das condecorações dos «Aisseedos».

Enfim: engenho e arte, na arte de maldizer. As figuras surgem como cenário vivo a dar consistência de alicerce, ao «RÓTLE» ou «RÓTLI» dos «Rotos» improvisado todas as vezes que as Cavalhadas se repitam, sendo escolhida uma das pessoas às quais melhor veio humorística se reconheça.

Repete-se o que já atrás foi dito:

É um cavalo de batalha só para o que lê o «RÓTELI» impor silêncio: que depois do rebentar do morteiro fica o eco a multiplicar as ondas de ressonância acolhidas no cerne da alma popular. O chefe do grupo dos «Rotos» levanta o braço e acena com o manuscrito do «Rotli», convidando assim a que todos o escutem.

No momento propício ele começa:

Sou chefe dos Cavaleiros
Da Sociedade do Piolho;
Mas confesso sem vergonha
Que como batatas sem molho.

Rompe geral gargalhada que logo se sublinha mediante o coro dos cavaleiros.

Uh! u, u, u... fú — fu... u!
Isso é que é verdade!
Tudo verdade!...
Tudo verdade!...

A honra de um cavaleiro
É defender a verdade.
Leve o Diabo ó inferno
A mentira e a falsidade!

Coro:

E já toda a assembleia aposta para apreciar os ditos que a cada momento se espera serem dos de tocar a corda fina do cómico e da ironia.

A última quadra referida é, por assim dizer, o preparar do terreno para em seguida fazer a lavra.

O orador, de voz segura e bem timbrada, repetindo já pela décima terceira vez os dois primeiros versos da sua mais lídima rectórica:

Sou o chefe dos Cavaleiros
Defensores da verdade,
Amigos do nosso povo
E toda a cristandade.

Coro:

Não temos papas na língua
Por isso falamos verdade;
É como quem se confessa
Aos pés do Senhor Abade!

Coro:

Anda pr'ái ãa cáfila
De fidalgotes pintados,
Tão gabarristas e aldrabões,
Que mereciam ser enforcados.

Coro:

São fidalgos de meia tijela.
Esperai, vou-vos contar:
Viste-os passar, moncosos,
Sem ter com que se limpar.

Coro:

É ãa farda pobrezinha
Com piolhos e outra bicharada;
Mas é nossa, muito nossa
Ninguém a traz alugada!!

Coro:

Lutamos contra a mentira,
Vamos contra os aldrabões.
Por isso temos a farda
Cheia de condecorações.

Coro:

Bom provérbio, bom ditado
Aquele de Salomão.
Antes pobre, mas honrado,
Do que rico e «aldrabão».

Coro:

Fidalgotes asseados,
Parecem filhos de Rei;
São fardas, alugadas.
Eu que o digo, é porque o sei.

Coro:

Acreditai no que eu digo,
E digo com juramento:
Nós somos pobres, está visto,
Neste pobre fardamento.

Coro:

Mas os ricos p'ra serem ricos,
Que misérias passarão?
Nós comemos pão e caldo;
E eles? Caldo sem pão!!!

Coro:

Andam pr'aí os coitados
 Qu'rendo arrotar a presunto:
 Mas o povo não espera
 Por sapatos de defunto.

Coro:

Meus senhores e senhoras
 Digo-lhes do coração
 A sua treta não merece
 A nossa consideração.

Coro:

Fidalguinhos, fidalguinhos,
 Todos de caras rapadas:
 Onde é que está o respeito
 Senão nas barbas honradas?

Coro:

A feira da Campeã
 É igual à do Bilhó:
 Uma é ponto sem linha
 Outra é linha sem nó.

Coro:

Que feira a da Campeã!
 Feira fraca, feira feia,
 Que começa às quatro horas
 E acaba às três e meia!...

Coro:

Só numa coisa se cuida
 Poder dar-lhes os «amens»
 Darem água sem caneco
 Do barro de Bisalhães.

Coro:

Grande coragem a deles!
 Que bazófias de ùa cana!
 E brincam com coisas santas
 Da festa «da Santa(i) Ana»!

Coro:

Muito ricos, muito ricos,
 Fartinhos... de trabalhar;
 Mais piolhosos que nós...
 Sem vagar p'ra se catar!

Coro:

E que são caras sem barba,
 Senão caras sem vergonha!
 Eles vergonha não têm;
 Mas há-de haver quem lha ponha!

Coro:

Que prémios eles vão dar,
 No mês e ano da fome?
 Quem compra pão p'ra comer
 não se farta, que mal come...

Coro:

Os prémios que eles vão dar
 Não servem nem p'rá canalha:
 Não pode haver quem aceite
 Desafios de navalha.

Coro:

Em carradas de foguetes
 É um regalo ouvi-los:
 Hão-de ser carros de nabo ⁽¹⁾
 E puxados por dois grilos...

Coro:

(1) Alusão ao artesanato infantil que com o nabo por matéria prima, constrói carrinhos de bois e faz a junta de bois que junta e «apõe» ao carro.

O pregador afamado
 Já é novidade velha
 Porque só pode ser um:
 O Grande Abade de Ovelha (2)

Coro:

E o coro dos anjinhos,
 Mais novecentas figuras!
 Inventar tantas asneiras,
 Não é de cavalgadasuras.

Coro:

Os foguetes da promessa
 São girândolas de patranhas,
 Que no fim vão istoirar menos
 Do que um magusto de castanhas.

Coro:

Até o diabo se há-de rir
 Por tremer o céu e a terra!
 Quem treme são mas é eles:
 Porque quem paga é que berra...

Coro:

Nós temos de fazer guerra
 A quem faz tanto abuso.
 Mas desculpai quem faz guerra
 Por falta de um parafuso.

Coro:

Neste negócio de esmola
 São piores que os ciganos
 Mas já toda a gente sabe
 Quando é dia de enganos.

Coro:

Os andores, isso sim:
 Vai ser coisa que se veja
 Fica tudo tão espantado
 Que ninguém mais pestaneja.

Coro:

A música vem de longe
 Já toda a gente reprova
 É igual à do Joaquim Tolo,
 O pobre de Vila Cova.

Coro:

A mentira mais bonita
 É do fogo do «arraial»:
 Vão ser dois sacos de pinhas
 Roubadas num pinheiral.

Coro:

E eles fazem lembrar
 O cão que ladra e não morde
 Prometem sol e mais lua

Coro:

Parecem doidos varridos
 Com promessas aos montões:
 O que eles querem é ver
 Se apanham alguns «testões».

Coro:

O fogo mais forte, a arder,
 É o medo que os traz assados
 De ao fim dos pagamentos
 Ficarem muito empenhados.

Coro:

(2) Alusão ao célebre orador sagrado, rival, em certo modo, do seu vizinho António Cândido, este orador parlamentar, A Águia do Marão.

Ovelha era antigo nome da freguesia de Aboadela e designação do rio do mesmo nome afluente do rio Tâmega.

São filhos de lavradores,
E alguns de muita fama;
Mas com dores de barriga
Nem podem dormir na cama.

Coro:

Falam de cima da burra
Os que não sabem falar
Mas lá vem a maré dura
De os verdes quase a chorar.

Coro:

Andar a fingir de rico
É vergonha e é tristeza
Mas para nós, ser verdadeiros,
É que é a nossa riqueza.

Coro:

Mas a treta dos Asseados
Pelo menos desta vez,
É ãa reles pantomina,
Do mais reles «atremês».

Coro:

Nós todos aqui viemos
P'ra vos desenganar
Cautela, que a ratoeira
É p'ra papalvos caçar.

Coro:

A festa da Santa(i) Ana
Todos querem que se faça.
Nós também; mas sem ouvir
Mentirosos desta raça.

Coro:

Ide à festa, sim senhor,
Pra honrar à Santa(i) Ana.
Mas procurai desviar-vos
Da mauta que vos engana.

Coro:

Fazemos a despedida
Para todos em geral.
Se alguém ficou ofendido,
Desculpe, não foi por mal.

Coro:

Uh! u, u, u... fú — fu... u!
Isso é que é verdade!
Tudo verdade ...
Tudo verdade ...

CONCLUSÕES

As Cavalhadas da Campeã constituem um documento de etnografia viva, um quadro histórico onde surge a vida expressa na sua constante dualidade.

Os dois grupos de cavaleiros, os «Rotos» e os «Asseados», percorrem os mesmos caminhos, embora sob a aparência diversificada dos estratos sociais. Ocupam posições como que con-

trárias, mas evitando sempre o confronto directo. A rectaguarda é logicamente o lugar das classes desfavorecidas, como o comprovam as Cavalhadas da Campeã.

Há nesta acção das Cavalhadas dois pontos pressupostos, ou duas supostas oposições. É o conjugar dos contrários, para o alcançar de uma vitória que depende do esforço das duas partes. O aparato dos «Asseados» vem a ser a suposta vitória; mas o fingimento é tão claro, que enche totalmente o espaço das dúvidas, para os tornar supostamente os vencidos.

Com os «Rotos» dá-se o contrário.

Ao fazermos a soma do contributo de cada um dos grupos, encontramos o traço de união desse entremês representado com a extensão agigantada que o caracteriza.

Obra de ficção, a suposta oposição dos dois grupos, dois exércitos supostamente inimigos, contribui nos dois campos, sem serem de verdadeira batalha, para alcançar uma vitória comum.

Os «Asseados» utilizam como arma a propaganda hiperbólica, com que procuram ferir a sensibilidade das massas populares. Simultaneamente, aliam a coordenada da diplomacia mediante a pompa dos figurantes a aparentarem o fausto de nobres com suas honras, dignidades e riquezas.

O difícil da sua acção consiste no enquadramento do discurso desde logo reconhecido como falso, e esperado como tal — uma série de promessas irrealizáveis — no fundo sério de uma realidade séria: a carga de religiosidade que é posta em jogo mediante aquele estratagema à primeira vista inadaptado, ilógico, falto de sentido.

Há uma tentativa de, com a paródia sobre o facto, alcançar um efeito contrário ao efeito da paródia.

Em sentido inverso, os «Rotos» vão fazer guerra, só de palavras embora, mas baseados numa realidade que é a raiz do seu triunfo: a falsidade das promessas dos «Asseados», tida como se fosse grave ofensa à dignidade de toda a gente; alguma coisa semelhante ao escarnecer da própria religião. Com este fundo de realidade, entram em campo, furibundos, como luta-

dores prontos para todos os sacrificios. A sua arma é a arte de maldizer, posta ao mesmo tempo, como bisturi penetrante, mais sobre o coração do povo do que no dorso dos «Asseados».

O ribombar da ironia demarca bem ao vivo o campo da dupla acção, com a pseudo-vitória dos «Rotos», que arrastam para a sua banda o povo delirante.

Na realidade é uma batalha de «moinhos de vento», com muito de insólito, de quixotesco, de mítico, à mistura com o interesse religioso que é essencialmente o móvel de todo aquele aparatoso espectáculo.

Há como que o entrelaçar de duas tramas sobre uma única urdidura. Destrói-se no moinho de vento o conjunto inflado de velas irreais. Descarna-se o mito, reduzindo-o ao esqueleto, no esquarterar da chacota. Ruem as paredes do próprio moinho. Ficam os alicerces da religiosidade. Realça-se a fé do povo e a manifestação da sua total dependência de Deus; e pela necessidade da mediação dos santos, propõe-se a construção das muralhas à volta da cidadela, que é representada na festa da Santa (i) Ana, defensora do povo contra o flagelo da geada.

Diz-se a todos os ventos e marés naquele grandioso espectáculo das Cavalhadas, como a teia da vida de um povo se entretece à custa de honra e sacrificio, manifestando a profundidade do sentimento religioso à mistura com uma ponta de vaidade e regozijo semipagãos. Será um acto sacrificial não de todo rectificado nem muito bem explícito, manifestando que a vida do homem continua a ser mistério.

Poderá deduzir-se, pela boca dos «Rotos», que é ridículo o acto de fé na soberania das riquezas, na ostentação do luxo, nas áureas dos pergaminhos: porque nem tudo o que luz é ouro, nem o ouro pode ser o maior sustentáculo scial. Até as aparências iludem, como reza o ditado de Cimo de Vila — Chaves:

«Dinheiro e santidade,
Metade de metade».

Os dotes da alma são valores extra classes, o palmo que mede os homens independentemente de estratos sociais, de cores políticas, de características raciais e até de graus de cultura. O povo sabe disso. As Cavalhadas da Campeã provam-no, mostrando boa parte da sua filosofia, herança de muitos séculos, como um oceano de praias e de ondas ainda e sempre sem demarcação circunscrita.

V Á R I A

Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa — 1981

A campanha arqueológica decorreu ao longo dos meses de Agosto e Setembro, sob a orientação do Prof. Doutor Santos Júnior que por duas vezes visitou os trabalhos em curso, e realizaram-se as seguintes tarefas: levantamento topográfico do castro, limpeza de alguns dos seus sectores, restauro de vários muros e casas e, finalmente, limpeza e marcação do espólio.

O levantamento topográfico, Fig. 1, trabalho que desde há muito se impunha realizar, concretizou-se durante a campanha deste ano mercê do subsídio concedido para o efeito pelo Instituto Português do Património Cultural.

Dessa tarefa se encarregou o senhor António Ramos, topógrafo do GAT, em Vila Real, que na execução do trabalho pôs toda a sua melhor boa vontade para nos entregar, dentro do prazo estabelecido, a planta do castro, na escala 1000.

Neste ano tivemos, pela primeira vez, a colaboração dos jovens integrados na campanha de «ocupação dos tempos livres», que nos foram confiados pelo «Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis» e «Serviço Nacional de emprego», de Vila Real.

Em número de seis, os jovens prestaram-nos um excelente serviço, atendendo à falta de mão de obra livre na

ocasião, e graças ao seu trabalho pudemos fazer uma limpeza parcial do castro, especialmente do reduto cimeiro. Este ficou assim, completamente livre de ervas e arbustos que cobriam os caminhos, muros e casas, tornando-se mais atraente e acessível a quantos ali se deslocam para visitarem este monumento, tanto forasteiros como estudantes e professores dos vários estabelecimentos de ensino existentes em Sabrosa.

Restauraram-se quatro casas e dois muros. (Est. I, Fig. 3 e Est. II, Fig. 4) do reduto cimeiro, utilizando-se como habitualmente, um pedreiro especializado em construções de pedra seca.

Sublinhe-se, porém, que não tem sido fácil encontrar em Sabrosa pedreiros muito dispostos a trabalhar no castro. A distância que têm de percorrer a pé para ali chegarem e dali regressarem, a enorme procura que têm, nesta época do ano, para as obras particulares e oficiais, e ainda a raridade em artistas que sabem construir paredes sem o recurso ao bloco e ao cimento, são factores que dificultam a sua angariação para os trabalhos de restauro e conservação programados.

Com vista aos trabalhos de restauro da segunda muralha interior, desmoronada em toda a sua extensão e expoliada, nalguns troços, da maior parte da pedra, procedeu-se à pesquisa do seu alinhamento. Encontrou-se, durante a realização desta tarefa, uma estreita porta na muralha, virada a Nascente e medindo cerca de 2,30 metros de largura.

Esta porta, depois de livre do entulho de pedras e terra que a enchia, mostrou-nos uma sucessão de quatro toscos degraus e, entre as pedras que os formavam, destacava-se um bloco granítico com inscrições na sua face superior.

Nesse mesmo dia, ao findar os trabalhos, retirámo-lo do local e guardámos em sítio mais seguro para os estudos posteriores, pondo-o também a salvo de quaisquer danos que pudesse sofrer durante a nossa ausência.

Trata-se efectivamente, de um bloco granítico, paralelepípedo, medindo $46 \times 32 \times 17$ cm, com uma face gravada em caracteres latinos e que, logo à primeira vista, nos pareceu tratar-se de uma lápide funerária romana.

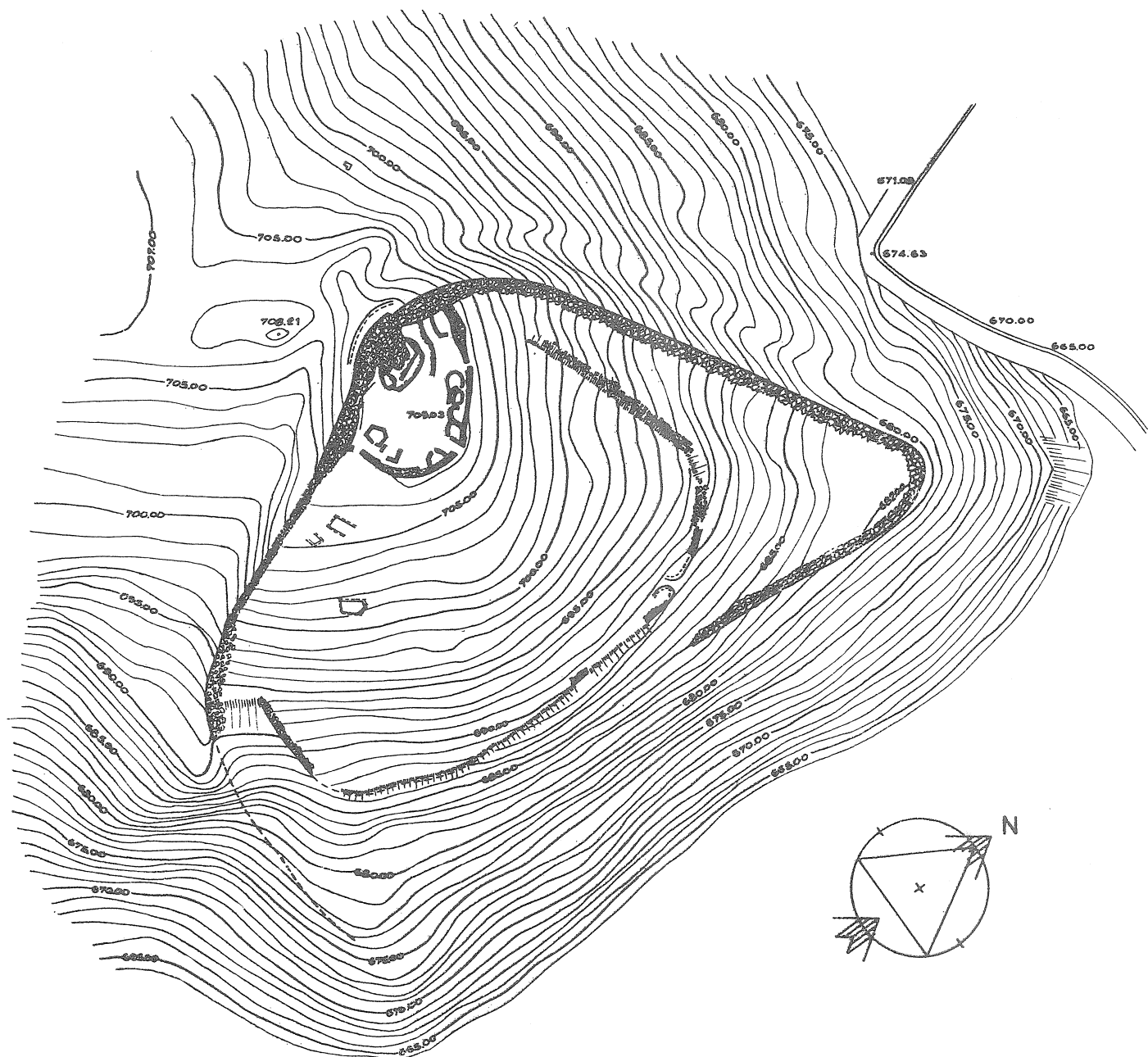


Fig. 1 — Planta topográfica do Castro de Sabrosa, Escala 1/1000.

A face escrita, ou anverso, do bloco, tem uma «moldura» em relevo com 3 cm de largura, em média, e que limita uma área epigrafada (Fig. 2 e Est. II, Fig. 5). Esta mede 39 × 26 cm e em cinco linhas, com letras de quatro centímetros de altura cada uma, se pode ver escrito:

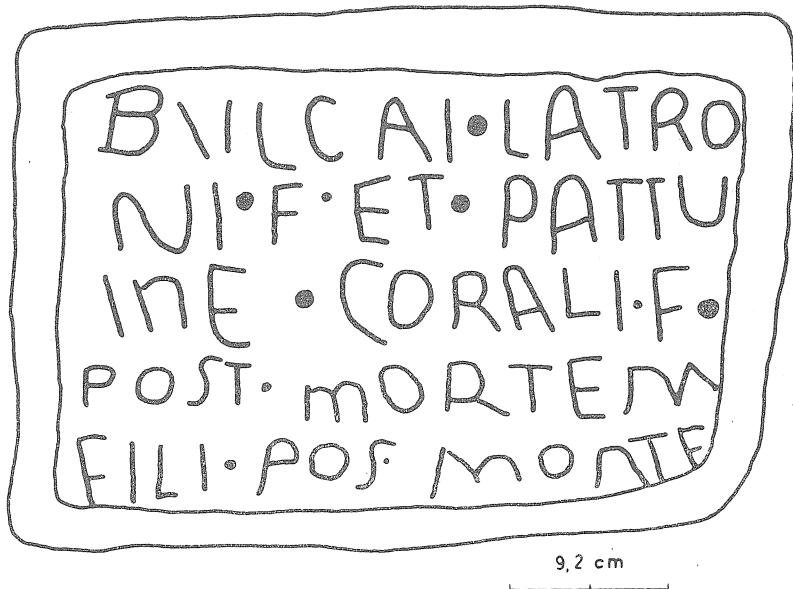


Fig. 2 — Desenho da face epigrafada.

Consultados alguns conhecidos epigrafistas a quem foram enviados fotos da lápide encontrada no castro, deles se obteve as seguintes interpretações.

O distinto arqueólogo espanhol Don Joaquin Lorenzo Fernandez (Orense-Galiza), leu:

BALCAI · LATRO
 NI · F · ET · PATRICI ((PATRI?)
 INE · CORALI · F ·
 POST · MORTEM
 FILI · POS · MON · (MONUMENTUM?)

e traduziu:

A Balcai(?) filho de Latro
e a ? filha de Cora
depois da morte
os filhos puzeram este monumento.

Por sua vez o Prof. Architecto Rogério de Azevedo, do Conselho Director da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, traduziu a lápide do seguinte modo:

Balcai filho de Latrão e
Patricínia filha de Coral
depois da morte do filho
ergueram este monumento.

Sensivelmente coincidente com a versão do primeiro arqueólogo é a do P.º João Parente, delegado do I.P.P.C. em Vila Real e que teve oportunidade de observar a própria lápide:

A Bulca, filho de Latronus
e a ? filha de Coralus
depois da morte
os filhos ergueram este monumento

Qualquer das versões nos confirma que se trata, efectivamente, de uma lápide funerária romana. Lápide que se encontrava, curiosamente, a servir de degrau numa tosca escadaria, facto que vem reforçar a tese do repovoamento dos castros pelas populações autóctones depois da retirada romana da Península.

O reverso, ou costas, do bloco epigrafado, não é plano, como se pode ver na Fig. 7. Apresenta-se saliente e encurvado, com um pequeno ressalto, escavado, em três dos seus bordos.

Nesta zona saliente e encurvada, que mede 44 × 18 cm, o gravador traçou dois sulcos perpendiculares entre si, com

meio centímetro de profundidade e que se estendem de lado a lado e de alto a baixo do citado saliente.

Das outras quatro faces do paralelepípedo, as duas verticais são planas e lisas enquanto as outras duas, maiores e horizontais, tanto a de baixo como a de cima, apresentam cada uma o seu buraco central, como se poderá ver, por exemplo, nas Figs. 6 e 7 da Est. III. O buraco de cima é quase circular, medindo $4,2 \times 4,3$ cm de diâmetros máximos e tem 4,2 cm de profundidade. O buraco da face de baixo é um pouco maior, mais profundo e de forma elíptica. Tem de boca 7×6 cm máximos e de profundidade 6,5 cm.

As duas últimas semanas da campanha de trabalhos arqueológicos foram ocupadas com a limpeza e legendagem do espólio recolhido em campanhas anteriores. É constituído, sobretudo, por fragmentos cerâmicos de vasilhame variado, de tegulas e imbrices, mós manuárias, alguns cossoiros e pedras de afiar. Todo este espólio se encontra à nossa guarda até que melhor destino se lhe possa dar.

Para finalizar, resta acrescentar que os trabalhos de restauro do castro, realizados nesta campanha, foram subsidiados pela Câmara Municipal de Sabrosa.

Sabrosa, 20 de Agosto de 1982

CARLOS ERVEDOSA *

Assistente do Instituto Universitário de Trás-os-Montes
e Alto Douro e sócio da Sociedade Portuguesa de
Antropologia e Etnologia

* 5060 Sabrosa

Fotografias 3 a 7 tiradas
pelo Prof. Santos Júnior

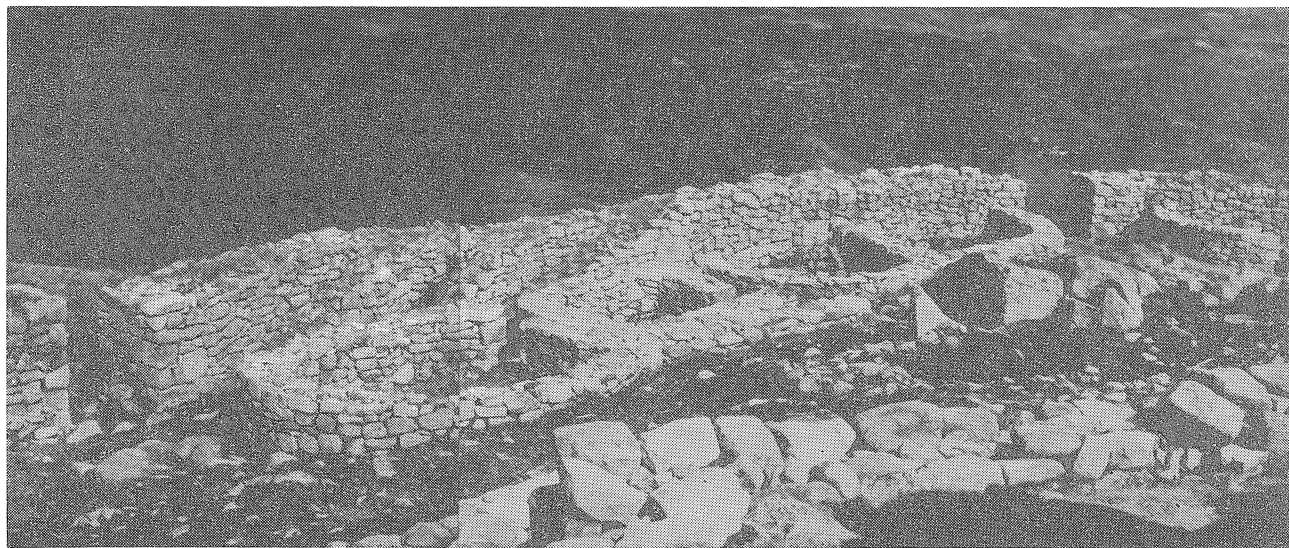


Fig. 3 — Uma panorâmica do interior do reduto cimeiro do castro, vendo-se a muralha, do lado Nascente, e cinco casas redondas junto dela.



Fig. 4 — Pormenor do reduto cimeiro do castro: muralha do lado Nascente com portas e três rampas de acesso. A direita, casas restauradas.

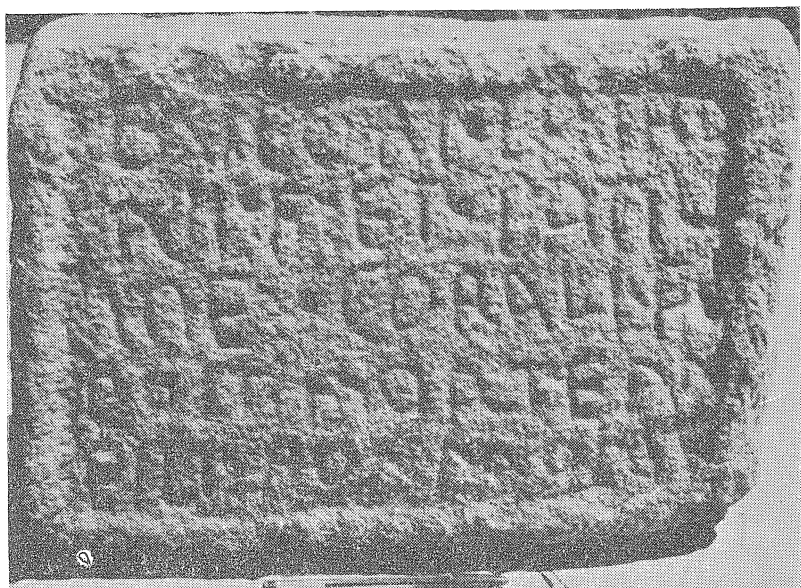


Fig. 5 — Face escrita da lápide funerária romana. Encontrava-se, juntamente com outras pedras, a servir de degrau há porta da muralha interior do castro.

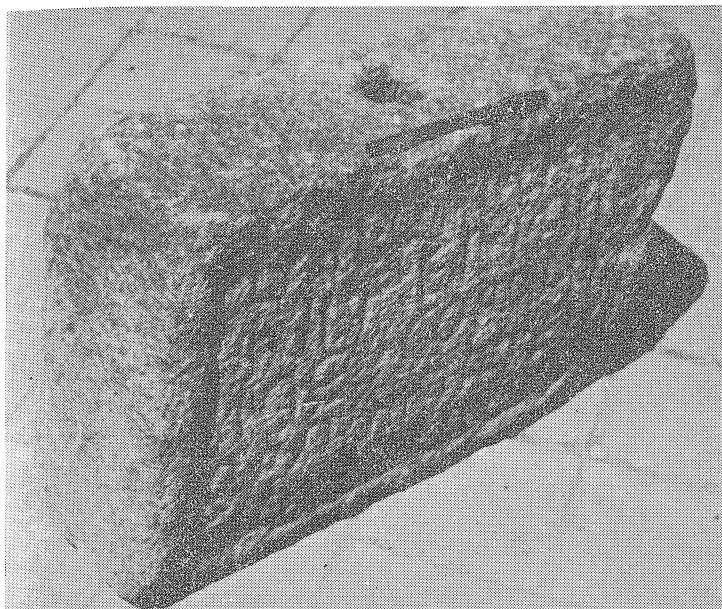


Fig. 6 — A lápide funerária fotografada de cima para mostrar o buraco ao centro da face superior da pedra.

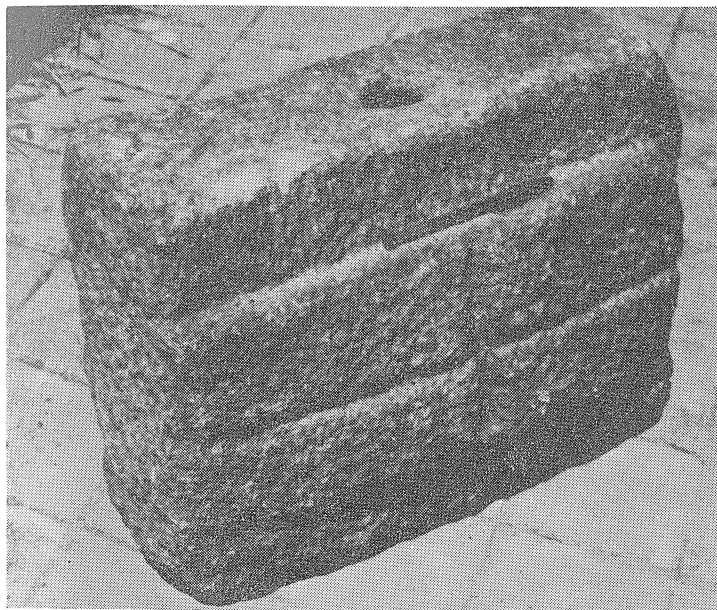


Fig. 7 — A lápide funerária fotografada de costas. Podem-se ver os ressaltos e o sulco cruciforme gravado na pedra.

Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta

Bracara Augusta, pela sua posição geográfica atingiu entre as cidades que a rodeavam grande proeminência. Além de ser a sede de um dos sete conventos jurídicos da província Tarraconense foi um centro comercial importante como o provam algumas epígrafes que chegaram até nós ⁽¹⁾. A sua importância foi tal que nos marcos miliários das cinco vias militares que nela convergiam as distâncias estavam marcadas em relação a si.

Várias indústrias por certo que floresceram nesta cidade e se de algumas não ficaram testemunhos houve uma que nos legou numerosos elementos que permitem o seu estudo, a olaria. A sua existência não é de admirar pois que, bem próximo da actual cidade de Braga, na zona de Prado, essa indústria continua em laboração agora junto das próprias barreiras.

É indubitável que na Braga romana existiu um importante conjunto de olarias:

1 — Na zona que se denomina por Maximinos foi encontrada grande quantidade de barro já depurado.

2 — Foram encontrados dois moldes de lucerna, um dos quais com a assinatura de L. Munatius Threptus ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Sobre a bibliografia dedicada a Bracara Augusta ver J. J. Rigaud de Sousa, *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, «Studia Arqueologia», Santiago de Compostela, 1973; P. Le Roux, *Les steles funaires de Braga*, III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1974; P. Le Roux, *Aux origines de Braga «Bracara Augusta»* vol. XXIX, Braga, 1975.

⁽²⁾ J. J. Rigaud de Sousa, *Acerca de um molde de lucernas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnografia», Porto, 1966 e *Novo molde de lucernas aparecido em Braga*, «Traba. de Antrop. e Etn.», Porto, 1969.

3 — Têm aparecido grande quantidade de acessórios de olaria, hoje recolhidos nos Museus D. Diogo de Sousa e Pio XIII ⁽¹⁾.

4 — É fora de dúvida que em Braga se fabricou um tipo de cerâmica que se pode considerar como um compromisso entre as paredes finas (cor, pasta e engobe) e a terra sigillata (formas), datável do séc. I ⁽²⁾ e que teve uma certa expansão regional, tendo chegado, pelo menos, até Conimbriga. Além desta também se fabricaram aqui pratos de tipo dos designados por vermelho pompeiano ⁽³⁾.

Todos estes elementos foram recolhidos num ponto da cidade, hoje quase totalmente construído mas que ainda há bem poucos anos era destinado a campos de sementeira, sendo conhecido por Cividade de Cima e Quinta de Orjais, fazendo parte da freguesia de Maximinos. O ponto que nos interessa fica a meio da encosta da colina que sobe desde o rio Este até ao ponto mais elevado da área ocupada pela antiga cidade romana. A destruição que as ruínas da velha cidade sofreram com a expansão da nova cidade desde há uns quinze anos vieram impedir um estudo verdadeiramente detalhado de tão importante urbe.

Salvo uma ou outra escavação efectuada a partir de 1964 e as levadas a cabo pelo Campo Arqueológico da Universidade do Minho numa zona já relativamente restricta, tudo se tem perdido apesar dos esforços desenvolvidos para salvar essas importantes ruínas.

⁽¹⁾ Sobre o tipo destes acessórios ver J. R. Terrisse, *Les céramiques sigillées gallo-romaines des Mestres-de-Vevre*, XIX sup. de «Gallia», Paris, 1972.

⁽²⁾ Adília Alarcão, *Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta*, «Rei Cretariae Fautorum Acta», 8, 1966; Adília Alarcão e Alina M. Martins — *Uma cerâmica aparentada com as «paredes finas» de Nerida*, «Conimbriga», vol. XV, Coimbra 1976; J. J. Rigaud de Sousa, *Cerâmica fina típica de Braga*. II Cong. Nac. de Arq. Coimbra 1971.

⁽³⁾ A. Alarcão, loc. cit.; J. Alarcão, *Portugal romano*, Lisboa, 1973, p. 148.



Fig. 1 — Vista geral das escavações.

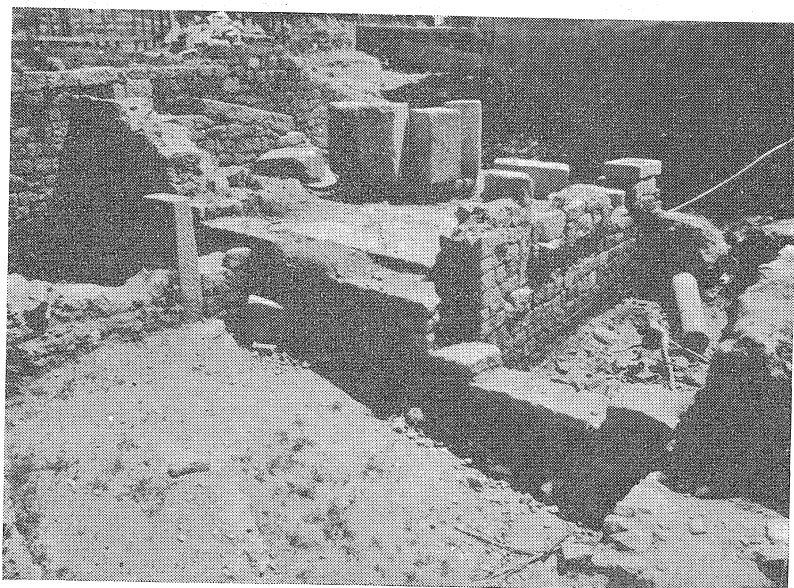


Fig. 2 — Pátio com o poço no centro. Notar as grandes pedras à volta do poço e o fuste de coluna caído próximo da sua base.

Mesmo assim muito se pôde estudar e julgamos ter elementos para além de se poder afirmar que existiu em Bracara Augusta uma indústria cerâmica, identificar a zona das olarias.

Essa identificação decorre dos elementos colhidos nas sucessivas escavações e sondagens que tiveram lugar entre 1964 e 1970, dirigidas, por D. Domingos de Pinho Brandão, Con. Arlindo da Cunha, Con. Dr. Luciano dos Santos e J. J. Rigaud de Sousa e em que também colaboraram os então estudantes Maria de la Salette da Ponte, Manuel Real e Eduardo Oliveira, além de outros.

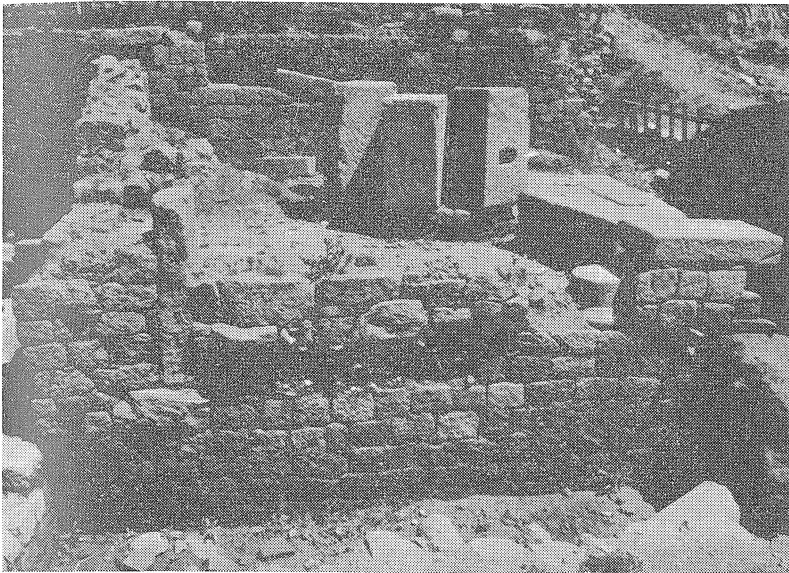


Fig. 3 — Pátio com o poço antes da descoberta do legado, vendo-se já a base da coluna no meio de alterações posteriores.

A atenção dos investigadores para as ruínas da Bracara Augusta foi despertada, um tanto tardiamente, com a abertura da R. Santos da Cunha que cortava a Cidade de Cima. Em 1964 devido à referida abertura começaram a aparecer numerosos restos da cidade romana com predominância para abundantes elementos cerâmicos que iam desde a cerâmica

comum à terra sigillata de todas as épocas, numa quantidade tal que devia ter despertado a atenção. Nesse mesmo local devia ter existido um forno cerâmico, segundo o relato do Con. Arlindo Cunha (1).

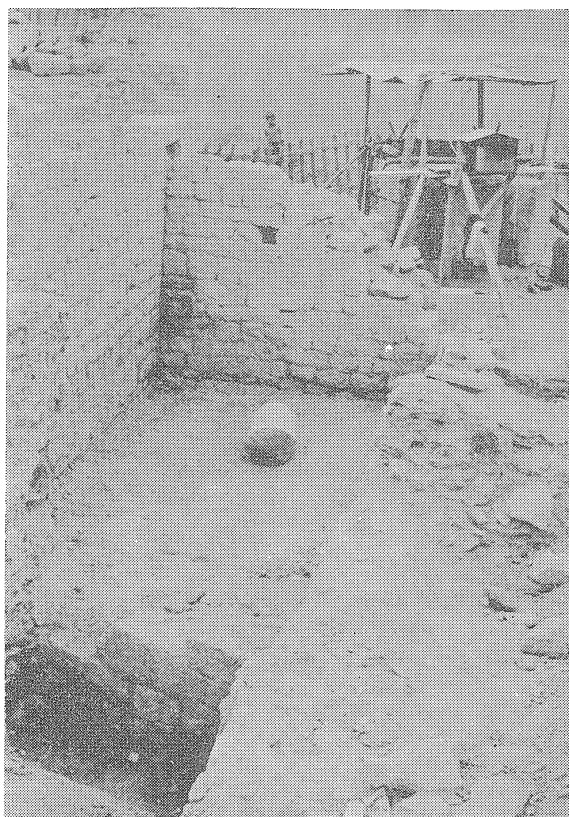


Fig. 4 — Grandes muros ainda existentes. Fotografia tirada na altura da desobstrução do poço.

Dois anos depois e devido à construção do edifício que hoje ocupa o ângulo este das ruas Santos da Cunha e Pero

(1) Artigos em «Correio do Minho», diário bracarense, de 5-11-1964 a 13-11-1964.

Magalhães Gandavo são postas a descoberto uma série de paredes que formavam compartimentos rectangulares, com a excepção de um deles e cujo paramento, ao contrário de todas as outras então aparecidas, era formado por fiadas de pedra irregulares, com excepção do primeiro contando a partir do SE. Este tinha a particularidade de ter o pavimento forrado por ladrilhos cuja superfície era percorrida por profundos sulcos que descreviam figuras mais ou menos espiraladas e estavam recobertos por barro virgem muito fino e depurado (1). Analisado este, nos laboratórios do Fundo de Fomento Mineiro, veio a verificar-se que provinha das barreiras da freguesia de S. Romão da Ucha (Prado), situadas a 14 quilómetros da cidade e muito perto da via que ligava Bracara a Tude (4 quilómetros), enquanto que o mesmo laboratório verificava que o barro que foi usado no fabrico do molde não provinha de zona próxima de Braga (2).

Em 1969 tentou-se obter mais elementos neste local, mas em vão porque os cortes e desaterros levados a efeito para abertura da rua e construção do prédio retiraram toda a camada arqueológica que aí existira.

Devido a tal continuou-se a prospecção 50 metros a NO da anterior, na rua Pêro M. Gandavo, pelo facto de aí terem aparecido diversos elementos (fuste de coluna, canalização de água, de barro, etc.) aquando da construção de uma outra casa.

Feitas as primeiras sondagens logo se verificou a necessidade de uma escavação sistemática dado a importância dos factores recolhidos, o que se praticou logo nesse mesmo ano e no seguinte.

Foi posto a descoberto um átrio lageado no centro do qual existia um profundo poço, que se teve de desentulhar. O átrio era delimitado a SO por um muro de suporte que sustentava a superfície da construção enquanto do lado contrário havia outro muro de suporte que continha as terras em nível superior (o terreno natural era em declive NO-SO). Este

(1) Ver nota 2.

(2) Ver nota 2.

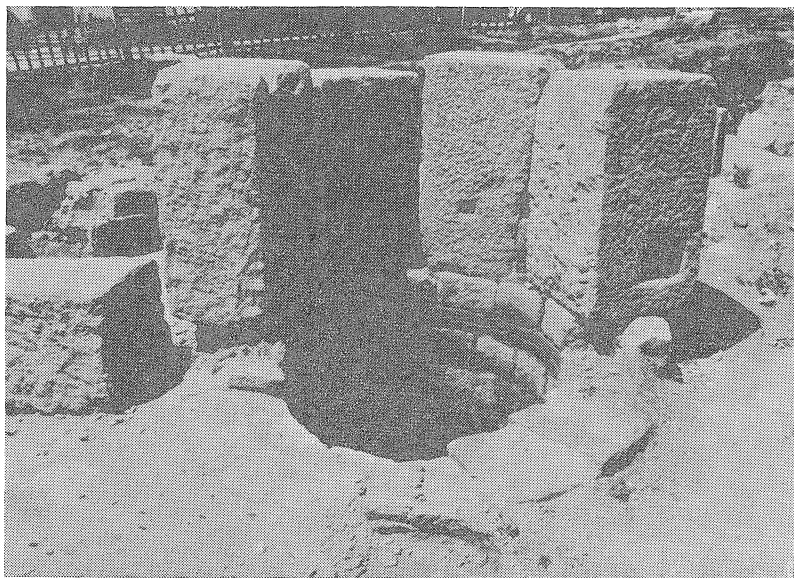


Fig. 5 — Aspecto do poço. Notar a sucessão de fiadas de pedra e duplas fiadas de tijolo

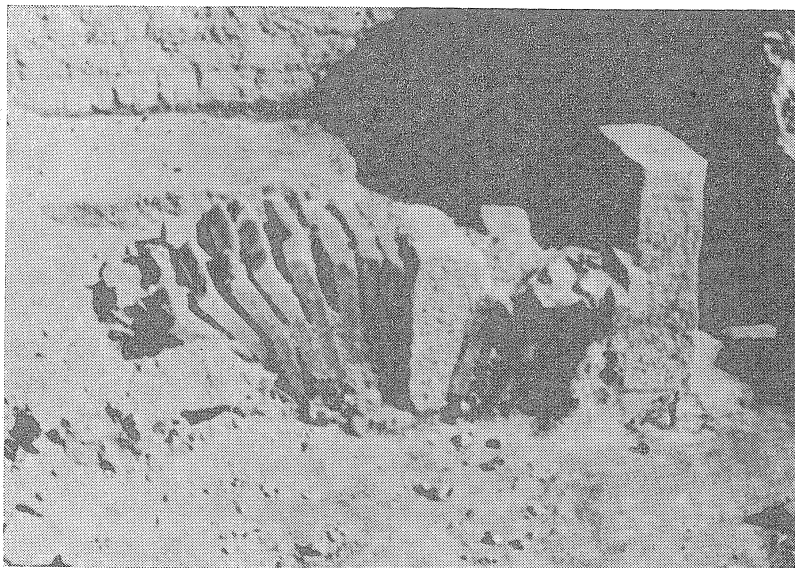


Fig. 6 — Arco, que «escorregou» pelos seus encostos.

segundo muro no entanto estava separado do átrio por um espaço de 0,90 e este era desse, lado delimitado por uma outra parede paralela ao muro de suporte. Nos dois outros lados da quadra encontravam-se duas outras paredes, se bem que de uma delas na altura da escavação já só existissem vestígios.

Voltando ao muro SO temos de acrescentar que ele servia de base a duas colunas encontrando-se ainda no local as respectivas bases e tombado ao lado de uma delas um fuste. Além disso há que referir que este muro foi em época posterior alteado ficando assim as bases incluídas nesse alteamento (Fig. 3). A uma construção de boa qualidade sucedeu uma de má, formada de pedras mal aparelhadas e fragmentos de tijolo.

No ângulo N deste átrio encontrou-se um arco de aduelas de tijolo e fecho de pedra com todos os seus elementos no seu sítio, só que abateu como se tivesse escorregado entre os seus encostos, por lhe ter faltado a sustentação. Não se encontrou qualquer explicação para tal facto, até porque não existiam vestígios dos apoios e de um dos lados faltava-lhe inclusivé o encosto.

No centro do átrio situava-se o referido poço em 9,70 m, de profundidade e um m de diâmetro. O seu rebordo sobressaía do nível do átrio 0,30 m ou seja uma fiada de pedra de espessura igual a 0,40 m e idêntica às paredes que delimitavam o átrio. O poço, redondo, era forrado de blocos de pedra e entre cada cinco fiadas desses blocs havia uma série de três fiadas de tijolos (anos mais tarde numa escavação em que colaborou o nosso Amigo Alain Traney, professor na Universidade de Poitiers, estudou-se um grande muro em que foi utilizada a mesma técnica de construção). No meio de cada uma dessas fiadas de tijolo os construtores deixaram ficar dois orifícios um em frente ao outro, de 0,30 m de alto por 0,20 m de comprido. Essas cavidades poderiam ter servido como uma espécie de escada que permitia descer ao fundo, ou como apoio de andaimes durante a construção. O veio da água era extremamente forte e o seu nível subiu logo que tirado o entulho (terra, pedras tendo misturada massa de vidro fundido de cor

verde gelo). Igualmente em época posterior foram colocados sobre o seu rebordo grandes pedras talhadas em forma de paralelepípedo (0,90 m × 0,42 m × 0,42 m).

Anexo ao átrio e a NO existia um compartimento cujo acesso a SO se fazia sob um arco que, inicialmente, assentara sobre uma coluna e uma pedra de umbreira. Esse arco tal como o anteriormente descrito também se encontrava pousado sobre o solo.

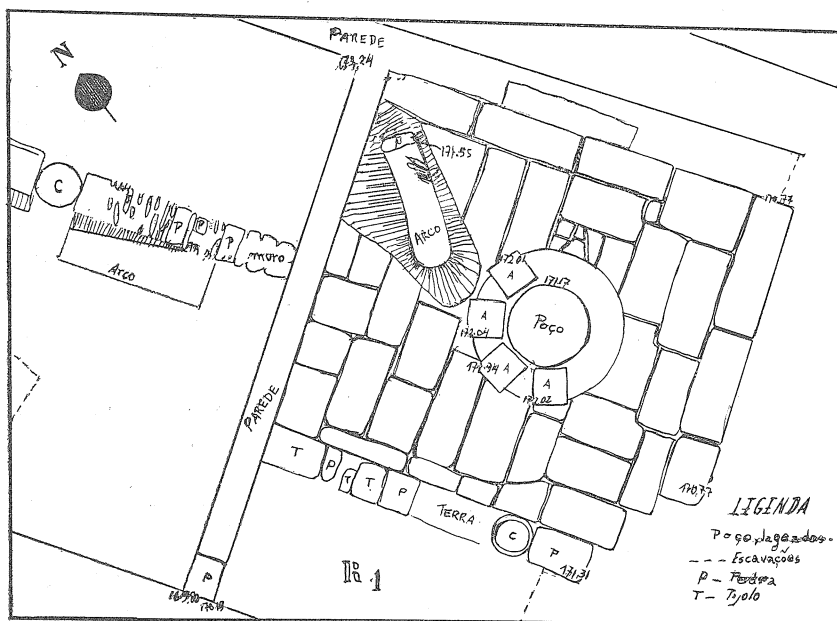


Fig. 7 — Plantado poço e lageado circundante.

Devido às várias vicissitudes que vem sofrendo o Museu D. Diogo de Sousa, onde recolheu quase todo o espólio dos compartimentos escavados deste edifício, torna-se actualmente, praticamente impossível fazer o seu estudo. Exceptuando-se, só, parte das cerâmicas finas constituídas na sua maioria pelas sigillatas. Além de alguns fragmentos de cerâmica cinzenta, de um de «paredes finas» foram encontrados bastantes frag-

mentos de «cerâmica bracarense» ⁽¹⁾ sendo predominantes as formas Drag. 29, 24/25, 35/36 e Mesquiriz 4/5. Na sigillata exceptuando um fragmento de itálica Drag. 15/17 e de outro de sudgálica Drag. 30 é toda constituída por sigillata hispânica de todas as épocas sendo predominantes as formas Drag. 37, 29, 24/25, 39 e Mesquiriz 4/5 num curioso paralelo com as formas da «cerâmica bracarense». Os vidros apareceram muito fragmentados, sendo impossível a sua classificação; serão na sua maior parte datáveis do séc. IV; os fragmentos do séc. I foram de pequena quantidade mas por razões do «progresso» da cidade não nos foi possível escavar os níveis inferiores, nem debaixo do átrio lageado o que nos permitiria uma visão mais correcta de todo o conjunto que foi destruído em 1971 para a construção de mais uma incaracterística e deprimente «moradia».

Estaríamos portanto pelo tipo de construção e pelos materiais encontrados perante uma edificação do séc. I-II, com posteriores reaproveitamentos.

CONCLUSÃO

Supomos que reunindo todos estes elementos podemos afirmar que neste local de Bracara Augusta foi exercida a actividade de olaria.

Assim através dos poços teria sido obtida a indispensável água ⁽²⁾; a série de quadras que se lhe seguiam seriam tanques de decantação com relevo especial para aquela que era ladrilhada e cujos ladrilhos ainda estavam cobertos de barro.

⁽¹⁾ Sobre esta cerâmica ver os artigos citados na nota 4.

⁽²⁾ Não era este poço a única fonte de água da zona pois no artigo do jornal «Correio do Minho» de 13-11-1964 e referindo-se a uma zona distante deste poço cerca de 20 metros para sul, Arlindo R. da Cunha diz, «No mesmo sítio, ao abrirem-se os alicerces para uma casa, apareceu um cisterna circular... É revestida de pedras perfeitamente iguais e distostas segundo o sistema de «opus incertum».

A estes elementos acrescentamos a existência de um possível forno, próximo da Av. da Imaculada Conceição.

Por outro lado também é significativo que além da grande quantidade de fragmentos de vasilhas de toda a espécie aqui também foram achados os dois fragmentos de moldes de lucernas ⁽¹⁾. Contudo atendendo a que a cerâmica de importação também apareceu em abundância igualmente nos parece lícito afirmar que além de fabrico aí também se praticava o comércio de produtos importados.

Finalmente, não queremos deixar de, referir que nesta zona se devem também ter fabricado vidros, pois nas escavações em que tomaram parte D. Domingos de Pinho Brandão e um dos signatários (R. S.) em 1966, foi encontrado um tijolo que deve ter pertencido a um forno de vidraria (uma das faces estava como que vidrada e a outra tinha aderente escória de vidro verde gelo) além da grande quantidade de escória de vidro achada.

Esta sondagem teve lugar no topo nascente da R. Santos da Cunha. Também do entulho no poço além da escória a que já fizemos referência apareceu um fragmento de tijolo com pedaços de vidro de arestas cortantes aderentes, semelhante ao atrás referido.

Abril, 1977.

JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA *

EDUARDO ALBERTO PIRES DE OLIVEIRA **

(*) Rua D. Jerónimo de Azevedo, 9 — 4200 Porto.

(**) Avenida da Liberdade, 319 - 1.º Dt. — Braga.

⁽¹⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Necrópole Galaico-Romana de Vila do Conde*, Revista da Faculdade de Letras — Série de História, vol. IV-V, Porto, 1973/74, aventa a hipótese de LUCRETIUS ter fabricado lucernas em Braga. Essa hipótese sofre agora maior consolidação pois nas escavações de Braga deste ano de 1976 foram já encontradas 3 lucernas com a sua marca.

O Jogo da Cabra Cega

Os jogos, no Nordeste Trasmontano (como as danças, teatro popular, etc.) eram uma constante da vida dos jovens e adultos, sobretudo nos domingos e tempos de ócio (bem poucos!) durante a semana. Mas os sofisticados divertimentos que os Mass Media, sobretudo a televisão, têm «despejado» nestas terras nordestinas muito abastardaram o modo de ser e viver desta gente (inserida numa sociedade rural), apesar da sua tenaz resistência, que se dá «... apenas na medida, como diz Lopes Graça, a propósito da música popular, em que ainda corresponde a necessidades sentidas colectivamente».

Louvamos por isso aqueles (poucos) que, a nível de Nordeste, apesar de, por vezes, pouco apoiados, algo têm feito (e bem), nos últimos tempos, no sentido de ressuscitar a maior parte dos jogos trasmontanos, alguns já um pouco esquecidos.

E, neste campo, dos jogos populares, assim como no da música popular, danças etc., há que louvar entre outros, o Dr. António Cabral e seus colaboradores que, através do CCRVR ⁽¹⁾ têm feito obra digna de se assinalar, Fernando Lopes Graça, Michel Giacometti, o P.^o Mourinho e o Prof. Doutor Santos Júnior.

Mas em que consiste o JOGO DA CABRA CEGA?

Era um jogo muito praticado no concelho de Torre de Moncorvo, e creio que ainda hoje, com pequenas variantes de freguesia para freguesia.

Neste jogo podiam entrar rapazes ou raparigas, em qualquer número.

O lugar escolhido para este jogo era, geralmente, um «lugar pouco transitado e sem buracos para que o rapaz (ou rapariga) com os olhos vendados não caísse».

(1) Centro Cultural Regional de Vila Real.

Os intervenientes formavam uma roda e escolhiam, então, o Cabra Cega da seguinte maneira.

Um dos do grupo dizia, batendo com a mão no peito ou na cabeça dos participantes:

— Um, dó, li, tá quem está livre, livre está.

O que fosse tocado, ao dizer a última palavra — «está», já não fazia o papel de Cabra Cega.

Esta lengalenga repetia-se (uma, duas três vezes...) até só já estarem dois na roda. Destes seria Cabra Cega o que não fosse tocado ao pronunciar a palavra «está».

Ao Cabra Cega eram então vendados os olhos com um lenço. Este, depois de bem tapados os olhos, colocava-se no meio da roda.

Então um dos da roda perguntava-lhe:

— Cabra Cega, donde vens?

Ele respondia:

— Venho de Mirandela.

— O que te lá deram?

— Deram-me pão e canela.

Outro da roda perguntava:

— Dás-me dela?

Ele respondia:

— Não. É para mim e para minha donzela.

Mas o diálogo ⁽¹⁾, também, podia ser este:

— Cabra Cega, donde vens?

E ele respondia:

— Venho do «Castelo» ⁽²⁾.

E outro perguntava:

— O que perdeste lá?

— Uma agulha.

— Fina ou grossa?

— Grossa.

(1) Em Torre de Moncorvo.

(2) Referia-se ao largo onde se ergue, presentemente, o edificio da Câmara Municipal da Torre de Moncorvo, conhecido pelo nome de «Castelo» e no qual, outrora, se fazia este jogo.

Então, todos os da roda gritavam:

— Busca, busca, Cabra Cega.

Nesta altura, o Cabra Cega fugia tentando agarrar um dos da roda. Logo que agarrasse algum, outro, que não o «agarrado», perguntava à Cabra Cega:

— Quem tens à tua frente?

Se ele conseguisse adivinhar, então o que foi agarrado passaria a ser o Cabra Cega. Se não adivinhasse, continuaria o mesmo o desempenhar o papel de Cabra Cega, iniciando, novamente o jogo, até conseguir agarrar e identificar um dos jogadores. Estes procuravam deixar-se agarrar, não se afastando muito da Cabra Cega ou até quase se lhe entregando.

Também, os da roda podiam não fugir e então o Cabra Cega agarrava um qualquer e perguntava-lhe:

— Como faz o gato?

E ele respondia:

— Miau, miau, miau.

— E o cachorro?

— Béu, béu.

Então o Cabra Cega dizia:

— Este é o Joaquim.

E se acertasse, o Joaquim passaria a ser o Cabra Cega. Se não acertasse continuava a ser o Cabra Cega.

Cabra Cega provocava quase sempre hilaridade nos participantes e assistentes «pelos tombos que dava» ao tentar agarrar alguns jogadores, pelos apalpões que dava (quando agarrava algum), no sentido de, através do rosto, cabelos, roupa, etc.; tentar identificar o «agarrado» e pelos enganos cometidos nessa identificação.

Moncorvo
Julho 1982

JOAQUIM MANUEL REBELO *

* Internato Francisco Meireles — 5160 Moncorvo

Para sortear «quem fica» nos jogos infantis

Consoante as idades, e mesmo consoante o sexo, assim há jogos que as crianças preferem a outros. Há quadras do ano em que determinados jogos são os preferidos e é curioso registar que, em certos casos, há uma, por assim dizer, periodicidade na sucessão dos jogos. No que respeita por exemplo ao jogo do pião, na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, no tempo em que ali frequentei a escola primária 1907-1910, a quadra própria, fora da qual raramente se jogava, era, no outono, especialmente, nos meses de Setembro e Outubro.

Nos arredores do Porto e nos concelhos trasmontanos de Mogadouro e Moncorvo, desde há muitos anos que venho recolhendo notas e apontamentos dos jogos com que rapazes e raparigas matam o tempo, brincando, rindo e pinchando à farta.

No meu trabalho *Lenga-lengas e jogos infantis*, in «Trabalhos da Sociedade de Antropologia», Vol. VIII, Porto, 1937-1938, págs. 317-361, estudei, mais ou menos pormenorizadamente 16 jogos infantis, quase todos nas modalidades do leste trasmontano, especialmente dos concelhos de Moncorvo e de Mogadouro.

Nesse trabalho dou conta de alguns aspectos da fase inicial ou preparatória de certos jogos para apurar os que *ficam livres* e o que *há-de ficar*.

Retomo esse curioso aspecto de sortear *quem fica* quando, enquanto os outros, que ficaram livres, com toda a liberdade de movimentos, cumprem os preceitos inerentes a cada jogo.

Sempre que se organiza um jogo, ou os que nele tomam parte se dividem em dois grupos, ou então há um participante que *terá de ficar quêdo*, com a indesejada missão de correr a agarrar os outros. Isto sucede p. ex. no *jogo das escondidas* ou do *esconde-esconde*, em que um fica de esculca no *coito* enquanto os outros se vão esconder.

Esse que *há-de ficar* há-de ser sorteado entre todos.

Para isso, para se saber *quem fica*, há que fazer o apuramento daquele a quem competirá a tal missão que ninguém quer ter, e por isso todos anseiam ficar livres.

Há várias maneiras de fazer tal apuramento.

As mais das vezes tira-se à sorte.

Para isso pode *dar-se a pedrinha*.

Esconde-se numa das mãos uma pequena pedra ou qualquer outro pequeno objecto. Esta manobra é feita atrás das costas. Depois, estendidas as mãos, fechadas em punho e com o dorso voltado para cima, um dos que jogam, escolhe, por palpite, a mão que imagina vazia e dá-lhe uma sapatada. Se acerta na mão vazia, fica livre; se pelo contrário calha bater na mão da pedra, o que a dava está livre, e cabe agora a vez a este de dar a pedra a outro. O primeiro a dar a pedra é o que tem mais probabilidades de ficar livre. Por isso, enquanto se combina o jogo, o mais ladino, mal a combinação está feita, grita num pronto:

Pedrinha, minha madrinha

Já cá está há três dias. (Águas Santas — Maia).

É este, pois, o que dará a pedra em primeiro lugar, e portanto mais probabilidades tem de ficar livre.

São poucos os rapazes que, afoitamente, escolhem, por palpite, uma das mãos e lhe dão imediatamente a palmada característica da escolha. A maioria prefere acompanhar essa escolha com uma lenga-lenga, batendo ora numa ora noutra mão, até que, ao findar, estala a sapatada indicadora da escolha.

Eis algumas dessas lenga-lengas ⁽¹⁾:

Navalhinha pintadinha,	Minha mãe mandou-me à mestra
Rabo de boi, rabo de bêsta,	Aprender o <i>bi-á-bá</i> .
Disse o meu pai	Minha mestra me ensinou,
Que estava <i>nêsta</i> .	Quero esta que aqui está.
(Moncorvo).	(Águas Santas — Maia).

Pode ainda o que está a tentar a sorte da escolha franzir, com a mão, a testa do que está a dar a pedra e perguntar-lhe:

— Quantos figos tem a figueira?

O número respondido é o número de palmadas a dar alternadamente numa e noutra mão. A última, é claro, é sempre mais puxada. (Também de Águas Santas).

Outras muitas lenga-lengas usam os rapazes para seleccionar, dentre todos, aquele que *há-de ficar*.

Uma usada especialmente no jogo das escondidas:

Os pretinhos da Guiné
Foram-se lavar ao mar,
Encontraram água suja.
Tornaram-se a *relatar*. (Águas Santas — Maia).

O que diz a lenga-lenga, ao mesmo tempo que a pronuncia, vai passando a mão pelas cabeças dos que vão jogar, todos sentados em roda. Aqueles a quem calha o *relatar*, ficam livres e vão saindo.

De modo semelhante procedem com est'outras lenga-lengas, em que *fica livre* aquele a quem cair o *tá* final.

Um, dó, li, tá,	Um, dó, li, tá,
Era di-mendá,	Cara d'amendoá
Picareta florêta,	Um segredo clorêdo
Um, dó, li, tá, (Águas Santas — Maia).	Um, dó, li, tá, (Aveiro).

Nas lenga-lengas há que entrar uma palavra a rimar com a palavra final que decide a escolha.

(¹) Indico a localidade onde colhi cada uma das lenga-lengas, o que não significa estar o seu uso circunscrito à terra indicada; muitas das lenga-lengas que menciono têm larga difusão. Algumas, em ligeiras variantes, são comuns em muitas outras terras do país.

Veja-se a seguinte:

Cesta rabesta
 No cabo da cêsta.
 Disse o meu pai
 Que estava nêsta. (Felgueiras).

Mais duas de Águas Santas, concelho da Maia, tocando em sequência os jogadores postos em fila.

Pim, pam, pum,
 A galinha e o pirú.
 Eu estou livre.
 Quem fica és tu.

Pim, pam, pum,
 Cada bola mata um.
 P'rá galinha e pr'ó pirú.
 Quem se livra
 És mesmo tu.

Ou ainda esta outra:

Um, dois, três, quatro.
 Quantos pêlos tem o gato?
 P'ra acabar de nascer...
 Um, dois, três, quatro. (Moncorvo).

Algumas vezes, para proceder à escolha, os que jogam estendem as mãos, e o que manda o jogo faz essa escolha tocando sucessivamente as mãos de cada um dizendo:

A galinha da papoila (outras vezes dizem *papôna*).
 Põe os ovos à manada.
 Põe um, põe dois, põe três,
 Põe quatro, põe cinco, põe seis,
 Põe sete, põe oito,
 Arrecolhe o teu biscoito. (Águas Santas — Maia).

No *jogo das escondidas*, que os rapazes de Moncorvo costumam jogar no adro da igreja, um deles, que serve de *mesa*, vai passando a mão pelas cabeças dos rapazes postos em fila, de pé ou sentados nos bancos do adro, e vai dizendo:

Ronda ronda,
 Quiqueri bonda,
 Sola mironda,
 Fi flisconda.

Aquele a quem calha o *flisconda* sai, fica livre. Vão saindo sucessivamente, até ficarem só dois.

Então o da *mesa* repete o que disse para cada um dos outros, acrescentando.

Aqui passou el-rei D. Miguel,
Debaixo da ponte de S. Miguel,
Vem cá tu meu picharel,
Raza razão,
Ferelos a meio tostão,
Tão, tão, tão.

Dos dois últimos, aquele a quem calhou o *tão* final *fica livre* e vai esconder-se. O outro é o *que fica*; põe a cara no colo do da *mesa*, *fica a dormir*, dizem os rapazes, até se levantar à ordem da *mãe*.

Poderá vir a servir de cavalo àqueles a que, a pedido da *mãe*, não indicar os sítios onde estariam escondidos.

Se adivinha, isto é, se acerta com o sítio onde se escondeu determinado companheiro, a *mãe* diz: — Sai fulano que não tens cavalo. Se não acerta, a mãe dirá — Sai fulano que tens cavalo.

À amabilidade do amigo Dr. Tito Lívio dos Santos Mota, de quem fui condiscípulo na velha Faculdade de Letras do Porto, devo a variante que segue, remeniscência da sua infância passada no Porto:

Ronda ronda,
Quiqueri bonda,
São Lourenço
Filipe te esconda.

Na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos concelho de Mogadouro, no jogo das escondidas procedem de maneira semelhante. A lenga-lenga é contudo diferente. Ei-la:

Rou rou,
Pinacrou,
Sai-te à ronda,
Feliz feliz-conda.

O *que fica* vai a *escorpichar* os outros. Quando vê algum, diz imediatamente: *Escorpicha*.

E grita em seguida para todos ouvirem.

Sai *saleiro* que já há quem *dórma*.

Todos os que entram no jogp saem dos seus esconderijos e agora *fica* o que foi *escorpichado*.

CONCLUSÕES

Os jogos infantis são factor altamente educativo pelo cumprimento dos preceitos ou regras de cada jogo, o que cria o espírito de disciplina e em muitos casos o sentido da cooperação.

Também por meio dos jogos preferidos e até como a criança os realiza, podemos inferir das suas qualidades, podendo ajuizar do seu temperamento.

Veja-se, p. ex. o que sucede quando se *dá a pedrinha* para na preparação do jogo, se tirar à sorte o que *há-de ficar*.

São raros os que afoitamente, e de pronto, batem na mão que lhes palpita vazia.

O corrente é, como atrás se disse, servirem-se de especial lenga-lenga.

Qual a razão?

Será porque a lenga-lenga, mais ou menos demorada a pronunciar, lhes dá, por assim dizer, um pouco de tempo para a preparação justificativa do palpite?

Será, como já algumas vezes tenho ouvido, para no caso de insucesso, atribuirem a culpa, não a si mesmos, por engano de escolha, mas à insuficiência da lenga-lenga escolhida?

Será enfim pelo prazer da rima?

Na verdade há lenga-lengas para cuja preferência pelas crianças não se encontra outra explicação a não ser o prazer da rima.

Várias considerações se podiam fazer quanto à natureza, significado, e estrutura das lenga-lengas e do emprego de

algumas palavras, mais ou menos exprobadas na linguagem corrente, e que as próprias crianças costumam marcar com a designação de *palavras feias*, que no entanto são ditas com toda a sem-cerimónia e o menor reбуço.

A mesma licenciosidade de linguagem se observa no lançamento dos dentes de leite para trás das costas e para cima do forno, que referi no meu trabalho *Nótula sobre o arremesso dos dentes de leite*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. V, Porto, 1932, págs. 363-368, em que puz em realce o carácter cuprolático da lenga-lenga com que as crianças acompanham o lançamento do dentinho de leite para determinado sítio, no norte do país geralmente para cima do forno.

O encadeamento rítmico de muitas lenga-lengas é particularmente interessante. Esse encadeamento, facilitando a sua fixação, é um esplêndido auxiliar da memória, que as crianças vão exercitando sem disso darem conta.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
15 de Agosto de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR (*)

Membre titulaire da Société d'Etnographie de Paris
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Prémio Europeu de Arte Folclórica
concedido ao
Grupo dos Pauliteiros de Miranda do Douro

Em 13/3/81 pela Fundação F. V. S., de Hamburgo foi atribuído ao *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas — Pauliteiros de Miranda*, o Prémio Europeu de Arte Folclórica, festa a que não pude assistir, mau grado meu.

No dia 22 de Julho de 1981, o Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda), em sua própria aldeia mirandesa, festivamente engalanada com bandeiras, colgaduras e colchas regionais em um amplo tabolado, recebeu o *Prémio Europeu de Arte Folclórica — 1981*, que havia 4 meses lhe fôra atribuído pelo Júri Internacional da Fundação F. V. S. de Hamburgo.

Para o efeito deslocou-se de Hamburgo a Duas Igrejas uma embaixada da referida Fundação cultural alemã, composta pelo Prof. Rolf Wilielm Brednich, membro do Júri Internacional da Fundação, pela Senhora Dr.^a Lore Teopfner, pelo Cônsul Geral da Alemanha Federal no Porto, em representação oficial da Embaixada Alemã em Lisboa, o Secretário de Estado da Cultura Dr. Brás Teixeira, a Secretária de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas, Sr.^a Dr.^a D. Maria Manuela Aguiar, o Rev.^{mo} Bispo de Bragança e Miranda, D. António J. Rafael, o Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, outros presidentes das câmaras Municipais dos concelhos vizinhos e mais autoridades civis e militares.

Naquele acto foi exaltado o Grupo Folclórico Mirandês, e ao mesmo tempo prestada justa homenagem ao seu fundador, impulsionador e director, P.^o Dr. António Maria Mourinho, com quem tive o prazer espiritual de colaborar na colheita de dados em vários trabalhos de campo de Etnografia e Arqueologia,

bem como na publicação em conjunto de vários estudos, nomeadamente de danças populares trasmontanas.

No acto da entrega do diploma, da medalha e do subsídio concedido, foram pronunciados os dois discursos que agora se publicam. O importante discurso do Prof. Dr. Rolf W. Brednich põe em justo realce o papel do Grupo Folclórico de Duas Igrejas, na comemoração e divulgação do Folclore Mirandês e em especial a dança dos Pauliteiros, enquadrada na origem das danças de Espadas indo-europeia e de importância para a história do folclore europeu. (S. J.).

Discours en l'honneur du «Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas» Pauliteiros de Miranda, par le Prof. Dr. Rolf Wilhelm Brednich, membre du jury international.

Mesdames, Messieurs, Monseigneur Mourinho, chers Membres du groupe «Pauliteiros de Miranda».

Depuis 1973, la Fondation F. V. S. de Hambourg décerne régulièrement le Prix Européen d'Art Folklorique aux personnes et associations qui, en dehors de leur activité professionnelle, se sont distingués pour la conservation et le développement du patrimoine de leur pays, sa musique, sa danse, ses costumes, ses coutumes, son art. Depuis longtemps déjà, le jury international avait l'intention d'attribuer ce prix à un lauréat portugais, Aujourd'hui, enfin, nous pouvons nous réunir dans ce coin du monde, en l'honneur du groupe Pauliteiros, couronné par le jury international.

Si loin que semble ce pays tout d'abord, les ethnologues européens l'on pourtant déjà découvert, il y a des générations, et ils nous ont montré les chemins qui mènent aux traditions conservées ici. Cette transmission du patrimoine a motivé le jury du Prix Européen d'Art Folklorique, de décorer le groupe Pauliteiros de Miranda, comme représentant du grand nombre

de groupes folkloriques portugais qui ont tant de succès. Nous nous trouvons ici dans une région de la civilisation européenne où s'offre à l'ethnologue l'occasion rare de nos jours, d'une rencontre avec la danse des épées, toujours vivante. Il ne s'agit pas d'une véritable danse des armes, car l'épée utilisée pour



Fig. 1 — O Prof. Dr. Rolf Wilhelm Brednich e a Dr.^a Lore Toepfer, delegados do júri internacional da Fundação F. V. S. de Hamburgo.

cette danse a été remplacée par un bâton qui est sans danger, et qui sert uniquement comme lien aux danseurs pour faire la chaîne. Pour cette raison, la recherche l'appelle aussi la danse des épées enchaînées, et elle peut fournir la preuve que

cette forme de danse st répandue dans une grande partie de l'Europe, depuis l'Angleterre et les pays skandinaves, en passant par le centre de l'Europe, jusqu'en Tchécoslovaquie, Jugosvie,, Italie, Espagne et justement au Portugal. La plus ancienne preuve documentaire de l'existence d'une telle danse des armes se trouve dans la «Germania» de Tacite. Nous ne savons pas si ce type de danse a jamais possédé une signification culturelle,



Fig. 2 — A Doutora Lore Toepfer entrega a medalha do Prémio Europeu de Arte Popular — 1981, ao Director do Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas — P.º António Mourinho.

dès son origine, ou s'il a plutôt, dès le début, eu la fonction de représentation. Le comble de toutes ces danses, c'est toujours la formation d'une figure qu'on appelle la rose: les danseurs forment un cercle et croisent leurs épées de façon qu'ils puissent porter leur premier danseur au-dessus de leurs têtes. Cet élément de dans se trouve aussi dans la danse à Miranda, riche en figures.

Dans la recherche de la danse, ce fut Violet Alfort qui parla la première fois de l'existence de la danse des épées au nord-est du Portugal, où elle l'a connue lors d'une visite dans la province Traz os Montes. Son récit apparut dans le journal «Folklore» à Londres, en 1933. Violet Alfort donne une description détaillée de la danse des épées, et elle la compare avec les danses «Morris» anglaises, avec lesquelles la danse portugaise a une grande ressemblance. Dans sa grande monographie sur la danse des épées, apparue en 1936, Richard Wolfram a publié une photographie de la danse des Pauliteiros.



Fig. 3 — Verso e anverso da Medalha do Prémio Europeu de arte popular — 1981.

Il paraît que la tradition locale a été interrompue, pour peu de temps, jusqu'en 1945, où le directeur actuel du groupe, l'ethnographe le Père Dr. António Mourinho, a saisi l'initiative d'un nouveau commencement. En 1965, le nouveau groupe pouvait fêter son 25^{ième} anniversaire, et aujourd'hui, les Pauliteiros cultivent avec succès leur activité culturelle et artistique depuis 35 ans. Et ils sont toujours sous la direction de leur soucieux et savant Padre qui a fait connaître son groupe au-delà des frontières portugaises. Par exemple, les Pauliteiros ont été à Dortmund, en R. F. A., en 1974, et le voyage le plus lointain jusqu'à maintenant, les a emmenés à Washington, Phi-

ladelphia, New York et d'autres villes des Etats Unis, à l'occasion des fêtes du bicentennial américain, en 1976. Le groupe a aussi prouvé ses facultés exceptionnelles dans plusieurs films, depuis 1972. Les succès de l'ensemble ont même été augmentés, ces derniers temps, car il ne s'adonne plus seulement à la danse des épées transmise, mais il a élargi son répertoire par des danses et chansons folkloriques, provenant du nord du Portugal. De plus, le groupe cultive la musique folklorique régionale et maintient en vie ses instruments traditionnels, comme la cornemuse (gaita de fole), les tambours (caixa et bombo), la flûte pastorale (flauta pastoril), les castagnettes (castanholas), le cor (conchas), et les différentes sortes du tambourin (pandeiros et pandeiretas). Ainsi, les Pauliteiros ont apporté une contribution très importante au folklore de leur pays ce qui doit être honoré par le décernement du prix Européen d'Art Folklorique. En même temps, la Fondation F. V. S. de Hambourg veut encourager le lauréat de continuer sur ce chemin choisi avec succès, où le folklore se comprend comme une langue internationale des peuples. Cette aspiration à une entente des peuples se trouve aussi dans la définition du groupe: «O Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas seja um Grupo Folclórico de três Continentes: Europa África et América, apenas mantendo a tradição fiel em todos os seus elementos constitutivos: no canto, na dança, nos trajos e adornos, como fazendo parte notável da cultura e do património cultural português».

Au nom du jury international, je félicite cordialement le groupe des «Pauliteiros» et son directeur, le Padre Mourinho, pour le prix, et je proclame le texte du diplôme par lequel la Fondation F. V. S. de Hambourg honore le lauréat:

DIPLÔME

Le jury international a décidé de décerner le Prix Européen d'Art Folklorique pour l'année 1981 au Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas — Pauliteiros de Miranda — Portugal.

Ce prix est attribué par la Fondation F. V. S. de Hambourg, pour des efforts exemplaires, ayant pour but de conserver et développer l'art folklorique. Le jury honore ainsi l'activité exemplaire du groupe, dirigé avec tant de mérite par le Padre António M. Mourinho, pour la conservation et la culture du patrimoine de la danse masculine au nord du Portugal, qui fait partie de la tradition européenne des danses des épées. La transmission de cette danse à laquelle se voue le groupe lauréat ne sert pas seulement à l'enrichissement du patrimoine de son pays, de nos jours et désormais, mais aussi à l'épanouissement d'une tradition toujours vivante et d'une particularité exceptionnelle.

Ce diplôme porte la date du jour de la remise solennelle du prix, Miranda-do-Douro, le 12 juillet 1981.

(Dr. Robert Wildhaber)

Président du jury

Discurso do P.º Dr. António Mourinho:

Ex.^{mo} Senhor Consul Geral. da Alemanha no Porto.

Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor Rolf-Wilh. Brednich digníssimo representante do Instituto F. V. S. e Alto Conservador do Arquivo da Canção Popular Alemã.

Ex.^{ma} Senhora Dr.^a Lore Toepfer do instituto F. V. S.

Ex.^{mo} Senhor Secretário de Estado da Cultura.

Ex.^{ma} Senhora Secretária de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas.

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

As nossas humildes palavras são todas de agradecimento profundo pela vossa ilustríssima presença nesta aldeia rústica de Duas Igrejas, onde vindes consagrar séculos e talvez milénios de vida e de cultura expressa ainda no traje, no canto, na dança e num certo modo de viver que reflecte a alma funda das gerações da Terra de Miranda, sempre pastora e agricultora.

Viestes da nobre Alemanha incansável trabalhadora, estudiosa e amante desta cultura milenária que brotou das raízes e dos troncos e da melhor seiva física e cultural dos povos europeus.



Fig. 4 — O P.º Mourinho no acto de agradecimento à entidade alemã que conferiu o prémio e às entidades oficiais presentes.

E Vós, Senhores Secretários de Estado da Cultura e da Emigração e das Comunicações Portuguesas, vindes da Velha Lisboa, capital dos Portugueses, mestra e difusora de culturas, honrar com a Vossa ilustríssima presença esta velha aldeia de

Duas Igrejas, onde a cultura acompanha o homem aqui vivente, desde as mais remotas idades antes da escrita, mas onde os valores do espírito são ainda parte da vida.



Fig. 5—O Secretário de Estado da Cultura Dr. Bráz Teixeira felicita o P.^o Mourinho fundador e director do Grupo Folclórico de Duas Igrejas.

A todos vos agradecemos com as melhores galas fabricadas por nossas mãos e o nosso coração sincero e aberto.

Profundamente desvanecidos e satisfeitos nos confessamos pelo alto galardão que vindes trazer-nos com tão boa vontade, e como coroa e reconhecimento público e interna-

cional de quase quarenta anos de trabalho cultural realizado através de várias gerações, na recolha, fidelidade e espontaneidade de expressão, concervação e divulgação da nossa maneira de viver doméstico e campestre.

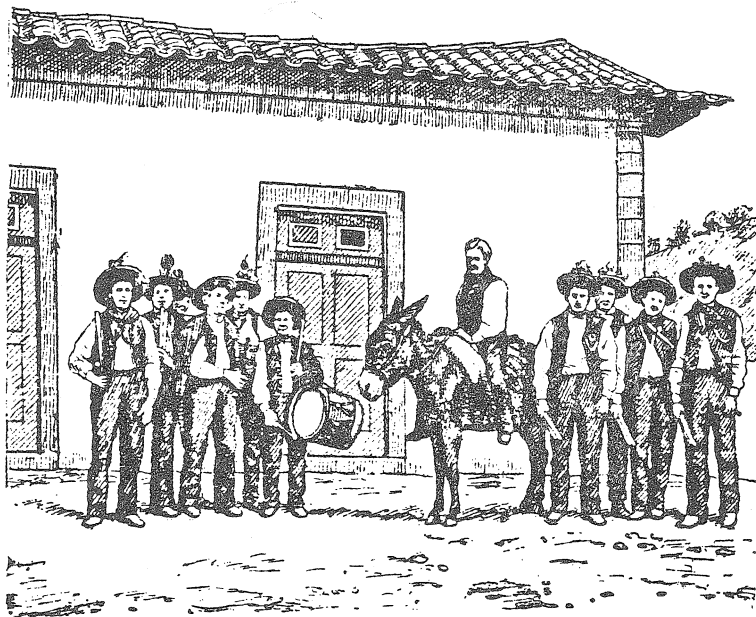


Fig. 6 — Gravura do Século passado — Os pauliteiros a pedir para a festa do verão. O Mordomo era clássico andar a cavalo na burra. É tirada do livro «*O Dialecto Mirandês*» de Albino Morais Ferreira — Lisboa, 1898.

Desejariamos evocar as comemorações da cidade de Miranda do Douro, no seu IV centenário, em 1945, quando este grupo nasceu; e, a seguir as grandes romagens e datas nacionais em que participou, sempre com honra e dignidade, quer em Portugal, quer no estrangeiro:—Lisboa, Porto, Braga Coimbra, Évora, Guarda, Aveiro, Bragança, Vila Real, Viana do Castelo, Algarve, Angola... — Madrid, Astúrias, Cáceres, Múrcia, Salamanca, Orense, Leon, Zamora, Dortmund e Berlim na

Vossa querida Alemenha, Lausana, na Suíça, Viena de Áustria, Paris... e o inolvidável «on Tour» de 1976, nos Estados Unidos da América do Norte, com Washington, Nova Irque, Filadélfia, Spingfield, Jacqsonville, Filadélfia e Fall River, comemorando o Bicentenário dessa Nação, com grupos de todo o Mundo.

Podemos alimentar o fogo sagrado na persistência e na verdade, e desta persistência, nasceram já o Grupo Folclórico Infantil da Escola Preparatória de D. João III e o Grupo de Danças Regionais Mirandesas da Esocla Secundária da cidade de Miranda do Douro. Dentro da mesma linha o Sr. Prof. José Ramos Campos organizou o Grupo Infantil de Sendim.

Daqui irradiaram componentes que foram animar grupos de Pauliteiros de Miranda, entre emigrantes trasmontanos em Buenos Aires, Argentina, em S. Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil, e em Toronto, no Canadá, onde actualmente fazem parte do Grupo de Pauliteiros do Clube trasmontano de Toronto quatro elementos que pertenceram a este Grupo de Duas Igrejas, os quais acabámos de visitar com alegria e saudade, mas plenos de vida e entusiasmo trasmontano, por graça da Excelentíssima Senhora Secretária de Estado da Emigração e das Comunidades aqui presente. Bem haja, Senhora, pela alegria e encorajamento que deu àquelas gentes!

Sozinhos aguentámos este fogo sagrado durante estes quase quarenta anos e agora, vemos com júbilo, que nas aldeias mirandesas começam a renascer os grupos de pauliteiros e as tradições folclóricas tradicionais, com mais ou menos acerto, mas sempre com boa vontade.

Senhor Secretário de Estado da Cultura, em Vossa Excelência está a nossa total confiança e as nossas esperanças, para a melhor conservação e expressão dos grandes valores culturais e da alma ancestral desta Terra de Miranda.

Senhor Professor Brednich e Senhora Dr.^a Lore Teopfer, para Vossas Excelências e para o Instituto F. V. S. de Hamburgo na sua magnanimidade em prol da cultura europeia, o nosso muito obrigado!

Senhor Cônsul Geral, para o Governo da Alemanha Federal que Vossa Excelência aqui representa, os nossos profundos agradecimentos!

Duas Igrejas — Mirando do Douro
12-Julho-1981

ANTÓNIO MARIA MOURINHO (*)

Lic. em História pela Fac. de Letras, da Universidade do Porto,
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

(*) Duas Igrejas — 5210 Miranda do Douro.

STUDENTS' ORGNIZING COMMITTEE

XIth International Congress of the International Union of Anthropological and Ethnological Sciences — (Phase I).
Department of Anthropology — Cité Universitaire Laval — Sainte-Foy
Québec, Canada GIK 7P4

Object: Student Participation in the Congress — June 11th, 1983

1. *The Congress*

Phase One of the XIth Congress of the I.U.A.E.S. will be held at the Université Laval from August 14th to 17th, 1983. The theme of this first part of the Congress will be «The Implications of Anthropology: Ideology, Theory and Practice».

2. *The Students' Symposium*

The Students' Committee will organize a symposium entitled: «The Forming of Anthropologists: The Students' Perspectives». This should be an occasion for the students to collectively consider their contributions and hopes in relation to their anthropological formation. Students interested in participating are invited to send proposals for sub-themes. By way of exam-

ples here are some possibilities: — Fieldwork and theoretical research — The teaching of anthropology in the «Third World» — Anthropology and non-academic life, etc.

3. *Procedures*

We have thought of three possibilities: the reading of papers, seminars and round tables.

4. *Participation*

Individual papers should be submitted to Prof. Bjorn Simonsen before December 31st, 1982. Furthermore, we strongly encourage people interested in participating to seminars round tables to contact the Committee without delay.

5. *Accommodation*

1. Participants will find rooms on the campus residences.
2. There is possibility of arranging lodging with the students of Université Laval.

Confident of strong and enthusiastic participation from their fellow students, the Students' Organizing Committee is looking forward your suggestions and encouragements.

The Students' Organizing Committee

Subsídios

Para 1982 foram concedidos à Sociedade Portuguesa de Antropologia, para actividades da Sociedade, em escavações nos Castros de Carvalhelhos, da Curalha, de Sabrosa e do Castelo do Mau Vizinho, para levantamento topográfico dos Castros da Curalha e de Sabrosa e para a publicação de trabalhos, em especial de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade, os seguintes subsídios.

Direcção-Geral do Ensino Superior (28-12-81)	450.000\$00
Fundação Calouste Gulbenkian (18-1-82)	100.000\$00
Câmara Municipal de Chaves (20 c. em 13-11-81 e 60 c. em 3-11-82)	80.000\$00
Pelo Instituto Português do Património Cultural para planta topográfica do Castro de Sa- brosa	30.000\$00
para planta topográfica do Castro da Curalha	30.000\$00

A todas as entidades que atenderam os pedidos de ajuda feitos para actividades da Sociedade, realização de trabalhos de campo e de gabinete, publicação deste 2.º fascículo do vol. 24 da nossa revista e sua distribuição pelos nossos sócios e cerca de 500 entidades nacionais e estrangeiras, com que mantemos permuta, são devidos agradecimentos que reconhecidamente lhes testemunhamos em nome da Sociedade Portuguesa de Antropologia e em meu nome pessoal.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Presidente da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia



LUTUOSA

Coronel Mário Cardoso

No passado mês de Junho faleceu com 93 anos, que completara em 1 de Março deste ano de 1982, o nosso consócio, ilustre vimaranense e consagrado arqueólogo Coronel Mário Cardoso.

Como militar foi brilhante a sua folha de serviço.

Tomou parte nas campanhas da África na guerra de 1914-1918, no sul de Angola em 1914-1915, e em Moçambique de 1916 a 1918.

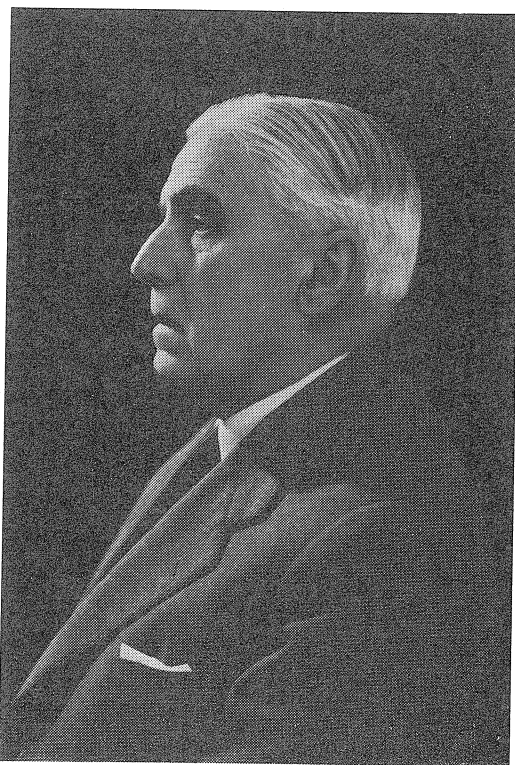
Durante a sua carreira militar foi distinguido com várias condecorações, e entre elas com a de Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz.

Em Junho de 1972 foi condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, imposta pelo Ministro da Educação Nacional, Prof. Veiga Simão.

Exerceu várias missões de comando. Foi comandante do Batalhão de Caçadores 3, em Chaves. A sua permanência naquela cidade trasmontana permitiu-lhe o estudo de vários materiais arqueológicos do Museu Municipal de Chaves, nomeadamente de lápides sepulcrais lusitano-romanas.

Mas foi como arqueólogo e como Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, que a sua actividade, como investigador no apaixonante campo da Arqueologia e como administrador da agremiação cultural que tem o nome do glorioso arqueólogo vimaranense Martins Sarmiento, que a sua actividade se exerceu brilhantemente. Foi notável a sua acção na reorganização dos seus museus e na publicação de trabalhos sobre alguns

dos raros espécimes neles conservados e nos três seguintes *Catálogos do Museu de Martins Sarmiento* — Secção de Etnografia — Secção de Arte — Secção de Epigrafia Latina e Escultura Antiga.



CORONEL MÁRIO CARDOSO

Fotografia cedida pela família

Foram muitos e cheios de interesse os trabalhos que publicou quer de arqueologia quer de etnografia, além de publicações de outras naturezas, que lhe conferem a justa qualidade de polígrafo meritório.

Na revista da nossa Sociedade de Antropologia publicou vários trabalhos e entre eles *La culture des Castros du Nord*

de Portugal, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Fasc. 3, Vol. XII, Porto, 1973, págs. 261-282, 8 Est. com 12 Figs., apresentado ao Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja realizado em Carvalhelhos (conc. de Boticas) de 4 a 11 de Outubro de 1972.

Como Presidente da Sociedade Martins Sarmento foi administrador zeloso do património da Sociedade que conservou íntegro.

A Citânia de Briteiro, monumento arqueológico de alto valor histórico e científico, de grande realce no património legado por Martins Sarmento, foi para Mário Cardoso motivo de desvelada atenção.

Na *Notícia descritiva — Citânia e Sabroso*, Mário Cardoso faz uma perfeita síntese dos mais flagrantes aspectos arqueológicos da *Citânia de Briteiros* e do *Castro de Sabroso*, com gravuras, desenhos, mapas e resumos em francês, inglês e alemão. Este livrinho é excelente guia para quem quizer visitar e apreciar aqueles dois afamados manumentos arqueológicos.

Foi sobretudo no âmbito dos estudos arqueológicos que a sua actividade se estendeu largamente.

A *Revista da Sociedade Martins Sarmento*, foi fundada em 1884. Sob a sua superior orientação, é hoje uma das mais notáveis revistas nacionais de arqueologia, não só pelo número dos seus volumes (está em publicação o volume 90) mas também pela ampla e valiosa colaboração de muitos, e dos mais distintos, arqueólogos nacionais e estrangeiros.

Não quero deixar de lembrar o grato convívio que, durante alguns anos, tivemos nas reuniões mensais, em Lisboa, da 1.^a Subsecção da 2.^a Secção da Junta Nacional de Educação, como vogais da mesma.

Nas apreciações e discussões, e muitas foram, sobre vários temas, os abordados nas reuniões, eram sempre oportunas e acertadas as considerações que fazia, sempre ouvidas atentamente.

Mercê do seu prestígio obteve da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian verba avultada para acabamento do edifício sede da Sociedade, que passou a dispor de instalações

modelares, o que permitiu que as colecções dos seus museus de arte, de etnografia e de arqueologia fossem convenientemente expostas.

Morreu o arqueólogo Mário Cardoso.

A Sociedade Martins Sarmiento perdeu o seu respeitado e admirado Preidente, que;
foi modelar administrador do património legado por Martins Sarmiento;
foi apaixonado estudioso da nossa arqueologia, especialmente da região de Guimarães;
foi reorganizador dos três museus e da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento;
foi grande admirador e cultor da memória do insigne vimaranense Martins Sarmiento.

A Arqueologia nacional perdeu um distinto arqueólogo.

Eu perdi um amigo que muito estimava e admirava pelo seu labor no âmbito da Arqueologia bem como pelo alto prestígio a que alcançou a Sociedade Martins Sarmiento, com a sua diligente e vigorosa actuação durante 47 anos, primeiro 7 anos como Secretário Geral (1925-1932) e depois 40 anos como Presidente (1932-1972).

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Agosto 1972

SANTOS JÚNIOR *

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Helmut Schlunk

O Prof. Helmut Schlunk faleceu na Alemanha em Endingen, no dia 9 de Outubro de 1982.

Foi um distinto arqueólogo, fundador do Instituto Arqueológico Alemão em Madrid, que, sob sua direcção, durante muitos anos prestou relevantes serviços à Arqueologia Peninsular.

Este eminente arqueólogo, promoveu, incentivou e realizou importantes pesquisas arqueológicas quer na Espaha quer em Portugal. O justo critério e o rigor científico como procedeu às escavações, e o subsequente estudo dos materiais colhidos conferiram-lhe «una vocem» o justo título de Mestre em Arqueologia. Por isso as Universidades de Sevilha, Oviedo e Salamanca lhe conferiram o honroso grau de Doutor Honoris Causa.

Helmut Schlunk deixou gloriosa memória da sua actividade como arqueólogo, e deixa um grupo de discípulos e colaboradores que não deixarão de honrar a sua memória prosseguindo com interesse crescente os estudos de Arqueologia Peninsular.

Ao Instituto Arqueológico Alemão em Madrid, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia apresenta condolências pelo falecimento do seu ilustre Director.

SANTOS JÚNIOR



REVISTA BIBLIOGRÁFICA

PRÉHISTOIRE ARIÉGEOISE — Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège — Tome XXXVI — Année 1981.

A Sociedade de Pré-história de Ariège tem publicado em cada ano um tomo, com muito boa documentação iconográfica, excelente apresentação tipográfica e colaboração de especialistas nas matérias dos muitos e variados artigos publicados. Por este conjunto de atributos a «Préhistoire Ariégeoise» figura entre as revistas francesas de arqueologia, lado a lado das do plano de primazia, e lugar de justo relevo entre as revistas internacionais de especialidade.

Há 25 anos presidiu ao Conselho de Administração da Soc. de Pré-história Ariège, e orientou a publicação da revista o Prof. Louis-René Nougier, distinto Prof. da Univ. de Toulouse que por se ter jubilado é «Professeur émérite de l'Université de Toulouse» e «Président honoraire de la Société Préhistorique de l'Ariège».

Cada tomo abre com um artigo feito por consagrados especialistas internacionais, constituindo uma galeria de retratos, «sorte d'Académie internationale de la plupart des très grands nombres de la Préhistoire», como se lê, pág. 16, do tomo que passamos a analisar em síntese.

O tomo abre com o retrato do Henri Delporte, «Conservateur en chef au Musée des Antiquités Nationales de Saint-Germain-en-Laye», no qual realça as estreitas relações que o homem pré-histórico teve com os animais. Quanto às pinturas e gravuras de animais em cavernas e abrigos, diz que importa descobrir a sua motivação, sem dúvida espiritual.

Segue-se *Vingt-cinq ans de Président*, em que o Prof. Nougier, ao deixar a presidência da Sociedade, faz uma síntese da extraordinária e altamente meritória acção da Sociedade exercida durante um quarto de século.

Vêm depois os artigos, de que me limito a dar os títulos e os seus autores.

La grotte du Cheval à Foix, par Robert SIMONNET, págs. 21-35, 5 Figs.; *Œuvres d'Art mobilier magdaléniennes des anciennes collections du Mas-d'Azil* par Jean CLOTTE, André ALTEIRAC, Christian SERVELLE, págs. 37-70, 21 Figs.; *Correspondance de S. Mandement dans le Bulletin de la Société des amis du Mas d'Azil*, págs. 71-76; *Art magic mythologic et religions*, par Louis-René NOUGIER, págs. 77-92; *Essai de classification des peintures bovidiennes du Tassili*, págs. 93-113, 5 Figs.; *Nouvelles stations de gravures rupestres au Sud du Djebel Bani (Anti-Atlas — Maroc)*, págs. 115-139, 15 Figs.

SANTOS JÚNIOR

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXIV — FASC. II

SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Trabalhos especiais dos alunos do curso de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

30.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos — Agosto de 1981

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS e J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

O Castro da Curalha — 7.^a Campanha de escavações — 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, ADÉRITO MEDEIROS FREITAS e ANTÓNIO DA EIRA E COSTA:

Campanha de trabalhos no Castelo do Mau Vizinho — Cimo de Vila da Castanheira — Chaves

ROGÉRIO AZEVEDO:

O porco na zoolatria Ibérica

ANTÓNIO DA EIRA E COSTA:

Cavalladas na Campeã — (Marão)

Vária : — Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa — 1981, (CARLOS ERVEDOSA) (págs. 351 a 359); Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta, (JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA e EDUARDO ALBERTO PIRES DE OLIVEIRA) (págs. 360 a 370); O Jogo da Cabra Cega, (JOAQUIM MANUEL REBELO) (págs. 371 a 373); Para sortear «quem fica» nos jogos infantis, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 374 a 380);

Prémio Europeu de Arte Folclórica — concedido ao Grupo dos Pauleiros de Miranda do Douro, (ANTÓNIO MARIA MOURINHO) (págs. 381 a 392); Students' Organizing Committee, Univ. Laval, Canadá (págs. 392 e 393); Subsídios (pág. 394).

Lutuosa : — Coronel Mário Cardoso (págs. 395 a 398) e Helmut Schlunk (pág. 399).

Revista bibliográfica : — Préhistoire ariégeoise (pág. 400).